

Antônio José Sandmann

Competência
LEXICAL

Produtividade, restrições e bloqueio



Edição Comemorativa



I COMPETÊNCIA I LEXICAL

ANTÔNIO JOSÉ SANDMANN

Editora
LITTA

Antônio José Sandmann

Competência
LEXICAL

Produtividade, restrições e bloqueio

—•••—
Edição Comemorativa

Editora
UFPR



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Alexandre Nodari

Conselho Editorial que aprovou este livro

Allan Valenza da Silveira

Angela Maria Hoffmann Walesko

Diomar Augusto de Quadros

Everton Passos

Fabricio Schwanz da Silva

Jane Mendes Ferreira Fernandes

Ida Chapaval Pimentel

João Damasceno Martins Ladeira

Fernando Cerisara Gil

Kádima Nayara Teixeira

Miguel Gualano de Godoy

Rúbia Carla Formighieri Giordani

Sérgio Luiz Meister Berleze

© Editora UFPR

COMPETÊNCIA LEXICAL

PRODUTIVIDADE, RESTRIÇÕES E BLOQUEIO

Edição fac-similar

Conversão Digital
Rachel Cristina Pavim

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

S217c Sandmann, Antônio José, 1932-2017

Competência lexical [recurso eletrônico]: produtividade, restrições e bloqueio / Antônio José Sandmann. – Dados eletrônicos. – [Curitiba]: Ed. UFPR, 2020.

1 arquivo [111 p.].

Edição fac-similar.

Inclui referências: p. [109]-111.

e-ISBN 978-65-87448-25-1

1. Língua portuguesa - Brasil. 2. Lexicologia. 3. Gramática comparada e geral - Morfologia. I. Título.

CDD: 413.028

CDU: 806.90-54

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN (Digital) 978-65-87448-25-1

Ref. 1013

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321
80060-195 - Curitiba - Paraná - Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

2020


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

© *Copyright by* Antônio José Sandmann

Direitos desta edição:

Editora da Universidade Federal do Paraná

Trav. Alfredo Bufrem, 140 – 3º andar

Fones: (041) 264-2522 (ramal 119)

(041) 224-6623 (ramal 25)

80020 – Curitiba – PR

Diretor da Editora da UFPR

Roberto Gomes

Conselho Editorial: Clenir de Assis Lopes (presidente), Leilah Santia Bufrem, Antônio Lineu Carneiro, Wanda Maria M. da Rocha Paranh Antonio Pianaro, Joâni Giacomitti, Inês Lacerda de Araújo, Carlos Kantek G. Navarro, Eleidi Alice Chautard Freire Maia, Carlos Avosa Carlos Alberto P. de Carvalho, Affonso Coelho.

Capa: Luiz Cezar Bellenda

Editoração de Texto: Marildes Rocio Artigas Santos

Revisores: Edison Saldanha

Jurema Zaccaron

Revisão final: do Autor

Arte-Final: Elizabete Rodrigues Sales/Amanda de Almeida Guimarães

FICHA CATALOGRÁFICA

Catologação na fonte: Biblioteca Central – UFPR

Sandmann, Antônio José, 1932-

Competência lexical : produtividade,
restrições e bloqueio / Antônio José
Sandmann. — Curitiba : Ed. da UFPR,
1991.

111p. : tabs.

Inclui bibliografia
ISBN 85-85132-56-6

1. Língua portuguesa – Lexicologia.
I. Título.

CDD – 413.028

CDU – 801.3

ISBN 85-85132-56-6

REF. 081

Para

**Branca,
Marcelo, Marcos,
Fátima e Ludmila.**

Cabe-me expressar, aqui, agradecimentos às seguintes pessoas: aos colegas professores José Luiz da Veiga Mercer, Geraldo Mattos Gomes dos Santos e Cecília Inês Erthal pela leitura dos originais, críticas e sugestões; ao Prof. Laertes Francisco Marochi, pela leitura dos originais e trabalhos de revisão; a Célia Nely do Prado, pela datilografia e revisão dos originais.

Curitiba, outubro de 1991.

ANTÔNIO JOSÉ SANDMANN

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS, 11.

1 INTRODUÇÃO

Objeto e metas do trabalho, 13. Hipótese transformacionista x hipótese lexicalista, 16. Método de trabalho, 19. Divisão do trabalho, 21.

2 PRODUTIVIDADE LEXICAL

Introdução, 23. Produtividade sintática x produtividade lexical, 23. Produtividade lexical e lexicografia, 28. Produtividade lexical e lexicalização ou idiomatização, 29. Produtividade lexical e tipos de formação de palavras, 32. Caminhos abertos à produtividade lexical, 40. Produtividade lexical e a expressão da pejoratividade, 42. Produtividade lexical com radicais presos, 44. Produtividade lexical a partir de empréstimos, 46. Produtividade lexical e pragmática, 47. Produtividade lexical: metáfora e metonímia, 50. Produtividade lexical: renovação e inovação, 52.

3 RESTRIÇÕES À PRODUTIVIDADE LEXICAL

Introdução, 59. Restrições à produtividade lexical e aspectos de pragmática, 59. Restrições às bases de derivações, 61. Restrições fonológicas, 61. Restrições morfológicas, 62. Restrições semânticas, 64. Restrições sintáticas, 67. Restrições sintagmáticas, 68. Restrições à produtividade lexical e aspectos de estilística, 70.

4 BLOQUEIO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL

Introdução, 75. Bloqueio por derivados com sufixos de função igual, 77. Bloqueio de formas complexas por formas simples ou outras formas complexas, 78. Bloqueio da produtividade lexical e aspectos de estilística, 80. Casos de não-bloqueio da produtividade lexical na linguagem infantil, 81.

5 TESTES DE COMPETÊNCIA LEXICAL

Introdução, 83. Teste A – adjetivos em *-ento*, 87. Teste B – substantivos em *-ice*, 89. Teste C – adjetivos em *-udo*, 91. Teste D – adjetivos em *-ável/-ível*, 94. Teste E – adjetivos, substantivos e verbos com o prefixo negativo *in-*, 97. Teste F – substantivos com os sufixos *-ção* e *-mento*, 99. Teste G – verbos com o sufixo *-ar*, 101.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 103.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 109.

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

- A — adjetivo
- Aurélio* — *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.
- DM — determinado, elemento subordinante, núcleo da estrutura vocabular.
- DT — determinante, elemento subordinado, adjunto da estrutura vocabular.
- Folha* — jornal *Folha de São Paulo*.
- FPPBC* — *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*, tese de doutoramento de A. J. SANDMANN. Bonn: Romanistischer Verlag, 1986.
- Gazeta* — jornal *Gazeta do Povo*.
- S — substantivo.
- s. — seguinte.
- ss. — seguintes.
- V — verbo.
- Veja* — revista *Veja*.
- * — anteposto a uma palavra, significa que a mesma é agramatical ou inaceitável.
- ? — anteposto a uma palavra, significa que a mesma é de aceitabilidade duvidosa.
- ← , → — sentido ou direção do processo de formação de palavras.
- colocado diante ou depois de morfema significa que o mesmo não ocorre livremente na frase, isto é, é um morfema preso: *-ice*, *anti-*

OBJETO E METAS DO TRABALHO

O presente estudo propõe-se examinar a capacidade que o falante nativo do português atual tem de formar e entender palavras novas. No centro do interesse está, portanto, a observação e descrição da competência do usuário da língua portuguesa, competência que lhe permite formar palavras novas e entendê-las, ao mesmo tempo em que evita formações não previstas pelo sistema ou pela norma ou é capaz de julgar boas ou más as que apreende como receptor. “Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia lexical é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras.” (BASÍLIO 1980, p. 7). Ao enfoque analítico ou de descrição do que foi produzido – de certo modo, portanto, mais “passivo” – contrapõe-se o enfoque sintético, de descrição da competência do que o falante pode produzir, um enfoque, portanto, mais do aspecto “ativo”. Se o presente enfoque privilegia o aspecto dinâmico ou de produção de unidades lexicais novas, não se está afirmando com isso que ele se oponha ao enfoque estático ou de análise do que já foi incorporado ao léxico, isto é, não se subentendem aspectos antitéticos ou antagônicos entre um e outro enfoque. Aliás, as duas abordagens ou estudos, isto é, a do que foi produzido e a do que se é capaz de produzir, perfazem a competência lexical, completando-se, portanto. Exemplificando, poder-se-ia dizer que a competência lexical que permite formar e interpretar *Grevelândia*, palavra que indicava a entrada do *campus* de uma universidade em greve (abril de 1987), orienta também a análise da formação nova, decompondo-a em seus elementos constitutivos *greve* + sufixo *-lândia*, elemento encontrável também em *Uberlândia*, *Rome-lândia*, *Cinelândia*, *Risotolândia*, *Brinquadolândia*, etc., verificando a semântica dos constituintes e do produto, as relações sintáticas entre os componentes da palavra complexa formada e os aspectos morfológicos (*-lândia*, p. ex., é empréstimo adaptado do alemão/inglês *Land/land*). As regularidades ou modelos que subjazem ao processo que orienta a formação de unidades lexicais complexas novas se chamará “regras de formação de palavras” e às regularidades ou modelos que se depreen-

dem das unidades lexicais já integrantes do léxico da língua se chamará “regras de análise da estrutura de palavras”. Por regras se entenderão, por outro lado, os vários conjuntos de regularidades ou constâncias abstraíveis das unidades que compõem atual ou potencialmente o léxico.¹

O que acaba de ser exposto recebe o apoio de DOKULIL 1968, p. 205, o qual diz:

Também do ponto de vista da sincronia podemos distinguir dois aspectos na formação de palavras, o *processual*, que se atém à formação e reprodução de palavras novas, e o *estrutural-funcional*, cujo objeto é a estrutura e função das unidades lexicais.

E mais adiante:

Entre o como uma palavra foi formada e como sua estrutura lexical é posta a funcionar há uma relação estreita. De igual forma, é estreita a relação entre o funcionamento dessas estruturas e a formação de palavras novas.

Se, por um lado, o estudo da competência lexical nos leva a estabelecer regras que orientam a produção de palavras novas, por outro lado nos permite verificar as restrições que limitam a produtividade das regras e os bloqueios que frustram essa mesma produtividade. Por restrições se entendem as limitações a que uma regra está sujeita por sua própria natureza. Em português, o prefixo de sentido negativo *in-* não se deixa combinar, por exemplo, com verbos ou substantivos que indicam ação, com bases, portanto, de natureza dinâmica: **inapertar*, **incontração* (*des-*, por seu lado, não sofre essa restrição: *desapertar*, *descontração*²). Outro caso interessante de restrição de uma regra lexical nos proporciona o sufixo *-ice*. Partindo da intuição, que aceita, por exemplo, uma derivação como *fajutice* (do adjetivo da gíria popular *fajuto* + *-ice*) e rejeita **legalice* e **enxutice* (dos adjetivos da linguagem popular *legal* + *-ice* e *enxuto* + *-ice*), formulam-se regras, com as restrições que a elas são inerentes, de formação de novas unidades lexicais. No caso dos substantivos abstratos em *-ice* (v. *fajutice*, **enxutice* e **legalice*), formula-se, p. ex., a hipótese de que *-ice* se une, hoje, de preferência a bases que, de algum modo, contêm elementos negativos: é o caso acima de *fajuto* em oposição a *legal* e *enxuto*. O estudo das res-

¹ Da formação de palavras novas, de acordo com uma regra ou modelo, se distinguirá a analogia, formação de uma palavra especificamente sob a inspiração de outra(s): exemplos seriam a formação de *extrojeção* pelo modelo de *introjeção*, empréstimo adaptado do inglês *introjection*, e de *urbanitário* de acordo com *eletricitário*, *ferroviário*, *metroviário* etc. (cf. SANDMANN 1986, p. 203).

² Veja mais sobre o uso do prefixo negativo *in-* em ZIMMER 1964 e em SANDMANN 1986, p. 26ss. e 133s., e neste livro às p. 64, 97.

trições que as regras de formação de palavras sofrem constitui uma das preocupações centrais do presente trabalho.

Bloqueio, termo criado por ARONOFF 1976, p. 43, é o fenômeno da não-produção de uma unidade lexical complexa em virtude da existência anterior de outra forma. De *vacinar* se formou *vacinador*, de *puxar*, *puxador* e de *estrangular*, *estrangulador*, mas de *roubar* não se formou e provavelmente não se formará **roubador*, pois o lugar já está ocupado por *ladrão*.³ *Assaltante* bloqueia o emprego de *assaltador* na função ou interpretação nominal (dificilmente se dirá *Os assaltadores fugiram*; o normal é dizer-se *Os assaltantes fugiram*), o que parece não acontecer com *assaltador* em função ou interpretação verbal (*Os assaltadores da casa fugiram* parece-me ser possível ao lado de *Os assaltantes da casa fugiram*). O sistema da língua dispõe da regra de formação de palavras que permite derivar de verbo, mediante o sufixo *-dor*, nomes de agente (*remar* → *remador*). A norma, porém, bloqueia a formação de *roubador* ou o emprego de *assaltador* em função nominal, porque o lugar já está ocupado. Como diz ARONOFF (id. ib.) "blocking is the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another". Nomes de ação em *-ção* e *-mento*, muito difundidos, como *criação* e *balizamento*, p. ex., não têm permitido a formação dos respectivos correspondentes **criamento* e **balização*. Às vezes existem, no entanto, as duas formas (*aferição* e *aferimento*) ou derivações paralelas com outros sufixos da mesma função (*armazenagem*, *armazenamento*), com praticamente o mesmo sentido, outras vezes com diferenças de significado (*salvação* e *salvamento*, *passagem* e *passamento*), para o que se vão procurar explicações que alcancem alguma generalidade.

O estudo do bloqueio das regras de formação de palavras constitui um dos pontos centrais deste trabalho, e no decorrer do mesmo ver-se-á também que, por diversas razões, nem sempre num lugar ocupado é impedida a entrada de formação nova. O *Aurélio* registra, p. ex., *internamento* ao lado de *internação*, palavras sinônimas derivadas de *internar*. Possivelmente o não-bloqueio da formação de palavras tenha a ver com a produtividade: no caso de regras muito produtivas e que normalmente alternam entre si nem sempre uma forma bloqueia outra, caso, por exemplo, da formação de nomes de ação em *-ção* e *-mento*.⁴

³ BURGSCHEMIDT (1977, p. 43) criou para esse fenômeno a expressão "Regel der besetzten Stelle" (traduzo: 'regra do lugar ou da vaga ocupada').

⁴ Veja mais sobre este assunto nas p. 99, 101 deste livro.

HIPÓTESE TRANSFORMACIONALISTA X HIPÓTESE LEXICALISTA

Na gramaticologia tradicional do português, de preocupação eminentemente normativa, a formação de palavras nunca foi um tema de interesse central. Como se pode ver, além disso, em qualquer gramática (cf., p. ex., MANSUR GUÉRIOS 1964, p. 206ss., CUNHA 1976, p. 62ss., e ALMEIDA TORRES 1962, p. 48ss.), o enfoque dado aos estudos se resumia à análise das palavras já formadas e incorporadas ao léxico. O exame da capacidade de os falantes da língua formarem e avaliarem palavras novas não era objeto de preocupação. O estruturalismo, por sua vez, tinha como unidades-bases da língua e de seus estudos o morfema e o fonema, elementos menores do que a palavra. A sentença era considerada uma unidade formada de morfemas, não de palavras. Enquanto a palavra era um vocábulo primitivo, isto é, constituída de um só morfema, ela estava aí incluída, o mesmo não acontecendo com as palavras constituídas de mais de um morfema, as palavras complexas, que constituem a maioria e crescem de importância quando se sabe que são elas que formam o elenco quase exclusivo de unidades novas. Só raramente surge uma unidade lexical nova monomorfemática. A lingüística estrutural, além disso, da mesma forma que a gramática tradicional, preocupava-se precipuamente com o aspecto analítico, isto é, com a descrição das unidades já existentes.

A gramática gerativa transformacional, finalmente, viu na sintaxe, isto é, na sentença e na locução, unidades maiores do que a palavra, o objeto principal de seus estudos. Os vocábulos, enquanto formas simples que coincidem com os morfemas, faziam parte da estrutura profunda, sendo que as complexas eram geradas de acordo com as mesmas regras, regras ditas de transformação, que produziavam as sentenças. Novamente, portanto, à palavra não era reservado o lugar próprio e que lhe compete no contexto dos estudos dos fatos de uma língua. Essa maneira de ver as coisas mudou, no entanto, a partir da publicação de *Remarks on Nominalization*, por CHOMSKI, em 1970.

O entusiasmo inicial, que levou a explicar a produção das unidades lexicais complexas pelas mesmas regras das sentenças, foi em parte gerado pela existência de paralelismos como o seguinte: *Os bombeiros afastaram o perigo. O afastamento do perigo pelos bombeiros*, em que a regra de transformação chamada "nominalização do verbo" não alterou a semântica da sentença. No artigo acima citado, CHOMSKY apresenta, porém, argumentos contrários ao tratamento transformacionalístico das nominalizações em inglês. Um desses argumentos, segundo OLSEN 1985, p. 6, é o seguinte:

Certas nominalizações deverbais (talvez até a maioria) não podem ser caracterizadas simplesmente como uma função composicional

regular do significado da base verbal e de um morfema derivacional: (cp. *try, trial; revolve, revolution; do, deed*). É de se observar, antes, que idiossincrasias assistemáticas são típicas de pares desse tipo, o que exclui uma história derivacional direta, a não ser que se esteja disposto a abrir mão de princípios bem fundamentados da gramática, qual seja o da conservação do significado quando da aplicação das regras de transformação (tradução minha).

Exemplos correspondentes do português teríamos em *receber* – *recepção, salvar* – *salvação, encanar* – *encanamento*. *Recepção*, mais do que o ‘ato de receber’ (cf. *recebimento*), é ‘seção de hotel, restaurante etc., em que os hóspedes são recebidos’ ou ‘cerimônia, reunião’. *Salvação* tem sentido mais de perfeito, ao lado de *salvamento*, em que predomina o imperfeito. *Encanamento* é hoje mais o ‘conjunto dos canos, a canalização’ do que o ‘ato de encanar’.

Outro fato que fala contra a aceitação do princípio de que palavras são formadas como sentenças é a existência de vazios assistemáticos nas regras produtivas de formação de palavras: *estofar* – *estofador*, *cortar* – *cortador*, *roubar* – **roubador*; *peneira* – *peneirar*, *pincel* – *pincelar*, *faca* – **facar*.⁵

Palavras, contrariamente a sentenças, são formadas e passam normalmente a integrar um acervo ou estoque da língua chamado léxico, o qual é atualizado cada vez que o falante faz uso da língua. Como em geral o falante se serve de unidades lexicais usuais já incorporadas ao patrimônio e apenas raramente aciona sua competência para formar vocábulos novos, a formação nova desperta, com maior ou menor intensidade, como se verá abaixo, a sensação de “novidade”, o que não acontece comumente com a sentença, que é, a rigor, sempre nova, pois não é memorizada ou estocada. A propósito desse fato é oportuna a observação de QUIRK et al. 1985, p. 1.532:

From the viewpoint of productivity, therefore, the ordinary user of English (...) must be seen as having a fairly passive role in word-formation – whereas in grammar he has conversely a wholly active role. He *must* construct new sentences: he need not construct new words...

É claro que a sensação de “novidade” tem graus: regras mais produtivas, quais sejam as que formam adjetivos de sentido passivo em *-ável/-ível* ou nomes de ação em *-ção* e *-mento*, despertam menos a impressão do “novo” do que as que formam um adjetivo em *-oso* (*estiloso, moderno*)⁶ ou um substantivo em *-íssimo* (*partidíssima*)⁷. As regras

⁵ Não obstante minha competência lexical rejeitar a palavra derivada **facar*, ouvi essa formação da boca de criança, que a usou no sentido de ‘cortar com a faca’ (veja p. 81).

⁶⁻⁷ Veja mais sobre essas formações em SANDMANN 1986, p. 89s. *Moderno* é do *Aurélio* e *estiloso* da revista *Bizz*, de janeiro de 1988.

de formação de sentenças são acionadas continuamente, o que não se dá com as regras de formação de palavras, e que por isso mesmo são chamadas de "once-only rules". Vejamos o que diz sobre isso ARO-NOFF: "We can think of them as once-only rules. They are thus different from the rules of the syntax and the phonology which must apply in the derivation of every sentence." Parecem-me também oportunos sobre esse assunto pensamentos de JAKOBSON 1971, p. 51:

(...) é a palavra, que pode ser definida como a mais alta entre as unidades lingüísticas obrigatoriamente codificadas — o que quer dizer que construímos nossas próprias frases e enunciados a partir do *estoque de palavras fornecidas pelo código* (o grifo é meu).

E às páginas 38s.:

Mesmo quando outras combinações de fonemas são teoricamente possíveis, o que fala, via de regra, é apenas um usuário, não um criador de palavras. (...) A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal da criação de palavras. Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação.

Um quarto argumento contra a hipótese transformacionalista e a favor da hipótese lexicalista é o da idiomatização ou lexicalização, que afeta quase todas as palavras logo após sua formação. Quando *trabalhador*, p. ex., foi formado, provavelmente era um simples nome de agente, isto é, 'aquele que X (X = verbo da base)'. Hoje, *trabalhador* é isso e muito mais, sendo de destacar dois significados: o de 'laborioso, esforçado' e o de 'membro da classe social dos operários ou obreiros'. *Estacionamento*, mais do que o 'ato de estacionar (um veículo)', é o 'lugar onde se estaciona (um veículo)'. *Calçada* já em sua formação não era simplesmente uma 'calçada grande' senão 'rua fechada aos veículos e reservada à circulação de pedestres'. Um *quadro-negro* ainda é um quadro, mas de repente não precisa mais ser negro. *Pé-de-moleque* é um doce e não apenas um *pé de moleque*. *Cartão*, na origem aumentativo de *carta*, passa a significar objeto menor ou diferente de *carta* e aceita os sufixos de aumentativo (*cartãozão*) e diminutivo (*cartãozinho*), enquanto a *folhinha* 'calendário' não é normalmente uma folha tão pequena assim. *Imperdível* e *indizível*, além do sentido passivo de 'não pode ser perdido/dito', passam a significar 'não deve ser perdido, muito bom' ou, respectivamente, 'extraordinário, raro, incomum', etc.⁸

⁸ A respeito disso é útil o pensamento contido em MATTOSO CÂMARA 1971, p. 45: "Como adverte Friedrich Kainz, na linguagem o todo é mais do que a mera soma de suas partes."

Uma última diferença a destacar entre a sentença e a palavra está na função de ambas. Uma sentença ou frase tem a função de enunciar ou manifestar (função enunciativa ou manifestadora), ao passo que a palavra tem função de rótulo (vamos formar a propósito as palavras *rotulativa* e *rotuladora*?), função nominativa ou designativa, isto é, de dar nome a um recorte do universo bio-físico-social. *Maria vai com as outras*, uma sentença, tem a função precípua de enunciar algo. *Maria-vai-com-as-outras*, um composto, a de rotular ou caracterizar alguém como 'pessoa sem vontade própria'. *Tomara que caia!*, uma sentença, expressa (enuncia ou manifesta) um desejo. *Tomara-que-caia*, um composto, dá nome a um 'tipo de vestido ou blusa sem alças'. *Esse trem é veloz como uma bala* é uma proposição, enquanto *trem-bala* (*Veja*, de 06.05.87, p. 101) é o nome de um trem muito veloz. À objeção de que a *trem-bala* está subjacente uma afirmação – que é, aliás, uma comparação: 'tão veloz como uma bala' – se pode responder que essa função é subalterna, sendo a principal a rotuladora, denotativa ou referencial. O mesmo se dirá de *maria-vai-com-as-outras*. Função de rótulo também cabe, p. ex., a derivados como *pereira* (← *pêra* + *-eira*) e *barbeiro* (← *barba* + *-eiro*) em contraposição, respectivamente, às sentenças integrantes dos sintagmas nominais 'árvore que dá pêras' e 'homem que, profissionalmente, faz a barba e/ou corta o cabelo', cuja função é precipuamente enunciativa.

Como corolário da exposição dessas diferenças entre produtividade sintática e produtividade léxica parece-me estar o de que o léxico de uma língua não pode ser tratado como parte da sintaxe, o de que palavras complexas não são geradas como sentenças, devendo, pois, ser localizadas, no organograma da gramática de uma língua, como unidades prontas, na estrutura profunda. É essa a posição da hipótese lexicalista, adotada neste trabalho.

MÉTODO DE TRABALHO

Para o exame do aspecto da produtividade das regras de formação de palavras servir-me-ei em parte do *Aurélio*, em parte de elementos colhidos de revistas, jornais, cartazes, programas de televisão ou do uso oral formal e informal e em parte do *corpus* em que se baseou a tese *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo* (SANDMANN 1986),⁹ formado este último de 1.128 formações reunidas de 42 jornais diários brasileiros do ano de 1984, a saber, *Jornal do Brasil*,

⁹ Doravante, neste livro, quando é feita referência à sigla *FPPBC* é essa pesquisa que se há de entender.

O Globo e O Estado de São Paulo. Listas ou róis de unidades lexicais como as que se acabou de citar apresentam, no entanto, limitações ou aspectos que é preciso relevar. O *Aurélio* não contém, p. ex., verbetes de palavras prefixadas com *ex-*, no sentido de 'aquele que era': *ex-colega*, *ex-deputado*. Sabemos, no entanto, que *ex-*, no sentido mencionado, pode ser anteposto a todo substantivo que indica 'estado, profissão ou emprego'. Em *FPBC* ocorreram 19 formações, dentre as quais destacamos algumas: *ex-montonero*, *ex-pedessista*, *ex-segundo homem*. O *Aurélio* apresenta também muitas prefixações com *re-* e *des-*, mas certamente não exaure a lista das formações possíveis. O mesmo se pode dizer do sufixo formador de adjetivos a partir de verbos *-ável/-ível*, do sufixo formador de advérbios *-mente* e de muitos outros. Merece, aliás, realce o fato de os dicionários normalmente deixarem de registrar justamente as formas integrantes do léxico produzidas por regras de formação de palavras muito produtivas. No outro rol de palavras acima citado ocorreu apenas uma formação de adjetivo/substantivo com o sufixo *-ense* (*portelense*, da *Escola de Samba Portela*), o que, sem dúvida, se deve ao acaso, pois é só haver a necessidade ou a motivação, e esse sufixo, produtivo já no latim, está a postos para cumprir sua função. Ocorreram também duas formações novas, uma em *-eza* (*moreneza*) e outra em *-engo* (*vilarengo*), sufixos hoje praticamente improdutivos (o caso de *-engo*) ou pouco produtivos (o caso de *-eza*). Creio que esses fatos são suficientes para mostrar que não são apenas os números ou a quantidade de unidades lexicais contidas em listas ou nos dicionários que vão basear considerações sobre a produtividade de regras de formação de palavras.

Para o estudo dos outros dois aspectos centrais deste trabalho, isto é, as restrições ou bloqueios que cerceiam ou impedem as regras de formação de palavras de produzir, servirá de base, num primeiro momento, minha competência lexical ou intuição de falante nativo, tanto no que diz respeito à análise da estrutura das palavras estabelecidas no léxico como no que diz respeito ao reconhecimento da aceitabilidade ou inaceitabilidade de formações novas. Essa competência ou capacidade de intuir será, num segundo momento, tornada explícita, formulando-se as regularidades ou regras que subjazem ao funcionamento ou uso que é feito da língua. Num terceiro serão apresentados e analisados os resultados de teste de aferição da competência lexical ou intuição sobre a aceitabilidade ou inaceitabilidade de formações novas, aplicado a uma turma de 22 alunos do segundo ano diurno do Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná. O objetivo principal do teste é ver até que ponto a competência lexical dos testandos coincide com a minha intuição e com as regularidades apuradas e formuladas, subjacentes ao funcionamento da produtividade lexical. Não menos importante é ver, aliás, se existe esse filtro que, à semelhança das regras sintáticas ou fonológicas, impede a formação de unidades lexicais em

desacordo com as regras estabelecidas ou permite reconhecer se uma unidade produzida está em acordo com ou contraria essas normas. As dimensões do tema do presente trabalho impõem naturalmente limitações quanto ao volume de formações lexicais que serão testadas para ver as inter-relações entre a produtividade lexical e as restrições que disciplinam essa produtividade ou os bloqueios que a impedem de atuar.

Fica aqui esclarecido que, na escolha de unidades lexicais que deverão embasar a exposição teórica, não se perguntará pela variante linguística de que a palavra faz parte, que não se fará diferença entre palavras estabelecidas ou de uso mais ou menos difundido e palavras que o alemão chama de "ad-hoc-Bildungen" (formações "ad hoc") e o inglês, de "nonce-formations". O que interessa é que o modelo se tenha tornado ativo ou que se tenha dado o acionamento da regra de formação de palavras. O enquadramento do produto nessa ou naquela variante é de importância secundária para os objetivos do presente trabalho.

DIVISÃO DO TRABALHO

A divisão deste trabalho obedece, em suas linhas gerais, à sequência de itens constantes do título: após uma Introdução (1), segue uma exposição de aspectos atinentes à Produtividade lexical (2), para o quê, conforme foi observado acima, serão utilizadas principalmente duas fontes: o *Aurélio* e periódicos da imprensa escrita.

Um terceiro e quarto capítulos abordarão fatos que dizem respeito às Restrições (3) e Bloqueios (4), que são, respectivamente, parte imanes das regras de formação de palavras ou não permitem que as mesmas alcancem seus objetivos.

Para ilustrar em parte o que será apresentado nesses dois capítulos, haverá num quinto capítulo a análise do Teste (5) a que já se fez referência no item anterior. Além desses quatro capítulos centrais serão feitas Considerações Finais (6) e se apresentará a Bibliografia consultada.

2

PRODUTIVIDADE LEXICAL

INTRODUÇÃO

Como foi dito na introdução deste trabalho, a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades lexicais estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição. O primeiro momento é o analítico, o segundo, o sintético, o produtivo. Serão apresentados, neste capítulo, alguns aspectos dessa produtividade lexical, comparando-a com a produtividade das regras sintáticas, focalizando seu relacionamento com a lexicografia, algumas conseqüências da lexicalização ou idiomatização sobre a produtividade lexical, a produtividade atual dos diversos tipos de formação de palavras e alguns aspectos mais específicos: caminhos abertos à produtividade lexical, a expressão da pejoratividade, produtividade lexical com radicais presos, a formação de palavras a partir de empréstimos estrangeiros, produtividade lexical e aspectos de pragmática, produtividade lexical: metáfora e metonímia e a renovação e inovação dentro do campo da formação de palavras.

PRODUTIVIDADE SINTÁTICA X PRODUTIVIDADE LEXICAL

Ao se procurar fundamentar, na introdução deste trabalho, a linha aqui seguida, foram abordadas ligeiramente diferenças entre a produtividade lexical e a produtividade sintática. Foi dado destaque, p. ex., às lacunas que se podem encontrar freqüentemente nos paradigmas lexicais (p. 17). Tendo em vista que as unidades lexicais de uma língua formam um rol ou estoque, o que não acontece com as sentenças, e ainda o caráter eventual e irregular da formação de palavras (cf. CHOMSKY 1965, p. 184), foi chamada também a atenção para a sensação de "novidade" que a palavra nova em geral desperta (p. 17), o que não se dá com a frase, que é, por assim dizer, sempre nova.

O caráter esporádico dos processos criativos lexicais foi destacado principalmente por MATTHEWS 1974, p. 52, o qual prefere atribuir à maioria deles o caráter de semiprodutividade (a produtividade é, segundo MATTHEWS, prerrogativa das regras de uso das flexões: feminino e plural dos adjetivos e plural dos substantivos em português, p. ex.):

The formation in *-less* lies on the boundary between the automatic *productivity* of the Plural formation, by which any X yields Plural Xes (barring some general reason to the contrary) and what we will call the *semi-productivity* of the majority of lexical formations...¹⁰

MATTHEWS 1974, p. 50, cita como exemplo dessa irregularidade as lacunas existentes em paradigmas lexicais:

There would thus be a lack of regularity (to put it at its crudest) in any putative series of 'paradigms': *salute* but not *salution*, *elocution* but not *elocute*, *function* but not *funct*, and so on. These gaps are not predictable by general rule.

Exemplos de lacunas em paradigmas lexicais do português são igualmente fartos. Ao lado de *pernoitar* não existe, p. ex., **noitar*. Faltam os verbos correspondentes aos adjetivos *eficiente* e *deficiente* e aos substantivos co-radicais *eficiência* e *deficiência*. Os verbos *comprimir*, *deprimir*, *exprimir*, *imprimir* e *reprimir* conhecem os substantivos correlatos *compressão*, *depressão*, *expressão*, *impressão* e *repressão*, mas só para *imprimir* há o co-radical *imprensa* e só para *deprimir*, o adjetivo *deprimente*. Outros exemplos de lacunas temos nos quadros abaixo:

<i>sufocar</i>	<i>sufocação</i>	<i>sufocamento</i>	<i>sufoco</i>
<i>fabricar</i>	<i>fabricação</i>	—	<i>fabrico</i>
<i>plantar</i>	<i>plantação</i>	—	<i>planto</i>
<i>sustentar</i>	<i>sustentação</i>	—	<i>sustento</i>
<i>internar</i>	<i>internação</i>	<i>internamento</i>	—
<i>receber</i>	<i>recepção</i>	<i>recipiente</i>	<i>receita</i>
<i>perceber</i>	<i>percepção</i>	—	—
<i>conceber</i>	<i>concepção</i>	—	<i>conceito</i>
—	<i>acepção</i>	—	—
—	<i>decepção</i>	—	—
—	—	<i>incipiente</i>	—

¹⁰ A produtividade praticamente plena da formação do plural, p. ex., assemelha-se, de certo modo, à produção automatizada e programada da linha de montagem, enquanto a produtividade lexical, principalmente a dos modelos menos produtivos, tem mais o caráter de manufatura.

<i>enviar</i>	—	—	<i>envio</i>
<i>derramar</i>	—	<i>derramamento</i>	<i>derrame</i>
<i>palito</i>	<i>palitar</i>		
<i>espeto</i>	<i>espetar</i>		
<i>facão</i>	—		
<i>faca</i>	—		
<i>valsa</i>	<i>valsar</i>		
<i>samba</i>	<i>sambar</i>		
<i>rumba</i>	—		
<i>mambo</i>	—		
<i>bolero</i>	—		
<i>frevo</i>	<i>frevar</i>		
<i>tango</i>	<i>tangar</i>		
<i>estofar</i>	<i>estofador</i>		
<i>nadar</i>	<i>nadador</i>		
<i>ensinar</i>	—		
<i>estudar</i>	—		
<i>aprender</i>	—		
<i>pregar</i>	<i>pregador</i>		
<i>peixe</i>	<i>peixar</i>	<i>peixamento</i>	
<i>porco</i>	—	—	
<i>vaca</i>	—	—	
<i>galinha</i>	—	—	

Ao lado da imprezibilidade dessas lacunas é de ressaltar a predizibilidade quase sem exceções dos paradigmas flexionais: veja-se, p. ex., a conjugação dos verbos. Com exceção de poucos verbos defectivos, os paradigmas verbais soem ser completos, lançando-se mão, para isso, muitas vezes, de formas supletivas: *ser, era, fui*.

Nos paradigmas lexicais acima, além da irregularidade de preenchimento de vazios, deve ter chamado a atenção a irregularidade semântica. *Plantação* é hoje estático e concreto, ao lado de *sufocação*, *fabricação* e *internação*, dinâmicos. *Sustentação* tem as duas funções: pode indicar o ato e o resultado, o aspecto imperfeito e perfeito. Dentre as derivações regressivas, em *fabrico*, *plantio*, *envio* e *derrame* predomina o aspecto dinâmico, imperfeito, enquanto em *sufoco* e *sustento*, o estático ou perfeito. Porque *dirigir* e o nominal correspondente *direção* se enriqueceram ou diversificaram semanticamente, formaram-se *direcionar* e *direcionamento*, em que volta a predominar o significado de 'indicar o rumo'. Ao lado disso considere-se a regularidade semântica

de pares como *flor – flores, caderno – cadernos* e *menina – meninas*, em que ao singular de substantivos se acrescentou a flexão de plural.

Como MATTHEWS ressalta na citação acima, referindo-se ao sufixo inglês *-less*, com que se formam adjetivos a partir de substantivos (*careless*), e BAUER 1983, p. 28, citando o caso do sufixo inglês *-able*, com que se formam adjetivos a partir de verbos transitivos diretos (*exploitable*), em muitos processos derivacionais se observa bem maior regularidade semântica e praticamente a ausência de lacunas. Exemplos dessa regularidade no português seriam o sufixo *-ável/ível* (*costurável* e *suprimível*), correspondente ao inglês *-able*,¹¹ o prefixo *ex-* ‘aquele que era’ (*ex-prefeito*) e os prefixos *pré-* (*pré-pombalino*) e *pós-* (*pós-industrial*).

Com referência ao aspecto produtivo das regras de formação de palavras, teríamos, pois, um *continuum*, que vai da produtividade praticamente plena de alguns casos de derivação até uma produtividade bastante limitada. Por causa da produtividade mais ou menos limitada das regras de formação de palavras, MATTHEWS fala de “semiprodutividade”, contrapondo-a à produtividade em geral plena das regras sintáticas. E um fato que influi bastante na produtividade lexical é o da coerência semântica entre a base e o produto da aplicação da regra. ARONOFF 1976, p. 39, testemunha o fato: “As far as I can tell, there is a direct link between semantic coherence and productivity.” E adiante: “The surer one is of what a word will mean, the more likely one is to use it.”

Exemplo de afixo de pouca produtividade, porque de semântica mais complexa e variável, parece-me ser o sufixo formador de adjetivos *-esco*. Sem dar maiores explicações, solicitei a 19 professores universitários, 17 deles do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, que preenchessem o seguinte teste (os números dentro dos quadros indicam as respostas):

	conhecida		nova	
		inaceit.	estranha	aceitável
<i>alencaresco</i> (J. Alencar)	4	5	2	8
<i>amadesco</i> (J. Amado)	—	7	5	7
<i>bilaquesco</i>	—	7	3	9
<i>camonesco</i>	3	5	5	6

¹¹ A função principal do sufixo *-ável/-ível*, que é a de expressar passividade, possivelmente seja responsável por sua grande produtividade, principalmente com adjetivos derivados de verbos e antecedidos do prefixo negativo *in-*: *inconsolável, intransponível, irrecuperável, inatacável, inconfundível* etc. Acrescente-se que no caso dos adjetivos com o prefixo *in-* vem somar-se à expressão da passividade a da negatividade, o que empresta a essas palavras complexas uma densidade semântica apreciável (para mais informações, v. p. 93 deste livro).

<i>carnavalesco</i>	19	—	—	—
<i>caudilhesco</i>	8	1	1	9
<i>chaplinesco</i>	5	4	2	8
<i>dantesco</i>	19	—	—	—
<i>disneyesco</i>	—	7	6	6
<i>grotesco</i>	19	—	—	—
<i>machadesco</i> (Machado de Assis)	4	3	4	8
<i>macunaímesco</i>	2	6	2	9
<i>natalesco</i> (festa de Natal)	3	5	4	7
<i>pitoresco</i>	19	—	—	—
<i>policialesco</i>	16	—	—	3
<i>quaresmesco</i> (Quaresma)	—	6	7	6
<i>queiroseco</i> (Eça de Queirós)	—	9	4	6
<i>quixotesco</i>	19	—	—	—
<i>romanesco</i>	17	—	—	2
<i>vieiresco</i> (p. A. Vieira)	—	6	4	9

Creio que os números falam por si: não há, de maneira geral, com base na intuição, acordo quanto à função exata de *-esco* ou às restrições feitas à base com que esse sufixo pode unir-se. Com relação a *dantesco* e *quixotesco*, p. ex., o *Aurélio* dá como primeiro sentido o de ‘relativo a Dante/D. Quixote’ (em *lopesco*, ‘relativo a Lope de Vega’ é o único sentido apontado), mas o processo metonímico fez com que esses significados se tornassem secundários, passando *dantesco* a significar principalmente ‘horrrível, impressionante’ e *quixotesco*, ‘fantasioso, ingénuo, romântico, sonhador’. Outro sentido frequentemente presente nas palavras derivadas com *-esco* é o do despreço: *policialesco*, *caudilhesco*, *popularesco*,¹² carga emotiva negativa que, conforme o depoimento de alguns professores com que me entretive sobre o teste após sua realização, também estaria presente em *machadesco*, *queiroseco* etc., no sentido de ‘(má) imitação do estilo de Machado de Assis/Eça de Queirós’. Em outras pessoas, *-esco* evoca, conforme os depoimentos obtidos, quando unido a nome de artista, principalmente a idéia de ‘imaginoso, fantasioso’, porém sem a ponta depreciativa que *imaginoso* e *fantasioso* possam conter. A complexidade da regra de formação de adjetivos com o sufixo *-esco* faz-nos concordar em parte com BAUER 1983, p. 293:

By far the most important question that has been realized in the course of this book (....) is the question of irregularity of word-formation. To what extent is it true to say that the processes of word-formation are rule-governed?

¹² Em *FPBC* ocorreram (além de *caudilhesco*) *municipalesco* e *peralvilhesco*, com conotação depreciativa, e *orwellesco*, no sentido de ‘impressionante’, conteúdo tirado da obra “1984”, de George Orwell.

Com a complexidade do sufixo *-esco* compare-se a transparência e simplicidade do sufixo *-(i)ano* 'referente a': *machadiano*, *camoniano*, *bilaquiano* e das palavras de FPPBC: *geiseliano*, *montessoriano*, *malufiano*, *thatcheriano*, *ufscariano*, este último derivado da sigla UFSCar – *Universidade Federal de São Carlos*. O mesmo se pode dizer de *-ense*, que indica 'relação, procedência e origem': *são-joseense*, *são-joanense*, *cascavelense* etc. Se, pois, por um lado, a complexidade semântica de um morfema derivacional contribui para a baixa produtividade do mesmo, a coerência ou simplicidade estimula a produtividade lexical.

PRODUTIVIDADE LEXICAL E LEXICOGRAFIA

O *Aurélio* não registra nenhuma palavra com o prefixo *ex-* 'aquele que era' (*ex-noivo*). Como era de esperar, encontramos lá, no entanto, o verbete com o mencionado prefixo, com seu significado e exemplos de derivados. Advérbios em *-mente*, o *Aurélio* registra alguns: *felizmente*, *facilmente*, *simplesmente*. Outros deixa de registrar, como *antigamente*, *certamente*, *dificilmente* e *rapidamente*, sendo que *certamente*, tendo em vista sua maior complexidade semântica, e *antigamente*, tendo em vista indicar 'tempo', e não 'modo', deveriam, a meu ver, constar. Como se vê, não há muita coerência da parte do *Aurélio* no que diz respeito ao registro ou não-registro de advérbios em *-mente*. Na verdade, seu registro, como no caso de *facilmente* e *rapidamente*, p. ex., é perfeitamente dispensável. Mas esse não é propriamente o assunto que nos interessa. Importante é que se saiba que a produtividade de uma regra de formação de palavras, como diz ARONOFF 1976, p. 36s., não se mede pelo número de entradas lexicais registradas nos dicionários: "With some very productive WFRs, the notion of a list is simply counterintuitive." Referindo-se ao fato de que no dicionário de Walker os advérbios em *-ly* ocupam 34 páginas, ele diz que "we feel somehow that it is superfluous". Aliás, a meu ver, o *Aurélio* registra muitas palavras com o prefixo *re-* e outros sufixos, perfeitamente dispensáveis: *reconstruir*, *reconstrução*, *reconverter*, *reconvalescer* etc.

A propósito do assunto em questão é também oportuno o testemunho de CAVALCANTI PROENÇA 1957, p. 40s.:

A agregação de prefixos, ou sufixos ao radical, visando à formação de novos sintagmas, não necessita de abono em dicionário, pois é processo normal da língua a justaposição de elementos que virtualmente lhe pertencem.

No que diz respeito ao registro ou não de palavras no léxico, vale também aqui a observação que ouvi do Prof. M. GÖRLACH, durante aula de seu seminário sobre "Lexicologia e Lexicografia Inglesas", ministrado durante o semestre de inverno de 1984/85, na Universidade

de Colônia, República Federal da Alemanha: "Was herleitbar ist, ist auslassbar", quer dizer, o que é transparente, isto é, a forma cujo significado é a simples soma do significado dos elementos componentes pode ser omitida, não precisa ser registrada nos dicionários. Conseqüentemente, não se há de medir a produtividade de uma regra de formação de palavras apenas pela lista das entradas dos léxicos. Ao lado das palavras registradas nos dicionários contar-se-ão as que integram atual ou potencialmente o léxico ativo ou passivo dos usuários de uma língua. E por aí se há de medir a produtividade de uma regra de formação de palavras. Para ilustrar o que foi dito e concluir, alguns exemplos: com todos os nomes de pessoas que ganham alguma evidência política, doutrinária ou ideológica podem ser formados substantivos abstratos em *-ismo*: do *Aurélio*: *getulismo* e *janguismo*; de *FPPBC*: *monitorismo*, *nasserismo* e *reaganismo*; da *Folha*, de 15.07.87, p. A-3: *bresserismo*, *funarismo*, *delfinismo* e *simonsenismo*. Ora, a análise dos componentes e a semântica dessas formações não oferecem a menor dificuldade, como não ofereceriam dificuldade os adjetivos/substantivos correspondentes em *-ista*, o adepto, o seguidor, o admirador: *getulista*, *reaganista*, *delfinista* etc. O *Aurélio* omite sistematicamente adjetivos compostos copulativos do tipo (acordo) *brasileiro-americano*, o que é correto, pois essas formações são inteiramente transparentes. Formações com *anglo*, *afro*, *teuto*, *euro* etc., tendo em vista principalmente o fato de serem formas abreviadas, são registradas.

Finalmente, o trato lexicográfico das palavras com morfema de grau. Praticamente de todo substantivo, principalmente dos concretos, pode ser formado o aumentativo ou diminutivo em português, tanto na função de indicar tamanho maior ou menor do que o normal como na de indicar a emocionalidade do falante, o apreço ou despreço.¹³ Cresceriam, pois, enormemente em volume nossos dicionários se fossem registrar todas essas derivações. Naturalmente eles não o fazem. O que se faz é registrar as formas lexicalizadas, aquelas que não são mais inteiramente transparentes. É esse o caso, p. ex., de *fardão* e *calção*, que não são os simples aumentativos de *farda* e *calça*, ou de *tabuinha*, *cursinho*, *madrinha* e *padrinho*, que não são simplesmente o diminutivo de *tábua*, *curso*, *madre* e *padre*.

PRODUTIVIDADE LEXICAL E LEXICALIZAÇÃO OU IDIOMATIZAÇÃO

Depois que a palavra é formada e se estabelece dentro do estoque mais ou menos comum de unidades lexicais utilizadas pelos falantes de

¹³ CARVALHO 1976, p. 2, chama a função dos morfemas de grau de indicar tamanho menor ou maior do que o normal de "função lógica" e a função de indicar apreço ou despreço, de "função psicológica".

uma língua, ela normalmente sofre um processo de lexicalização ou idiomatização, processo que também pode ser chamado de desmotivação, isto é, o todo não é mais a simples soma das partes: *amável* não é mais 'aquele que pode ser amado' ou 'que é digno de amor', é aquele que é 'gentil, polido'; *bóia-fria* não é a 'comida fria', mas aquele 'que come comida fria', e o sentido (v. *Aurélio*) não parou aí; segundo o *Aurélio*, importamos do francês *vendável* (*vendable*) 'que tem boa venda, que se vende com facilidade', enquanto *vendível* tem simplesmente a acepção de 'que pode ser vendido'; porque *desprezível* se idiomatizou para 'digno de desprezo, abjeto, vil', na *Gazeta*, de 08.04.87, p. 36, se cunhou *desprezável*, com a semântica regular de 'que pode ser desprezado, desconsiderado': "(...) mas compõem uma desprezável minoria."

Naturalmente a lexicalização tem graus: o *quadro-negro*, também conhecido como *quadro-de-giz*, embora não precise mais ser preto, ainda é um quadro e com função bem específica; o *pé-de-pato* e o *pé-de-cabra*, mais aquele do que este, ainda são um tipo de pé; em *pé-de-moleque* e *pé-de-galinha* guarda-se apenas uma remota relação metafórica e em *pé-de-meia* e *pé-de-valsa*, uma associação metonímica igualmente distante com a palavra *pé*; *mão-boba* pode ter como referente ainda um tipo de mão, enquanto em *mão-fechada*, por uma dupla transferência metonímica, o referente é uma pessoa (excessivamente econômica) e em *mão-pelada*, por associação metonímica, o referente é um tipo de cachorro-do-mato. Em *pontapé* oculta-se ou subentende-se a 'batida' ou 'golpe' com a ponta do pé. Aliás, quanto mais o conjunto dos elementos que formam uma palavra complexa se afastar ou isolar, semântica, fonológica e morfológicamente, dos elementos que o compõem individualmente, mais perfeita será a integração e mais claramente se caracterizará a nova unidade lexical (v. a propósito *mancheia*, usado principalmente na locução *a mancheias*).¹⁴

No que diz respeito à produtividade lexical, a lexicalização tem também suas conseqüências, no sentido de estimular ou motivar a produção de novas unidades, neutralizando restrições ou limitações às regras ou afastando os bloqueios que se lhes impõem. Alguns exemplos:

— Quando *picareta* passou a significar na gíria popular 'pessoa que usa de meios escusos para obter vantagens', passando inclusive a ser usado adjetivamente, foi neutralizada a restrição que impedia a formação de *picaretagem* (cf. os parentes *bobagem*, *sacanagem* e *vadiagem*). Veja-se, por outro lado, que **machadagem*, **foiçagem*, **enxadagem*

¹⁴ O pai de um menino de 8 anos contou-me que o filho entendeu com mais facilidade o sentido de *planalto* do que o de *planície*. Evidentemente a explicação está em que, para o menino, o composto era mais transparente do que o derivado, principalmente em se tratando de um sufixo erudito e improdutivo como *-ície* (o mesmo não se dirá da variante *-ice*). *Plano* e *alto* são auto-semânticos, enquanto *-ície* é sinsemântico.

etc. são inaceitáveis. O mesmo se pode dizer de *barbeiragem*, *veadagem*, *galinhagem* e *bichice*, formas que só se tornaram possíveis quando *barbeiro* passou a significar também o ‘mau motorista’ ou o ‘mau profissional’ (cf. **marceneiragem* e **cabeleireiragem*), *bicha* e *veado* assumiram o sentido de “efeminado” e *galinha*, o significado de “mulher volúvel” ou “que se entrega facilmente” (v. *Aurélio*).

— A assunção de sentido concreto por *novidade*, *asneira*, *besteira* e *beleza* permitiu a formação de *novidadeiro* e *novidadezinha*, de *asneirada*, *asneirar*, *asneirente* e *asneirola*, de *belezoca*, *belezinha* e *belezaria*, de *besteirinha* e *besteírol*, esta última, cruzamento vocabular de *besteira* + os dois fonemas do nome próprio *Bisoi*, forma ouvida em notícia política da TV Manchete.¹⁵

— A idiomatização de aumentativos e diminutivos permite que um sufixo derivacional de grau não seja o último da série de afixos, admitindo inclusive outro sufixo de grau e até de semântica oposta: *facãozinho* (na BR-101, próximo a Joinville, há um rio chamado *Facãozinho*), *facãozão*, *cartãozinho*, *portãozinho*, *calçãozinho*, *mosquitinho*, *pontilhãozinho*, *celulazinha* (nesta última formação acresce a obliteração do fato de que *-ulo* é um sufixo de diminutivo, aliás hoje improdutivo).

— A substantivação de *baixinho* ‘pessoa baixa, menino’, na linguagem familiar, permitiu a formação do coletivo *baixinhada*, expressão que ouvi, com referência a um grupo de atletas mirins, em campeonato de natacão.

— Na formação de *amargor*, *amargura* e *amargueza*, a partir de *amargo*, a especialização do sentido contribuiu para a diversificação de formas.

— A necessidade ou a vantagem para a clareza da comunicação levaram à formação de *são-paulino* (relativo ao São Paulo Futebol Clube), *paulista* (relativo ao habitante do Estado de São Paulo) e *paulistanano* (relativo ao habitante da cidade de São Paulo). O *Aurélio* traz, além desses, *são-pauleiro*, como regionalismo baiano aplicado aos sertanejos que vão ao Estado de São Paulo para trabalhar nas fazendas de café, e os derivados de derivados *paulistense* (relativo à cidade de Paulista) e *paulistanense* (relativo à cidade de Paulistana). Em *paulistanense* temos, na verdade, três estágios sucessivos de derivação: *paulist.an.ense*. A passagem a nome próprio do derivado gentílico *londrina* ‘relativo a Londres’ permitiu a derivação ulterior *londrinense* ‘relativo à cidade de Londrina’. Fato análogo temos em *curitibano* ‘relativo a Curitiba’ e *curitibanense* ‘relativo a Curitibanos’.

¹⁵ Testemunhou-me o Prof. José Luiz Mercer que conhece *besteírol* como uma formação lexical irônico-jocosa a partir de *besteira* + *-ol*, elemento encontrável também em *Eucalol*, *Fosfosol* etc.

– Tendo em vista que *costureiro* especializou seu significado para ‘profissional da costura (arte de coser), alfaiate’, formou-se *costurador* para referência ao ‘operário que trabalha na costuradeira’ (aparelho usado na encadernação de livros). *Costurador* ouvi também com relação à pessoa que “costura” no trânsito.

– Os vários sentidos de *concreto* levaram à formação de derivados diferentes como *concretar* e *concretizar*, *concretagem*, *concretização*, *concretude* e *concretismo* e *concretista*.

– A lexicalização de *supermercado* permitiu a derivação de *supermercadinho*, forma que encontrei em Curitiba.

– *Jabuticabalense* e *bananalense* só puderam ser formados quando os coletivos *jabuticabal* e *bananal* passaram a ser nomes próprios (*Jabuticabal* e *Bananal*).

– *Salvamento*, semelhantemente a muitos outros substantivos em *-mento* ou *-ção*, foi formado quando *salvação*, mais do que o ‘ato de salvar’, passou a significar o ‘resultado do ato de salvar’. Semelhante é a situação de *direção* e *direcionamento*, *recibo*, *recepção* e *recebimento*, *regulamento*, *regulagem* e *regulação*, *atenção* e *atendimento*, *procuração* e *procura*, *ressurgimento* e *ressurreição*, *aborto* e *abortamento* etc. Em muitos pares ou conjuntos de palavras aqui arrolados não é naturalmente apenas o aspecto estático ou dinâmico, perfeito ou imperfeito, ou, na terminologia de BASÍLIO 1983, p. 76, o sentido nominal ou verbal que propicia a formação de outro(s) vocábulo(s). *Atenção*, p. ex., não é só o ‘resultado do ato de atender’, é também ‘amabilidade, dedicação, concentração’. *Atendimento*, por sua vez, é mais pobre semanticamente. Conforme o *Aurélio* é o “ato ou efeito de atender”.

Vimos, portanto, que a deriva semântica, fenômeno comum nas unidades lexicais que passam a integrar o rol de palavras usuais de uma língua, age no sentido de levantar as restrições ou de provocar o desbloqueio, entaves que limitam ou frustram a produtividade das regras de formação de palavras. Por outro lado, a motivação dita “secundária” das formas compostas ou derivadas tende a diminuir, melhor dizendo, também o signo complexo, secundariamente motivado, tende a se tornar arbitrário, a se desmotivar.

PRODUTIVIDADE LEXICAL E TIPOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Em *FPBC*, p. 211, foi feita uma estatística das palavras novas encontradas no *corpus*, que transcrevemos:

Das 1.128 formações novas, 37 são palavras com semiprefixos, 64 palavras fazem parte dos tipos especiais de formação de palavras (25 abreviações, 17 elipses, 7 cruzamentos vocabulares, 3 reduções),

12 formações analógicas), 260 palavras são composições (um verbo, 42 adjetivos, 217 substantivos, dentre os quais 181 do tipo S+S, 7 do tipo S+A, 13 A+S, 9 S+de+S, 6 V+S, 1 do tipo S+NUM), 767 são derivações (8 derivações regressivas, 27 conversões, 4 derivações parassintéticas, 298 prefixações, 430 sufixações, dentre as quais 282 substantivos, 98 adjetivos, 35 verbos, 15 advérbios).

Dentre os fatos que essa estatística revela, alguns merecem destaque: quase 70% das formações são derivações, sendo que predominam as sufixações e dentre essas, os substantivos, que, aliás, também constituem a maioria dos compostos. Dos substantivos compostos ganham destaque os formados de substantivo + substantivo (*trem-bala*, *deus-dinheiro*) – 181 dos 218 –, o que se explica pelo fato de ser difícil uma sequência, mesmo que fixa ou constante, do tipo adjetivo + substantivo (*alto-verão*), substantivo + adjetivo (*frente-única*, *fio-dental*) ou substantivo + de + substantivo (*jogo-de-cintura*, *mão-de-vaca*, *dente-de-leite* e *mão-de-boneca*) se diferenciar ou isolar do grupo sintático correspondente. Na verdade falta ao português um molde, com características fonológicas, morfológicas e sintáticas fixas, de acordo com o qual se formem compostos que se distingam clara e facilmente dos grupos sintáticos correspondentes. Em alemão, p. ex., diferentemente do português, há esse molde: dos elementos compostos, sempre o primeiro recebe o acento tônico, não há flexão ao final do primeiro constituinte, a saber, no meio do composto, e a ordem estrutural dos elementos de compostos determinativos é sempre DT-DM, determinante-determinado (v. mais sobre esse assunto em *FPPBC*, p. 167ss.).¹⁶

Um fato que precisa também ser realçado é o crescimento do tipo de compostos de substantivo + substantivo (S+S) a partir principalmente de grupos sintáticos formados de substantivo + preposição + substantivo. Em passado mais remoto cunharam-se *seguro de vida*, *seguro contra acidentes* e *seguro contra incêndio* (enfatize-se que não são substantivos compostos, porém grupos sintáticos ou grupos de palavras constantes e de denotação fixa). Mais recentemente foram criados *seguro-saúde*, *seguro-desemprego*. A *bolsa de estudos* conhecemos há mais tempo. Há pouco tempo vi nos corredores da Universidade cartaz-convite para *bolsas-trabalho* e pensei logo que também poderiam ser oferecidas *bolsas-pesquisa*, *bolsas-treinamento* e *bolsas-estágio*. Seja como for, quando se vê multiplicarem-se formas como *salário-referência*, *salário-desemprego*, *salário-base*, *salário-educação* ou *auxílio-natalidade*, *auxílio-creche*, *auxílio-doença*, *auxílio-funeral*, *usina-piloto*, *projeto-piloto*, *experiência-piloto*, *palavra-chave*, *homem-chave*, *peça-*

¹⁶ Com base em teste que aplicou, GÜNTHER 1981, p. 263s., chega a admitir que, em alemão, o tipo de compostos de S+S é de produtividade ilimitada, isto é, que "toda combinação de dois substantivos simples pode (...) constituir-se numa palavra possível do alemão".

chave, língua-padrão, escola-padrão, operário-padrão, navio-escola, museu-escola, comandante-chefe, carro-chefe, Ministro-Chefe do Gabinete Civil/Militar etc., penso ser legítimo falar em expansão da produtividade desse modelo.

Como se depreende da estatística apresentada no início deste item, a pesquisa em questão mostrou que todos os tipos principais e especiais de formação de palavras do português estavam mais ou menos abundantemente representados. Dentre os prefixos destacaram-se *anti-*, com 39 formações (*anticultura, antiecológico*), 34 com *des-* (*descartável, desfavelar*) e 26 com *auto-* (*automedicação, autofinanciar-se*). Os sufixos mais produtivos foram: a) sufixos formadores de substantivos:¹⁷ 49 com *-ista* (*cordelista, terceiro-mundista*), 38 com *-inho* (*dinheirinho, empurrãozinho*), 33 em *-ismo* (*entreguismo, golpismo*), 28 em *-ção* (*favelização, saarização*) e 25 em *-mento* (*desfavelamento, emparedamento*); b) sufixos formadores de adjetivos: 26 com *-ante* (*acachapante, frustrante*) e 9 com *-ável/-ível* (*descartável, suprimível*); c) sufixos formadores de verbos: 13 em *-ar* (*esnobar, farofar*), 11 em *-izar* (*computadorizar, instrumentalizar*). Com o sufixo verbal ainda hoje produtivo *-ecer* só foi registrada a formação nova parassintética *ensombrecer*. *Implodir*, da terceira conjugação, deve ser visto como uma forma analógica, criada pelo modelo de *explodir*, cuja raiz (*plodir*) é presa.¹⁸ Sufixos nominais que se mostraram pouco produtivos foram *-eza*, com a formação *moreneza* (“a moreneza do socialismo de Brizola”), e *-dura*, igualmente com uma formação: *laqueadura*. Sufixo de adjetivo que apareceu com apenas uma formação foi *-ense* (*portelense* ‘relativo à Escola de Samba Portela’), o que ilustra bem a necessidade de distinguir produtividade atual ou real de produtividade potencial, pois esse sufixo é eventualmente produtivo toda vez que se tenha a necessidade de formar um adjetivo/substantivo indicador de ‘origem, relação’ (*maringense, londrinense, paranaense*).

Uma regra de formação de palavras que é relativamente produtiva e que não recebe o devido trato no *Aurélio* e em gramáticas do português é esquecida (v. BECHARA 1969, p. 214ss., e ROCHA LIMA 1972, p. 173ss., p. ex.) é a da formação de agentivos em *-ão* (feminino *-ona*: *fujão - fujona, babão - babona, respondão - respondona*) a partir de verbos. É esse, aliás, assunto que deveria ser tratado com uma amplitude e profundidade que não lhe podem ser dispensados em

¹⁷ Concorde com BASÍLIO 1986, p. 38ss., em “que uma abordagem semântica seria mais adequada do que descrições em termos de categorias sintáticas para muitos processos de formação de palavras, (...)”.

¹⁸ Alunos meus testemunharam a existência do verbo *tever*, com infinitivo em *-er*, ‘ver televisão’, forma, sem dúvida, irregular e de destino incerto. Aliás, o *Aurélio* registra *tevente* ‘telespectador’ (segundo o mesmo dicionário, formada de *tevé + -nte*) e a caracteriza também como forma irregular.

trabalho de tema mais geral como o presente. Mesmo assim, gostaria de abordar aspectos do trato que dá a algumas palavras o *Aurélio*: a respeito de *respondão* e *matão* (feminino *respondona* e *matona*) é dito que são formados de *responder/matar* + *-ão*³ (desse sufixo é dito o seguinte: “Suf. nom. vernáculo = ‘ação’ ou ‘resultado de ação’: arranhão, puxão. (...)”). Há, a meu ver, um equívoco muito grande quando *respondão* e *matão*, que são nomes de agente, e que conhecem formas correspondentes femininas, são analisados como produzidos pela mesma regra que originou *puxão* e *arranhão*, nome de ação. Em segundo lugar, *respondão* e *matão* não são o fruto da soma de *responder/matar* + *-ão*, senão de *respond-/mat-* + *-ão*, do radical do verbo + o sufixo *-ão*. Temos de admitir, portanto, nesses casos, o truncamento do sufixo verbal *-a(r)/-e(r)/-i(r)*, antes de se formar o substantivo, nome de agente, em *-ão*. A respeito de *cagão* é dito que é formado de *cagar*, mas de *mijão* não é dito que é derivado de *mijar*. De *beberrão* é dado como base o verbo *beber*, sem outra explicação, a meu ver necessária, pois nessa formação *-ão* é acrescentado ao infinitivo e não ao radical do verbo, isto é, não há truncamento do sufixo verbal.¹⁹ *Chorão*, *mijão*, *fujão*, *pidão*, *pedinchão*, *vendelhão/vendilhão* e respectivos femininos em *-ona* são registrados, mas não analisados, isto é, não são relacionados aos verbos *chorar*, *mijar*, *fugir*, *pedir* (popular *pidir*), *pedinchar* e *vender*, nem é dito que a terminação é constituída pelo sufixo *-ão*. Gostaria de acrescentar que me são familiares e outras pessoas consultadas confirmaram a existência ou a possibilidade de formação das palavras *colão* (de *colar* (gíria) ‘copiar clandestinamente, durante o exame’), *entrão* ‘penetra’, *filão* (de *filar* ‘pedinchar’), *pulão* (de *pular* ‘aumentar depressa (em bens, fortuna, postos)’) e *fução* (de *fuçar* ‘bisbilhotar’). Parece-me, finalmente, ser oportuno realçar, nessa breve abordagem, a semântica desse sufixo. Não é suficiente, a meu ver, dizer que com esse sufixo se formam nomes de agente, como seria o caso de *respondedor*, *bebedor*, *filador*. Deve-se ressaltar também o aspecto de intensidade que está na semântica desse sufixo curioso, e o *Aurélio* confirma esse aspecto quando diz que *respondão* é aquele que *responde muito...* e *fujão*, o *indivíduo vezeiro em fugir*. FROTA 1985, p. 14ss., dá destaque ao aspecto pejorativo desse sufixo: “Esse sufixo interessa-nos, como elemento formador de adjetivos pejorativos, naqueles casos em que se combina com bases verbais.”

Os tipos especiais de formação de palavras também estavam representados em *PPPBC*, a saber, a reduplicação (*oba-oba*, *tititi*), a analogia

¹⁹ Em *beberrão* houve, provavelmente, a influência dos aumentativos em *-arrão* (*santarrão*). Na *Folha*, de 07.07.88, p. A-13, colhi a frase “O empurrãozinho que faltava para você comprar um Gradiente.”, em que o diminutivo nos revela que o sufixo *-ão* de *empurrãozinho* tem como função principal indicar “nome de ação”, depois a intensidade.

(*empatizar, metroviário*), o cruzamento vocabular, tanto o homófono (*hospitau, mahular*) como o não-homófono (*showmício, janecrete*), e a abreviação, tanto a de palavras, com seus vários tipos (CPI, IBOPE, FUNAI, ELETRO), como a de locuções, também chamada elipse (*o salário (mínimo), a meia (entrada, passagem)*).

Sem querer relegar a reduplicação a um segundo plano, vamos concentrar nossa atenção nos outros tipos especiais de formação de palavras: a analogia, a abreviação e o cruzamento vocabular. Esses tipos de formação de palavras têm de comum o fato de sua produtividade não poder ser atribuída propriamente a regras do tipo adjetivo + *-ice* → substantivo abstrato (exemplo: *fajuto* + *-ice* → *fajutice* 'qualidade de quem/do que é fajuto'), ou substantivo + *-esco* → adjetivo (exemplo: *caudilho* + *-esco* → *caudilhesco*), com o que não se quer dizer que sejam fenômenos inteiramente irregulares, pois se o fossem não haveria nem a possibilidade de atribuir aos exemplos de cada qual rótulo comum. A analogia caracteriza-se por ser um processo de formação de palavras não de acordo com um modelo abstraível dos casos concretos e formalizável, mas com base cada vez em exemplo(s) de palavra(s) já existente(s) na língua: *metroviário* (de *FPPBC*), p. ex., foi formado pelo modelo de *hidroviário, rodoviário, ferroviário* e *aeroviário*, sem que existisse a base *metrovia*, de que pudesse ser derivado regularmente e segundo um modelo que forma adjetivos em *-ário* a partir de substantivos. Na mesma linha registrei no jornal *Gazeta*, de 15.02.87, p. 7, *urbanitário*. Com base em *correntista* 'possuidor de conta corrente' foi formado *rentista* 'o que vive de renda', forma que ouvi em comentário sobre economia, na televisão. Observe-se que *renda* e *render* não têm nenhuma ligação etimológica com (*conta*) *corrente* ou *correr*. Cartaz-convite exposto nos corredores da Universidade era encimado pelo título "Encontro de Mulheres Videastas", cuja última palavra, *videasta*, foi claramente cunhada pelo modelo *cinasta*. Nos editais e corredores da Universidade há constantemente convites para reuniões que tratam da *Estatuinte*, cujo modelo é *constituente*. Embora se possa admitir a formação de *estatuante* a partir de *estatuir*, esse caminho é pouco provável, porque *estatuante* já nasceu substantivo, estágio a que *constituante* chegou pelo processo de abreviação chamado "elipse": *a assembléia constituinte* → *a constituinte* (outros exemplos de elipses: *o guarda de segurança* → *o segurança, as eleições diretas* → *as diretas, a comissão executiva* → *a executiva*). Na *Folha*, de 15.09.87, p. A-2, registrei a formação analógica *disjuntura*, cunhada pelo Senador Roberto Campos pelo modelo de *conjuntura*: "Não dá mais para falar sobre a conjuntura econômica; só se pode falar sobre a 'disjuntura'." No mesmo periódico (7.12.87, p. A-2) registrei *grupúsculo*: "A militância de alguns grupúsculos minoritários de esquerda não poderia (...)." Do latim temos o sufixo de diminutivo *-ulu* (variantes *-ulu*, *-unculu* e *-usculu*), hoje improdutivo, donde se depreende que *grupús-*

culo é forma analógica. O contexto do jornal faz supor que o modelo tenha sido *minúsculo*. Por ocasião de frio inesperado que fez em Curitiba, em novembro de 1986, formei *invernico de novembro* (para uma situação análoga fala-se aqui muitas vezes no *veranico de maio*), e ao preencher convites para uma palestra escrevi *palestrista*. Embora se possa dizer que *invernico* é o diminutivo de *inverno* (*inverno* + *-ico* → *invernico*) e que a *palestrista* subjaz o mesmo modelo de acordo com o qual se formou de *conferência* - *conferencista*, parece-me que no momento de formação dessas palavras prevaleceu o aspecto analógico, isto é, a inspiração das palavras *veranico* e *conferencista*, respectivamente. A analogia também se presta a formações ou usos de caráter mais jocoso: *teoria da enrolatividade*, *bode explicatório* (em vez de *bode expiatório*): “(Neste departamento há muito planejamento e pouco) *fazejamento*”; ou esta, atribuída a jogador de futebol, em desabafo após a derrota de seu time: “Todos falam em problemática, mas ninguém dá a *solucionática*.”

O tipo especial de formação de palavras chamado “abreviação”, rótulo que cobre fenômenos variados, também é um processo bastante produtivo hoje. Ele é parte integrante da vida moderna, com sua complexidade burocrática, administrativa, técnica e econômica, colaborando para a brevidade e densidade da comunicação lingüística. Não é aqui o lugar para uma abordagem mais ampla desse aspecto da formação de palavras — quem desejar fazê-lo, encontrará elementos em BAUER 1983, p. 233s., MARCHAND 1969, p. 441ss., BASÍLIO 1987, p. 37s., SANDMANN 1986, p. 190ss. e outros. Limitar-nos-emos à apresentação e caracterização de algumas formações mais novas, com as quais se quer testemunhar a atualidade desse tipo de formação de palavras novas:

— Tipo “portuga” (a abreviação se faz, sem levar em conta a estrutura morfológica atual da palavra complexa): conforme o *Aurélio*, *portuga*, abreviação adaptada ao final, é uma designação depreciativa para *português*. Nessa linha, mas com conotação variada, podem-se registrar as formas *analfa* (*analfabeto*), *delega* (*delegado*), *o/a batera* (*o baterista*, *a baterista*, *a bateria*), *visu* (do adjetivo convertido em substantivo (*o visual*)), *su* (de *sucesso*), *cerva* (de *cerveja*), *japa* (de *japonês*), *granfa* (de *grã-fino*), *salafra* (de *salafração*) e *reaça* (de *reacionário*).

— Tipo “foto” (a abreviação se faz, omitindo um dos elementos da palavra complexa): *Inter(americano)*, forma usada em Curitiba para designar o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, sucessor do antigo Centro Interamericano; *micro(empresa)*, *micro(computador)*, *máxi/míni(desvalorização)*, *máxi/míni(ssaia)*, *o puxa(-saco)*, *o pré(-primário)*, *a pós(-graduação)*, *o vice(-presidente)*, *a vice(-presidência)*, *a multi(-nacional)*, mais usado no plural (*as múltis*), *pornô* (*pornográfico*, *pornochanchada*), *gorja* (*gorjeta*), *a boca(-de-fumo)*, *o (bate-)papo*, *o (joga-*

dor) lateral (-direito/esquerdo), (tamanho-/família (no contexto, p. ex., de coca família), o coxa(-branca) 'torcedor do Coritiba Futebol Clube'.

– Tipo “constituente” (esse tipo de abreviação recebe também o nome de “elipse”): sintagmas nominais são abreviados, com a manutenção preferencial do adjunto (no caso de *constituente*, p. ex., omitiu-se o núcleo *assemblêia*): *o principal (de uma dívida), o (remédio) entorpecente, a (parte) traseira, o (anúncio) comercial, o (anúncio) classificado, o (vendedor) ambulante, meia (entrada/passagem), o (guarda de) segurança, a (empregada) doméstica, o (câmbio) paralelo, o ((cão) (de)) fila, as (eleições) diretas-já* (formação idiossincrática), *a (educação) física, o (filme de) curta/longa(-metragem), a (comissão) executiva, o (espetáculo) musical, a (operação) cesárea/cesariana, a primeira/terceira (classe), o salário (mínimo), o (exame) vestibular, coisíssima (nenhuma).* Em *salário (mínimo)* e *coisíssima (nenhuma)* foi mantido o núcleo da locução. O resultado *o longa/curta* requereu dupla elipse: *o filme de longa/curta-metragem* → *o longa/curta-metragem* → *o longa/curta*.

– Tipo “FUNAI” (as palavras desse tipo são formadas pelas sílabas iniciais de palavras integrantes de grupos sintáticos fixos, ou frases): *cricri (de criada + criança), Delin (Departamento de Lingüística), mifo (mí/me) fodi, sifo (sí/se) fodeu, aspone (assessor de porra nenhuma), asmene (assessor de merda nenhuma).* Ressalte-se que as quatro últimas abreviações encerram, apesar de tudo, uma intenção eufemística ou de abrandamento.

– Tipo “DCE” (a pronúncia dessas palavras é de acordo com a soletração das iniciais): PT, PDS, PFL, CPPD (*Comissão Permanente de Pessoal Docente*, que conhece a forma diminutiva *Cepepedinha*), CLT, DDD, DDI, CPI, ICM, Q.I., TV, BR. Observe-se que a leitura soletrada das palavras do tipo de abreviação em estudo é devida à ausência de vogais no acrônimo. Já nos exemplos do tipo imediatamente seguinte, a leitura não é soletrada por causa da presença de vogais na sigla. Em ambos os casos a explicação está no tipo de estrutura silábica do português, que permite ou veda a seqüência imediata de determinados fonemas, principalmente consonantais.

– Tipo “UPE” (a pronúncia dessas formações não é de acordo com a soletração, mas como a de uma palavra normal): *ibope, ovni, CIP, INAMPS, IAPAS, MEC, DELEM (Departamento de Letras Estrangeiras Modernas), PREP (Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa).*

– Tipos mistos: *aspade* (assessor para assuntos desagradáveis), CESGRANRIO (*Coordenação das Escolas Superiores do Grande Rio*), FUNDEPAR (*Fundação Educacional do Estado do Paraná*), TELE-

BRÁS, EMBRAFILME, BAMERINDUS, CAFIL (*Centro Acadêmico de Filosofia*), CAARTE (*Centro Acadêmico de Artes*).²⁰

As dúvidas que se possa ter sobre se esses processos abreviativos têm como resultado verdadeiras palavras parece-me que se dirimem diante do fato de que de muitas formas abreviadas se conhecem derivados: *celetista* (de CLT), *Cepepedinha* (de CPPD), já citado, *ufscariano* (de UFScar, *Universidade Federal de São Carlos*), *bamerindiano* (de *Bamerindus*), *dedetizar* (de DDT), *petebizar* (de PTB), *petista* (de PT), (*produto*) *cipado* (de CIP), (*produto*) *sunabado* (de SUNAB), *funde-pariano* (de FUNDEPAR), *otenizar* (de OTN). Também os plurais de siglas que se podem ler na imprensa dão destemunho de que os acrônimos são unidades que não se confundem com os sintagmas que lhes deram origem: CEFETs, CDBs, OTNs etc.

Outro tipo especial de formação de palavras de produtividade atual, que se aproxima aliás da abreviação e que recebe de MARCHAND 1969, p. 356, o nome de “word-manufacturing”, é o cruzamento vocábular, também chamado “contaminação”, “blending”, “composição haplológica”, “palavra-cabide”, “palavra-valise”, “fusão vocábular” (traduzo BUSSMANN 1983). O *Aurélio* registra, p. ex., *intelijumento*, *intelijumência*, *semancol*, *radiola*, *eletrola* e *bestarel* (de *besta* + *bacharel*). Outros exemplos que colhi, utilizando-me das fontes mais diversas: jornais e revistas, cartazes, nomes de entidades, informações de alunos ou colegas ou outros informantes: (*Comunidades*) *Rurbanas*: Comunidades Rurais e Urbanas, programa da Prefeitura Municipal de Curitiba; *Caiobanda* (banda do balneário paranaense de Caiobá); *democradura* (de *democracia* + *ditadura*); *furaco* ou *furaquinho* (de *furo* + *buraco* ou *buraquinho*, confusão típica de linguagem de criança); *esquerdofrênico* (de *esquerdista* + *esquizofrênico*: do artigo “Tempos Pequenos”, de Décio Pignatari, publicado na *Folha*, de 08.05.87, p. 42); *estagflação* (de *estagnação* + *inflação*, empréstimo adaptado do inglês *stagflation*); *pescópia* (de *pesquisa* + *cópia*, designação irônica para “pesquisas” escolares); *Computique*, *Consertóculos* e *Molhonese*, os dois primeiros nomes de lojas e o último, de maionese, com a vantagem de, além de conter a semântica de *maionese*, ser mais motivado ou transparente, pois o empréstimo *maionese* é, no português, indivisível e opaco; ao tempo em que o ex-Ministro Delfim Neto andava às voltas com o FMI, estudantes convidavam, em Curitiba, para uma conferência, usando no cartaz o cruzamento vocábular DELFMI;²¹ em Curitiba há um bar, o

²⁰ As formas abreviadas de centros acadêmicos dos setores de Educação e Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, dão uma idéia da variedade de processos de abreviação: além de *CAFIL* e *CAARTE*, temos *CAAT* (Centro Acadêmico Anísio Teixeira), *CAL* (Centro Acadêmico de Letras) e *CAHS* (Centro Acadêmico de História) etc.

²¹ Criações como *Euroshima* (de *Europa* + *Hiroshima*) e *Eurhythms*, no alemão e no inglês, respectivamente, mostram que cruzamentos vocabulares são formados lá e cá.

Espremidinho, especializado em sucos de frutas principalmente, cujos nomes são cruzamentos vocabulares: *Cenoranja*, *Maçanja*, *Goiabacate*, *Larango*, *Maçango* etc.

O *Aurélio* registra o derivado *construtura* 'modo de construir'. BACK & MATTOS 1972, p. 45, criaram o lexema homônimo *construtura* (e daí derivaram *construtural* – *Gramática Construtural* –), fazendo um cruzamento vocabular de *construção* e *estrutura*: *constru(truão) + (estru)tura* ou *cons(trução) + (es)trutura*:

Ao conjunto de alinhamento e prosódia chamamos *melodia*. A melodia e o arranjo constituem a *construção*: a cadeia fônica considerada como um todo. Se tomarmos a cláusula, veremos que tem estrutura (coesão de períodos) e uma construção (alinhamento de sílabas, prosódia peculiar e arranjo): a cláusula é uma *construtura*. Também são construturas o período, a sentença, a locução e o vocábulo. A língua portuguesa dispõe de cinco construturas lexicais. *Construção e estrutura geram construtura* (o grifo da última frase é meu).

Fazendo um parêntese ao final do presente capítulo, queria chamar a atenção para o fenômeno da criação de nomes de firmas e principalmente de produtos comerciais, que se aproxima de certo modo do cruzamento vocabular. Trata-se da criação de palavras terminadas em *-ex*, p. ex., processo muito em voga: *Mentex*, *Denorex* (xampu), *Pirex*, *Marmitex*, *Marinex*, (Expresso) *Rodex*, *Chamex* (papel), *Durex*, *Errorex* (tinta corretora), *Tetrex*, *Eucatex*, *Cardex* (fichário), *Memorex*, *Panex*, *Telex*, *Fritex*, *Betonex*, *Concretex*, *Repelex* etc.²² Menos férteis são as criações em *-flex* (*Zetaflex*, *Lonaflex*, *Paviflex*, *Caderflex*), em *-mix* (*Usimix*, *Concremix*), *-ol* (*Eucalol*, *Fosfosol*, *semacol*, que o *Aurélio* caracteriza como burlesco, e *besteirool*, usado por Alexandre Garcia, apresentador de noticiário da TV Manchete), e em *-on* (*Nanon* (leite), *Pelargon*, *Orlon*, *Dralon*, *Detefon*, *Micron* (filme), *Avon*, *Teflon* (panela), *Neston*, *Kadron* (marca de escapamento)). Aos constituintes *-mix* e *-flex* ainda se pode atribuir um significado, mas o mesmo não se dá com *-ex*, *-on* e *-ol*, e nisso está a principal diferença entre essas formações e os cruzamentos vocabulares genuínos.

CAMINHOS ABERTOS À PRODUTIVIDADE LEXICAL

Para formar nomes de ação e substantivos abstratos a língua portuguesa conta com diversos sufixos concorrentes. Nomes de ação são

²² Para ilustração suplementar reproduzo, não "ipsis litteris", texto de propaganda televisada das batatas fritas *Fritex*: A menina ao menino: – Me dá um Fritex! O menino: – Só se você me der um beijex. Alguém, atrás, reclama: – Mas que barulhex! Um quarto personagem, irritado com o nervosismo e intolerância do terceiro: – Puxa, que nervosex!

Parece-me igualmente oportuno lembrar a forma *prafrentex*, registrada pelo *Aurélio*. Em Guaratuba, balneário paranaense, firma de reparos de instalações domésticas elétricas e hidráulicas tem o nome sugestivo *Prajax*.

formados, entre outros, com os sufixos *-ção* (*eletrificação*), *-mento* (*monitoramento*), *-dura* (*laqueadura*), *-agem* (*fotocopiagem*), *-ada* (*estiscada*); substantivos abstratos, com *-eira* (*cegueira*), *-ez* (*surdez*), *-eza* (*agudeza*), *-idade* (*senilidade*), *-ice* (*cretinice*), *-ismo* (*patriotismo*), *-ia* (*fidalguia*), *-tude* (*concretude*), *-idão* (*mansidão*). Desses sufixos, alguns são hoje improdutivos ou pouco produtivos.

Ora, quando a base com que se vão formar nomes de ação ou substantivos abstratos já for uma palavra complexa, a escolha por um ou outro sufixo é condicionada pelos elementos que constituem essa base complexa. Há como que uma preferência por um dos sufixos disponíveis ou o que chamaria de caminho aberto ou muito trilhado. Parece-me oportuna a propósito disso a seguinte afirmação de QUIRK et al. 1985, p. 1522:

Rules of word-formation are therefore at the intersection of the historical and contemporary (synchronic) study of language, providing a constant set of 'models' from which new words, ephemeral or permanent, are created from day to day.

Alguns exemplos de caminhos abertos:

— O sufixo *-idade* é preferido por bases terminadas em *-oso*: *morosidade*, *belicosidade*, *cremosidade*; em *-al/-il*: *fatalidade*, *banalidade*, *moralidade*, *fertilidade*, *facilidade*; em *-az*: *sagacidade*, *voracidade*, *capacidade*; em *-ável/-ível*: *acumulabilidade*, *plausibilidade*, *solucionabilidade*; em *-ivo*: *permissividade*, *agressividade*, *competitividade*. A junção com outros sufixos tem como resultado produtos inaceitáveis ou estranhos: **fataleza*, **seletividade* etc. Do sufixo *-idade* diz BASÍLIO 1986, p. 41, com muita propriedade:

A constituição morfológica é especialmente importante em formações *X-idade*, dado que o sufixo *-idade* é produtivo sobretudo em bases morfológicamente complexas. O sufixo se combina com um grande número de sufixos formadores de adjetivos.

— O sufixo *-ção* é privilegiado por bases terminadas em *-izar*: *figueiredização* (*Folha*, de 27.06.87, p. A-2), *flexibilização* (*Folha*, de 03.07.87, p. A-1), *desdolarização* (*FPPBC*), *Umlautizações* (título de dissertação de mestrado, de Maria Vitória Alves de Oliveira, 1979). Em *FPPBC* foram registrados 19 substantivos em *-ção*, formados a partir de verbos-bases terminados em *-izar*, e nenhum em *-mento*. Em *balizamento*, *deslizamento*, *alisamento*, *ajuizamento* e *enraizamento* (*FPPBC*), derivados, respectivamente, de (*baliza* →) *balizar*, *deslizar*, (*liso* →) *alisar*, (*juiz* →) *ajuizar* e (*raiz* →) *enraizar*, não temos, na verdade, um verbo-base em *-izar*. Note-se, por aí, que a preferência das bases terminadas em *-izar* não é motivada por razões fonológicas, porém morfológicas. O sufixo *-ção* é preferido também por verbos terminados em *-(i)ficar*: *coisificação*, *estratificação*, *amplificação*.

– O sufixo *-mento* ocorre normalmente depois de verbos em *-ecer*: *abastecimento*, *emburrecimento* (de entrevista dada por Afonso Romano de Santana ao programa do *Fantástico*), *crescimento*, *aquecimento*, *estremecimento*. Parece que nesse caso se pode admitir uma restrição de ordem fonológico-acústica: **arrefecção*, **amoleção*, **enrijeção*.

– O sufixo *-mento* é preferido depois de verbos formados por derivação parassintética: *encaminhamento*, *enforcamento*, *emparedamento*, *ensalamento*, *endireitamento*, *aleitamento*, *achatamento*, *enfrentamento* etc. *Encadernação*, *intimidação* e o popular *encucação* (FPPBC) foram exceções que encontrei.

O fato aqui apontado de que entre certas bases e os derivados delas formados, preferencialmente mediante determinados sufixos, há um caminho aberto ou um caminho freqüentemente trilhado tem como conseqüência que a forma derivada não desperta normalmente o sabor ou a sensação da novidade. O *Aurélio* registra, p. ex., *ensombrecer*, porém não *ensombrecimento*. Em FPPBC ocorreu o verbo *desdolarizar*, mas não *desdolarização*. Da mesma forma *solucionável*, e não *solucionabilidade*. Essas formas derivadas que acabo de criar não soam, no entanto, como novas, isto é, elas são perfeitamente previsíveis ou naturais, o que quer dizer, em outras palavras, que, tendo-nos familiarizado com *ensombrecer*, *desdolarizar* e *solucionável*, os derivados delas acima formados soam também inteiramente familiares. A propósito disso é esclarecedor o testemunho de MATTHEWS 1982, p. 52:

Many scientific terms in *-ate* and *-ation* also stand in virtually mechanical relationships. Whichever is learned first, the other strikes one more as 'variant' than as 'another word' to be learned individually.

Constitui desafio mais complexo, em geral, determinar o porquê do estabelecimento da preferência entre determinada base e um sufixo, ou o como se estabeleceu essa "afinidade", como o caminho foi se alargando e tornando mais "fácil".

PRODUTIVIDADE LEXICAL E A EXPRESSÃO DA PEJORATIVIDADE

A expressão da pejoratividade mediante o emprego de processos derivacionais de sufixação não é naturalmente tema que se há de esgotar aqui num item inserido dentro do capítulo da produtividade lexical. Parece-me, aliás, assunto bastante complexo e que exigiria uma abordagem também do ponto de vista diacrônico, pois não é questão de menor importância averiguar, p. ex., por que *-ice* se prestou no passado à criação de formas neutras como *meninice* e *velhice*, e *adolescentice* e *adul-*

tice, se fossem hoje formadas por quem visse aspectos negativos especialmente dignos de nota no comportamento de adolescentes e adultos, teriam necessariamente a idéia de despreço. Chama também a atenção o fato de muitos sufixos, é o caso de *-ismo*, p. ex., se prestarem tanto à formação de derivados neutros como de pejorativos. FROTA 1985 não inclui *-ismo* entre os sufixos pejorativos. Dos 33 termos novos em *-ismo*, constantes de FPPBC, 17 têm, no entanto, conotação pejorativa (*clientelismo, assistencialismo, entreguismo, golpismo e fisiologismo*), 16 são de leitura preferencialmente neutra (*comunitarismo, jurisdicicismo, natalismo, reaganismo*), tendendo algumas, conforme o contexto, a assumir facilmente carga depreciativa (*oficialismo* 'o partido político no poder', *estatismo* 'regime político que atribui importância maior ao Estado'). O Aurélio registra *modismo, empreguismo, oportunismo, tecnicismo, democratismo e alarmismo*, entre outros, e lhes atribui conotação de despreço. Com relação à posição do ex-Presidente Sarney de reclamar para si um mandato superior a quatro anos, ouvi, em comentário político de televisão, os termos *fiquismo* e *fiquista* (em alusão ao dia do Fico).

Parece-me importante deixar claro que a pejoratividade não é parte apenas do conteúdo do sufixo, não sendo, portanto, transmitida somente por ele à palavra complexa que se vai formar. O que se quer dizer é que determinado sufixo, preferencialmente a outros, se presta, juntamente com bases negativas, a formar palavras derivadas também negativas. Veja-se a propósito a série *libertinagem, pilantragem, vadiagem, bobagem, sacanagem, barbearagem, picaretagem* etc., em que o sufixo *-agem*, formador de substantivos abstratos, foi unido a adjetivos de sentido negativo.

Outros sufixos que se prestam à expressão da pejoratividade:

-eiro: *patrioteiro* (do Aurélio), *nacionalisteiro* (da Gazeta, de 25.02.87, p. 51: "Foi uma tentativa xenófoba e nacionalisteira a de disfarçar o Plano Cruzado."), *cachaceiro, encrenqueiro, namoradeira, faladeira, arteiro* (com *artreiro* compare-se *artista*), *apiteiro* 'mau árbitro de esportes', *literateiro* (do Aurélio);

-óide: *bestóide, ideológóide e sociológóide* (os dois últimos são da Folha, de 08.05.87, p. 42, artigo de Décio PIGNATARI: "Tempos Pequenos"). Desse sufixo diz MATTOSO CÂMARA 1977, p. 62: "Assim, um sufixo *-óide*, (...), associa-se com a idéia de frustração e passa a ter uma tonalidade de comiseração zombeteira em *molóide* (...), *zebróide* (...), *caprichóide* (...), *cretinóide*.";

-ite: *preguicite, paixonite, governite e tecnocratite* (as duas últimas são de FPPBC e têm o sentido de 'excesso de governo, isto é, de leis, respectivamente, de tecnocracia');

-ento: Em formações como *opulento, nevoento e violento* não se depreende uma carga negativa. O mesmo não se há de dizer, no entanto, de muitos outros adjetivos formados com esse sufixo: *agourento* (do

Aurélio), *farrapento*, *lesmento*, *falcatruento*, *intriguento* (as últimas quatro são palavras que não constam no *Aurélio* e que me parecem aceitáveis);

-*esco*: Esse sufixo, ao lado de significados, entre outros, como 'trágico, impressionante' (*dantesco*, *orwellesco*), 'imaginário, fantasioso' (*quixotesco*, *disneyesco*), presta-se à expressão do desapareço: *policialesco* (do *Aurélio*), *popularesco* (do *Aurélio*), *caudilhesco* (de *FPBPC*), *peralvilhesco* (de *FPBPC*), *municipalesco* (de *FPBPC*, com o sentido de 'provinciano'), *livresco* (do *Aurélio*) (v. mais em FROTA 1985).

Parece-me que aspecto central da pesquisa em torno da expressão do desapareço mediante o uso de sufixos seria o estabelecimento do porquê e do quando, na evolução da língua, determinado elemento começou a se prestar preferencialmente ao uso depreciativo ou à expressão do pejorativo.

A respeito do valor afetivo dos afixos diz RODRIGUES LAPA 1970, p. 83s.:

O estudo dos sufixos é mais importante ainda, em Estilística, que o dos prefixos. Estes acrescentam quase sempre à palavra simples uma idéia puramente intelectual: (...). É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns dos sufixos.

É, porém, MATTOSO CÂMARA 1977, p. 601, quem nos dá uma idéia de como os sufixos podem ter assumido carga emotiva, questão que foi levantada no parágrafo anterior:

Há para assinalar a mais que a expressividade, comum a um grupo de vocábulos, da mesma configuração mórfica, contamina o elemento típico formador. Tem-se assim uma tonalidade afetiva para os sufixos considerados em si mesmos, a qual não raro os distingue melhor do que as significações que a eles se prendem. (...) Assim se destacam em nosso espírito certos sufixos como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase só nisso que se resume. (...) Essa vacuidade nocional facilita o fenômeno da saturação afetiva, e faz de muitos sufixos portugueses uma série de vigorosos elementos estilísticos. Haja vista o sufixo *-ice*, que 'revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais' (XLVII-7), e envolve a informação em repugnância e desprezo, por meio de vocábulos dos mais 'carregados', como *moder-nice*, *bacharelice*, *gramatiquice*.

PRODUTIVIDADE LEXICAL COM RADICAIS PRESOS

Da competência lexical do usuário de uma língua fazem parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes do léxico. Podemos, portanto,

admitir um inter-relacionamento entre as regras de formação de palavras e as regras de análise da estrutura das palavras. Essa interação se confirma quando acontecem formações novas como, p. ex., *monotematismo* (de *FPPBC*), *priorizar* (do *Aurélio* de 1986) ou *involuir* e *involução*, formados pela substituição do prefixo *e-* de *evoluir* e *evolução*. O *Aurélio* registra *temático* e *monotemático*, porém não *tematismo*, o que enfraquece a hipótese de que *monotematismo* tenha sido fruto de prefixação (*mono-* + *tematismo*). Fortalece, por outro lado, a tese de BASILIO 1980, p. 64ss., de que *monotematismo* tenha sido formado, por sua relação paradigmática com *monotemático*, a partir da base complexa *monotemat-*. É oportuno lembrar a propósito as seguintes palavras da autora acima citada (57):

Estas condições de isolabilidade da base (em nosso caso o radical preso) dependem, por sua vez, das várias relações que se pode obter entre a forma em questão e outras formações dentro do léxico.

E mais adiante (70):

(...) devemos esperar que formações novas que sejam baseadas em radicais presos sejam raras na morfologia derivacional, já que só podem surgir em casos em que se observam *relações lexicais com alto grau de sistematicidade* (o grifo é meu).

A posição de BASILIO é revigorada pela concepção dos microsistemas de DARDANO 1978, p. 68, segundo a qual formações com o sufixo *-ismo*, p. ex., estão em relação semântica e morfológica mais íntima com formações em *-ista* e *-ico* e vice-versa: “I tre termini, che costituiscono un microsistema, sono in rapporto reciproco tra loro.”

Em *priorizar* podemos admitir fato análogo. A análise de *prioridade* ou *prioritário* e sua associação, entre outras formas, com *comunidade* ou *propriedade* e *comunitário* ou *proprietário*, respectivamente, nos leva ao elemento *prior-*, um radical preso, a que se uniu *-izar*, formando *priorizar* (compare *comun-* + *-izar* → *comunizar*, p. ex.). Partindo-se, não de radicais presos, mas de palavras livres, os resultados seriam *monotematicismo* (de *monotemático* + *-ismo*) e *prioritarizar* (de *prioritário* + *-izar*), como temos de *místico* + *-ismo* → *misticismo*, *estóico* + *-ismo* → *estoicismo* e de *místico* + *-izar* → *misticizar*. A professora Elisa Campos de Quadros participou-me que, em palestra sobre o “Fantástico na Literatura Portuguesa”, usou diversas vezes *desfantasticizar*, uma derivação parassintética (*des-* + *fantástico* + *-izar*), em que partiu da palavra livre *fantástico*. Se tivesse partido do radical preso (*fantast-*) teríamos *desfantastizar*.

Outros exemplos de formações estabelecidas no léxico em que se partiu de radicais presos: *enfático*, *enfatismo*, *enfatizar*; *simpatia*, *simpático* e *simpatizar*; *antipatia*, *antipático* e *antipatizar*; *fanático*, *fanatismo* e *fanatizar*; *anarquia*, *anarquismo*, *anárquico* e *anarquizar*; *trauma-*

tismo, traumático e traumatizar; automático, automatismo e automatizar; soviético, soviétismo e sovietizar; caótico e caotizar.

Embora seja um processo de pouca produtividade, não se pode afastar a possibilidade de a competência lingüística dar conta da produção e do entendimento de formações novas criadas a partir de radicais presos. Essencial é que a palavra a ser formada se relacione amplamente, pela forma e conteúdo, com outras formas do mesmo paradigma lexical.

Parece-me oportuna aqui a seguinte lição de DRESSLER 1985, p. 9:

Como base para reglas de formación de palabras se prefiere, por lo tanto, la palabra más bien que otros signos más grandes. Por otra parte, se evitan también signos más pequeños que la palabra, esto es los morfemas, como base de reglas de formación de palabra, excepto en lenguajes profesionales y terminologías normales que de por sí poseen un carácter un tanto artificial. Así, por ejemplo, la base de las palabras *hidráulico, hidroterapia, hidratar* no es una palabra que exista en español, sino un morfema científico *hidro-* de la terminología técnica.

PRODUTIVIDADE LEXICAL A PARTIR DE EMPRÉSTIMOS

Por empréstimos podem-se entender tanto as unidades lexicais provindas de outras línguas que são adaptadas e incorporadas definitivamente à língua de destino como, de certo modo, as palavras complexas criadas numa língua de acordo com moldes estrangeiros. Dentre estas últimas podem-se contar, p. ex., compostos em que o determinante (DT) antecede o determinado (DM) — observe-se a propósito que os compostos tipicamente portugueses apresentam a seqüência DM-DT: *vagão-dormitório, vagão-restaurante, general-presidente, presidente-escritor, presidente-empresário, boina-verde, barriga-verde, galinha-verde*. Exemplos de compostos formados de acordo com molde estrangeiro, isto é, que apresentam a estrutura DT-DM: *cineclube, cinejornal, cinevídeo, motoclube, motosserra, motogincana, radiotáxi, radiofarmácia, radiopatrulha* etc. Como fatores a influir na criação desse tipo de compostos devem-se contar, como já foi dito acima, línguas estrangeiras em que predomina esse molde, principalmente o inglês (*boy-friend, girl-friend*), o modelo neoclássico (*filosofia, filologia, ecologia, ecografia, economia*) e o da prefixação (*hiperinflação, hipermercado, auto-disciplina, automedicação*).²³ Dentre as formações a partir de emprés-

²³ Embora não se trate de substantivos compostos, parece oportuno apresentar alguns nomes próprios formados de acordo com o molde DT-DM: *São Paulo Futebol Clube, Lucy Calçados, Galeão Supermercados*. Com esses comparem-se alguns nomes próprios cujos constituintes estão na seqüência DM-DT: *Clube de Regatas Flamingo, Camisaria Mauá, Farmácia Minerva, Churrascaria Cruzeiro*.

timos destacam-se as de verbos: *esnobe* (do ingl. *snob*) → *esnobar*, que deu, por sua vez, *esnobação*, *esnobada*; *surfe* (do ingl. *surf*) → *surfear*, *surfista* (o Aurélio registra como definitiva a forma *surfe*; parece-me, no entanto, que esse não é o caso, pois tenho ouvido, além da pronúncia inglesa, a forma *serffe*), com *e* fechado, ao lado de *surfear* e *surfista*, ambas com *u*); *cheque* (ingl. *check*) → *checar*; *blefe* (ingl. *bluff*) → *blefar*; *estresse* (ingl. *stress*) → *estressar*; *lanche* (ingl. *lunch*) → *lanchar*, *lancheira*, *lancheria*, *lancheiro*; *boxe* (ingl. *box*) → *boxear*, *boxeador*; *chute* (ingl. *shoot*) → *chutar*, *chuteira*; *umlaut* (al. *Umlaut*) → *umlautizar*. Alunos de Letras que têm contacto com a Informática testemunharam-me o emprego oral e escrito dos verbos *inputar* (ingl. *input*) e *outputar* (ingl. *output*), com as grafias e pronúncias ainda não inteiramente adaptadas ao português. É curioso que o inglês lança mão constantemente da conversão para formar verbos de substantivos ou de palavras de outras classes gramaticais: *stress* e *to stress*, *check* e *to check*, *lunch* e *to lunch*, *shoot* e *to shoot*, *surf* e *to surf*. O português importa o substantivo e forma o verbo correspondente mediante o acréscimo obrigatório de sufixo verbal. Diferentemente do inglês, servimo-nos, portanto, de um processo composicional ou aditivo: *esnobe* → *esnobar*, *lanche* → *lanchar*.

Os adjetivos derivados de antropônimos estrangeiros formam-se da mesma maneira que os formados a partir de antropônimos vernáculos, a saber, de preferência com o sufixo *-iano*: *hamletiano*, *shakespeareiano*, *geiseliano*, *montessoriano*, *thatcheriano*, *beethoveniano*, *bachiano*.

PRODUTIVIDADE LEXICAL E PRAGMÁTICA

Serão analisados neste item alguns casos em que a produtividade das regras de formação de palavras se prende a fatores ligados ao referente ou extralingüísticos, isto é, a produtividade lexical passa a ser função da realidade física, biológica ou social a que o código lingüístico se reporta. QUIRK et al. 1985, p. 1.531, ilustram essa situação peculiar com dois exemplos do inglês:

We do not have *doorleg* (beside *doorknob*) because doors do not have legs. We do not have *legchair* (beside *armchair*) for the opposite reason: that it is normal for chairs to have legs (though many are designed without legs).

ro. A seqüência DT-DM, própria também do sintagma nominal inglês formado por adjetivo e substantivo (*new glasses*, *beautiful girl*) e de topônimos como *New England*, *New Zealand*, *New Caledonia*, *New Foundland* deve ter influído na formação dos nossos topônimos *Nova Londrina*, *Nova Erechim*, *Nova Petrópolis*, *Grande Rio*, *Grande São Paulo*, *Grande Belo Horizonte* etc.

No português há numerosos verbos, aparentemente formados pelo mesmo processo: *desligar*, *descomer*, *desfazer*, *depenar*, *desossar* e *descarnar*. Numa análise mais detida, porém, ver-se-á que os três primeiros conhecem uma base verbal que é forma livre e corrente na língua: *ligar*, *comer*, *fazer*. O mesmo não se há de apurar com relação aos três últimos: **penar* (no sentido de 'cobrir(-se) de penas'), **ossar* e **carnar*. Daqueles se dirá que são o resultado de simples prefixação: *des-* + *ligar*, *des-* + *comer*, *des-* + *fazer*. Destes se deverá dizer que são frutos de derivação parassintética, isto é, de acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo a uma base substantiva: *des-* + *pena* + *-ar*, *des-* + *osso* + *-ar*, *des-* + *carne* + *-ar*.²⁴ O que, porém, é importante dizer e o que interessa propriamente aqui é que os verbos **penar*, **ossar* e **carnar* não foram formados porque o 'cobrir(-se) de penas', 'formar ossos ou carne' são fenômenos naturais que não requerem, por assim dizer, um signo lingüístico, melhor dizendo, os usuários do código lingüístico não sentiram ou não sentem a necessidade de expressar esses fenômenos por meio de um signo lingüístico verbal. O mesmo já não se dirá das intervenções do homem na natureza, arrancando as penas (*depenar*) ou separando a carne dos ossos (*descarnar*) ou estes daquela (*desossar*). A formação, por processo parassintético, de *depenar*, *desossar* e *descarnar* e a não-formação das possíveis bases correspondentes (**penar*, **ossar* e **carnar*) se devem, portanto, a fatores pragmáticos, isto é, a disposições do universo biofísicosocial. De muitas formações se pode dizer que necessitariam de um contexto situacional para se legitimarem. Verbos que, entre outros, se explicam, em sua formação, como *depenar*, *desossar* e *descarnar* são: *descascar*, *descaroçar*, *desfavelar*, *desvirginar*, *expatriar*, *descabaçar*, *desfolhar*, *desmatar*, *despetalar*, *desratizar*, *descafeinizar* e *desnicotinizar* (os três últimos exemplos estão em DARDANO 1978, p. 29, nas formas *derattizare*, *decaffeinizare* e *denicotinizare*).

Outros exemplos em que fatores pragmáticos influíram na formação ou não-formação de unidades lexicais do português:

– Usos e costumes sociais ou religiosos levaram à formação dos substantivos compostos do tipo "V+S" *beija-mão* e *beija-pé* e os hábitos do colibri levaram à formação do composto metonímico que o designa

²⁴ Segundo ponto de vista que me comunicou o Prof. Geraldo Mattos, no que comumente se chama "derivação parassintética" ter-se-ia, na verdade, uma derivação sufixal a partir de um sintagma preposicional: *expatria+ar*, em que a *ex patria* caberia a interpretação "fora da pátria", ao sufixo verbal *-ar*, a de "levar", e ao *-r*, a de "flexão de infinitivo". Em *entardecer*, analogamente, a interpretação seria "levar para dentro da tarde". Há no português e no alemão um tipo de formação que se aproxima do em estudo, e que o alemão chama de *Zusammenbildung*: de *drei Ecken* 'três ângulos' se formou *dreieckig* 'triangular', de *zwei/vier Türen* 'duas/quatro portas' se formaram *zweitürig/viertürig* 'provido de duas/quatro portas'; exemplos do português: *quatroanista* 'adepto do mandato de quatro anos' e *sextanista* 'aluno do sexto ano'.

também *beija-flor*. De outros compostos com o verbo *beijar* não se tem notícia, não por restrições da língua, mas porque não houve motivação para tanto.

— Pelas razões acima expostas criaram-se *mata-burro*, *mata-cavalo*, *mata-junta*, *mata-campo*, *mata-piolho*, *limpa-chaminés*, *arranca-toco*, *limpa-trilhos*, *arranca-rabo*, *fura-bolo*, *quebra-dedos*, *quebra-nozes*, *quebra-molas*, *tira-teima* etc., e deixaram de ser formados muitos outros possíveis, dependentes apenas de motivação: *?mata-homem*, *?mata-mulher*; *?limpa-casas*, *?limpa-roças*, *?arranca-cravo*, *?fura-pedra*, *?quebra-tijolo*, *?quebra-vidro*, *?tira-espinhas*, *?tira-bolas*, *?descasca-batatas*, *?odeia-garotas*, *?odeia-chefes* etc. A motivação, por outro lado, levou à criação de *caça-recordes*, designação do multirrecordista mundial em corridas, o marroquino Aouita (*Veja*, de 29.07.87, p. 87).

— *Nariz*, *barriga* e *orelhas*, entre outras partes do corpo humano, chamam especialmente a atenção quando suas dimensões são acima do normal. Por isso, a familiaridade de *narigudo*, *barrigudo* e *orelhudo*. Outros adjetivos em *-udo*, para designar partes do corpo humano salientes, seriam *sobrancelhudo*, *pestanudo*, *braçudo* e *pezudo*, aliás bem menos freqüentes que os primeiros. *?Dedudo*, em contraposição, é uma palavra que, por razões pragmáticas, tem pouca probabilidade de formação.

— São, sem dúvida, fatores pragmáticos que deram origem a *pulguento*, *sarnento*, *caspento* e *piolhento* e não a *percevejento*, possivelmente porque o percevejo não se faz tão facilmente percebido aos sentidos humanos e porque não é fato tão freqüente em nossa cultura urbana razoavelmente higienizada.

— O inglês conhece *detrain* ‘fazer sair do trem’ (*de* + *train*). No português não se sentiu a necessidade de formar um correspondente *destrenar*. O som semelhante faz lembrar do fato de que o português conhece *treinar*, mas não *destreinar*, de certo porque o tornar-se *destreinado* não requer de exercícios, da intervenção de um agente, não se necessitando, conseqüentemente, de um lexema que expresse esse fato.

— *Sambar* e *valsar*, derivados de *samba/valsa*, são verbos familiares. *Tangar* o *Aurélio* também registra. *Frevar* ouvi em programa de televisão que focalizava o carnaval de 1987, em Olinda. Nunca ouvi *?bolerar*, *?mambar* e *?rumbar*, o que não é uma deficiência da língua. A muita/pouca familiaridade ou inexistência de determinado verbo para expressar ‘dançar X (X = ritmo da base)’ é uma questão ou contingência de cultura, isto é, da pragmática.

— São, de certo, fatores não-lingüísticos que levaram à formação de *peixar* (no *Aurélio* com o sentido de ‘desenvolver a piscicultura’) e do derivado *peixamento* (no *Aurélio* e *Gazeta*, de 08.04.87, Caderno Imobiliário, onde faz parte do título “Peixamento de Lago Atrai Muita Gente”) e não à de **porcar*, **galinhar*, **patar* ou **minhocar* etc.

— Para indicar o ‘que cursa determinado nível de escolaridade’, encontramos no *Aurélio* os substantivos *primeiranista*, *segundanista* etc., até *sextanista*, porém não de *?setimanista* em diante. A razão há de ser o fato de normalmente não se ter curso com duração além de seis anos. Por razões outras, por outro lado, não se formaram até agora derivados de numeral ordinal + semestre (*?primeirossemestrista* etc.), que, analogamente aos primeiros, designariam o que cursa determinado nível dentro do regime semestral.²⁵

PRODUTIVIDADE LEXICAL: METÁFORA E METONÍMIA

Em *FPBC*, p. 173, foi dito que “o critério semântico é (...) o melhor critério para distinguir a palavra composta do grupo sintático paralelo” e que “para distinguir o significado do composto lexical do significado do grupo sintático a metáfora e a metonímia desempenham papel importante”. Lá mesmo foram dados alguns exemplos em que a mudança do significado se deveu a fatores metonímicos e metafóricos. Exemplos em que houve a atuação de fatores metonímicos (a transferência ou ampliação do significado de uma unidade lingüística se dá por contigüidade ou associação espacial): *salário mínimo* → *salário-mínimo* ‘pessoa que recebe salário mínimo’, *pé de meia* → *pé-de-meia* ‘economia’, *bóia fria* → *bóia-fria* ‘trabalhador sem vínculo empregatício...’ (v. sentido completo no *Aurélio*), *dedo duro* → *dedo-duro* ‘pessoa que acusa outra’. Exemplos em que fatores metafóricos são responsáveis pela formação do composto (a transferência ou ampliação do significado de uma unidade lingüística se dá por associação baseada na semelhança): *vúva negra* → *vúva-negra* ‘aranha preta’, *pé de moleque* → *pé-de-moleque* ‘doce de amendoim’, *pé de galinha* → *pé-de-galinha* ‘ruga no canto externo dos olhos’, *perna de moça* → *perna-de-moça* ‘pescadinha’, *pente fino* → *pente-fino* ‘operação policial’.

A grande produtividade, primeiramente da formação de compostos por associação metafórica, está testemunhada nos mais diversos campos de atividade ou do conhecimento humanos, também, e talvez principalmente, a nível popular:

— nomes de animais: *vúva-negra*, *peixe-espada*, *peixe-agulha*, *cação-martelo*, *perna-de-moça*, *tatu-bola*;

— nomes de plantas: *dente-de-leão*, *banana-maçã*, *banana-figo*,

²⁵ Na *Folha*, de 23.07.87, p. A-5, registrei o neologismo *quatroanista* ‘o que defende um mandato de 4 anos para o Presidente Sarney’, para cuja formação se partiu da locução formada do numeral cardinal *quatro* e do substantivo *anos*.

laranja-cravo, *laranja-lima*, *corda-de-violão* 'erva daninha', *penete-de-macaco*;

– nomes de ferramentas/utensílios: *pé-de-cabra*, *pé-de-pato*, *rabo-de-tatu* 'chicote', *rabo-quente* 'ebulidor';

– diversos: *remédio-porrete*, *malha-fina* 'operação policial', *efeito-dominó* 'efeito ou reação em cadeia', *ataque-relâmpago*, *rato-de-praia*, *olho-de-sogra*, *baba-de-moça*, *rabo-de-cavalo*, *jogo-de-cintura* 'flexibilidade', *zero-à-esquerda*.

Precisa-se, naturalmente, distinguir formações como *vüiva-negra* e *perna-de-moça*, em que o composto todo forma uma metáfora, de compostos como *trem-bala*, *peixe-espada* e *remédio-porrete*, em que apenas o determinante (*bala*, *espada*, *porrete*) está sendo empregado em sentido figurado. Os primeiros são compostos exocêntricos (*perna-de-moça* não é mais uma perna, porém um peixe), e os segundos, endocêntricos (*trem-bala* ainda é um trem). No caso dos compostos metonímicos (v. logo abaixo), tem-se, em geral, formações exocêntricas: em *pátria-amada* não se tem mais uma pátria, porém um referente que é uma pessoa, a saber, uma pessoa que fala muito da pátria, porém apenas dos lábios para fora; da mesma forma, o referente *dente-de-leite* não é mais um dente, mas o jogador de futebol entre os sete e doze anos.

Compostos em que a associação é metonímica ou espacial:

– nomes de animais: *mão-pelada*, *peito-roxo*, *rabo-de-palha* 'tipo de ave';

– tipos humanos, classes sociais, profissionais, etc.: *pé-de-valsã*, *mão-aberta*, *mão-fechada*, *cu-de-ferro* (abreviado, por razões eufemísticas, para *cê-dê-efe*), *perna-de-pau*, *pátria-amada* 'patrioteiro', *pele-vermelha*, *cara-pálida*, *bóia-fria*, *boina-verde*, *dente-de-leite*, *barriga-verde*, *camisa-verde*, *lateral-direito* 'jogador de futebol', *lateral-esquerdo* 'jogador de futebol', *meio-campo* 'jogador de futebol';

– diversos: *pé-de-meia*, *mesa-redonda*, *ferro-velho* 'loja que negocia com sucata', *chapa-branca*. Bastaria folhear um dicionário, para constatar que as listas podem ser ampliadas, algumas enormemente.

Note-se que nos compostos do tipo "V+S" também há uma base metonímica, isto é, uma associação por contigüidade: *Ele caça dotes* → *Ele é um caça-dotes*. Outros exemplos: *fura-bolo*, *vira-bosta*, *vira-casaca*, *vira-lata*, *beija-flor*.

Em princípio metonímico está baseada também a elipse, ou melhor, porque podemos sempre, por associação espacial, reconstituir o composto ou o grupo nominal originário, recuperar a completitude do sintagma, é possível o processo de abreviação chamado elipse: *o avião de caça* → *o caça*, *o coxa-branca* → *o coxa* 'torcedor do Coritiba Futebol Clube', *o salário mínimo* → *o salário*, *a boca-de-fumo* → *a boca*, *o guarda de segurança* → *o segurança*. Na ampliação do significado de *a cestinha* 'cesta pequena' para *o/a cestinha* 'jogador(a) de

basquete que faz muitos pontos' e de *estalinho* 'estalo fraco' para *estalinho* 'fogo de artifício pequeno', a base é igualmente metonímica. Nesses dois casos está-se, aliás, em terreno que talvez não se possa chamar de "formação de palavras", e os lexicógrafos tratariam, provavelmente, o primeiro e o segundo *estalinho* bem como a primeira e o segundo *cestinha* como variantes dos lexemas *estalinho* e *cestinha*, respectivamente. Um outro caso interessante de formação por metonímia que gostaria de citar aqui é o de *pinel* 'pessoa adoidada, amalucada', substantivo comum derivado do nome próprio *Pinel*, constante do nome de hospitais psiquiátricos.

Possivelmente o processo metonímico seja, nas mudanças semânticas que se operam nas unidades lexicais do português, um fenômeno mais geral e freqüente do que o metafórico. Baseiam essa suposição, p. ex., fatos generalizados como a passagem de "sentido abstrato" para "sentido concreto" e de "ação" para "resultado de ação". Ilustram a mudança de "sentido abstrato" para "sentido concreto": *novidade* 'qualidade do que é novo' → *novidade* 'coisa nova, notícia' e *besteira* 'ação tola' → *besteira* 'coisa ou quantia insignificante' (é dos concretos que se derivam *novidadezinha* e *novidadeiro* e *besteirinha*). Exemplos de palavras que, da função de indicar "ação", passaram à de indicar "resultado de ação": *plantação*, *regulamento* (por isso se formaram depois *plantio* e *regulagem*, para os atos de *plantar* e *regular*, respectivamente). Devem-se também ao processo metonímico especializações ou ampliações de sentido como as ocorridas em *recepção*, que, além de 'ato de receber', significa 'reunião' e 'seção de hotel, restaurante ou repartição pública em que os hóspedes/as pessoas são recebidas' (por isso a formação de *recebimento* para o 'ato de receber').

Há a observar, finalmente, que, em formações como *pé-de-boi* 'pessoa muito trabalhadora', semelhantemente ao caso de *cornudo*, *chifruído*, *aspudo*, *guampudo* ou *galhudo* 'marido de mulher adúltera', as forças criadoras, tanto do processo metonímico como do metafórico, estão presentes para a criação do composto. Na comparação com o boi está a metáfora, na limitação ao pé, a parte pelo todo, a metonímia. Nas designações para 'marido de mulher adúltera', na comparação da vida sexual humana à animal está a metáfora, na restrição ao chifre, a parte pelo todo, a metonímia. Em *galhudo*, por sua vez, há mais uma etapa a considerar: a metáfora da comparação do chifre do animal com o galho da árvore.

PRODUTIVIDADE LEXICAL: RENOVAÇÃO E INOVAÇÃO

Como bem observaram QUIRK et al. 1985, p. 1.522,

(...) the rules themselves (like grammatical rules) undergo change: affixes and compounding processes can become productive or lose

their productivity; can increase or decrease their range of meaning or grammatical applicability.

Em FPPBC foram registradas 49 formações novas em *-ista* (*petista*, *indiretista* 'defensor de eleições indiretas para Presidente da República', *pratista* 'tocador de pratos', etc.), apenas uma em *-engo* (*vila-rengo*) e *dis-* (*disfusão*), 2 com *hiper-* (*hiperinflação*, *hipermercado*) e *-oso* (*clangoroso*, *preconceituoso*). Ao lado de apenas 1 palavra com *dis-*, houve 34 com *des-* (*despolicinado*, *desinflacionar*), ao lado de apenas 2 com *hiper-*, houve 18 com *super-* (*superliquidação*, *supertime*), e 26 adjetivos em *-ante* (*desmoralizante*, *tatibitiatante*) ao lado de apenas 2 em *-oso*. Creio que a intuição é suficiente para podermos afirmar que *-ista* continua sendo um sufixo muito produtivo. Bastou a discussão em torno da duração do mandato do ex-Presidente Sarney para se criar *quatroanista* (*Folha*, de 23.07.87, p. A-5) 'defensor do mandato de quatro anos', e sem constrangimento se poderia formar *cincoanista* 'defensor do mandato de cinco anos'. Aliás, em qualquer disputa eleitoral poderá haver *Xistas* contra *Yistas* e, possivelmente, *Zistas*. Não é, contudo, com a mesma facilidade que se vai criar um adjetivo/substantivo em *-engo* e mesmo um adjetivo em *-oso*. *-Ista* é um exemplo de afixo, ao lado de muitos outros, que foi produtivo e continua produtivo. *-Engo* (veja-se *realengo*, *verdolengo*, *monstrengo* e *mulherengo*) possivelmente já foi mais produtivo, o que se pode afirmar também de *-oso* (*gostoso*, *formoso*, *laborioso* etc.).²⁶

Quanto a *dis-* (veja-se acima o exemplo *disfusão*), parece-me hoje morto, pois evoluiu para *des-*, ou *des-* é a forma modificada de *dis-* como *en-*, fértil ainda hoje na produção de derivados parassintéticos (*engarrafar*, *emparedar*), é a forma evoluída de *in-* 'para dentro': (*induzir*, *incluir*), sendo a forma *disfusão* de certo modo um anacronismo (deveria, a meu ver, ser *desfusão* (da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro)). *Hiper-* é sufixo de uso mais restrito do que *super-* (este está até adquirindo "status" de adjetivo: *gasolina super*; *uma casa super*; em "outdoor" de propaganda de café, li: "Todo o sabor de um super café"), mas por isso mesmo é mais enfático.

Dos sufixos empregados para formar nomes de ação, *-ção* e *-mento* competem em produtividade e ambos sobrepujam *-ura/-dura/-tura* (*feitura*, *laqueadura* e *formatura*), *-agem* (*tiragem*, *lavagem*) ou *-ada* (*es-*

²⁶ Quando ouvi colega de trabalho perguntar a outro se a dor de cabeça dele era "do tipo enxaquecoso", tive uma sensação de estranheza, o que outros falantes terão possivelmente também. Causa, também, espécie a carga depreciativa que o sufixo *-oso* depõe sobre o adjetivo *moderno*so.

tudada, passeada).²⁷ Para formar substantivos abstratos lança-se hoje mão de *-idade (ininteligibilidade)*, *-ismo (patrulhismo)*, *-ice (chochice)*, eventualmente de *-eza (moreneza)* e *-eira (asneira)* — a estatística possivelmente diria que essa é a ordem decrescente em produtividade — sendo que *-ia (fidalguia, cortesia)*, *-idão (rouquidão, lentidão, sofreguidão)* e *-itude (completitude, amplitude)* estão mortos. Morto está também o prefixo *ob-*: *obcecar, obsceno* (veja-se que *sub-*, em contrapartida, continua produtivo; exemplos de FPPBC: *subabitação, subemprego, subempreiteira*). Dos 18 sufixos de diminutivo e dos 16 de aumentativo que o BECHARA 1969, p. 219s., enumera, a maioria está morta. Dentre os diminutivos destaca-se em produtividade *-inho (cursinho, escolinha)*, hoje lexicalizados no sentido de ‘curso preparatório para exames ou concursos’ e ‘ensino e prática de modalidade esportiva’: *escolinha de basquete, vôlei, natação* etc.). Com *-ete* registrei *cartazete, sofanete* e *disquete*, este último, da linguagem do processamento de dados e possivelmente um empréstimo — a pronúncia aberta do *e* tônico corrobora a hipótese de que seja empréstimo. *-Ico* deve eventualmente prestar-se a formações novas: com base em *veranico (de maio)* formei *invernico (de novembro)*.

Dos aumentativos estão vivos *-ão (bolsão, calção, Pelezão)* e *-aço*. Este, aliás, está experimentando uma fase de revivescimento e até de inovação semântica. No passado criaram-se formas como *ricaço, barcaça* e *copaço* (do BECHARA ib.), em que predomina a idéia de aumentativo, e *munhecaço* e *pataço* (do Aurélio), em que sobressai o significado de ‘golpe, pancada’ e secundariamente está presente o sentido de ‘forte, violento’ (no Aurélio, *pataço* é traduzido como ‘coice ou pancada com a pata; patada violenta’). Segundo esta última tradução, unem-se em *-aço* o significado de ‘golpe, pancada’ e o de ‘forte, violento’. Em formações mais novas, o aumentativo, com conotação valorativa ou não, é a tônica: *barulhaço, caçarolaço, programaço, gamadaço, badernaço, jogaço, golaço, goleiraço, mulheraço (mulheraça), frangaço* (da gíria do futebol). Em *chutaço* e *joelhaço* estão presentes os significados de ‘golpe, pancada’ mais o de ‘forte, violento’. A intensidade persiste em *apitaço, buzinaço* e *panelaço*, mas houve uma deriva semântica no sentido de não se ter mais ‘pancada’ ou ‘golpe’, porém ‘toque’ em *buzinaço*, ‘manifestação ruidosa’ (com apitos/panelas) em *apitaço* e *panelaço*. Em *picaretaço* (*Gazeta*, de 02.08.87) temos tanto a idéia de ‘golpe’ como a de ‘manifestação’ (o jornal faz referência ao emprego de picareta em demonstração contra o ex-Presidente Sarney e comitiva, próximo da Academia Brasileira de Letras). Já em *academaço* (*Folha*,

²⁷ *-Ada* tem a particularidade semântica de indicar, em geral, ‘ato breve’, juntamente com a base.

de 03.07.87, p. A-2), igualmente criado para referência à 'manifestação ruidosa contra a comitiva presidencial nas proximidades da Academia Brasileira de Letras', o elemento 'lugar' foi acrescentado em ingrediente do significado da formação nova, aliás um pouco estranha e, de certo, por isso mesmo empregada pelo jornal entre aspas. O ingrediente "lugar" junta-se ao de "manifestação" também em *quartelaço*, forma que se refere à manifestação militar, durante a Semana Santa de 1987, na Argentina. Seja como for, a necessidade de recursos expressivos novos, a que se pode acrescentar um certo modismo, fez com que *-aço* experimentasse uma renovação inusitada e até inovação no sentido do alargamento de sua semântica.²⁸

A duplicidade ou complexidade funcional ou semântica de *-aço* é de certo modo comparável com a do sufixo *-ão*, formador de substantivos a partir de verbos: *respondão*, *fujão*, *mijão*, *chorão* etc., palavras que unem em si a semântica de 'nome de agente' com a de 'intensidade' ou 'habitualidade' e 'desapreço'.

Prefixos que estão em fase muito produtiva são, sem dúvida, *micro-* (*microempresa*, *microtrator*) e *mini-* (*minibluza*, *minipreço*, *minidesvalorização*, *minicomercial* 'prato feito', *minirregimento* (*Folha*, de 04.06.87, p. A-8), sendo que o mesmo não ocorre com intensidade igual em *macro-* (*macroassalto*) e *maxi-* (*maxidesvalorização*). Creio que se podem indicar duas causas para o aumento dessa produtividade: de um lado o desenvolvimento da microinformática, de outro a necessidade de elementos mais neutros para a indicação do tamanho pequeno principalmente. Esta última afirmação se tornará mais compreensível, quando se considerar que os sufixos de grau são por demais usados para indicar a emocionalidade. Se não, comparemos formações como as seguintes: *microempresa* e *empresazinha*, *minirreforma* e *reformazinha*. *Empresazinha* e *reformazinha* tendem a transmitir, conforme o contexto, conotações de apreço ou desapreço, o que não se dá com *microempresa* e *minirreforma*.

Sufixo que experimenta emprego freqüente, mas que não constitui propriamente novidade recente, é *-lândia*, adaptação do alemão/inglês *Land/land* 'terra, país', semântica de muitos topônimos brasileiros: *Uberlândia*, *Romelândia*, *Bragalândia*. Hoje, no entanto, a semântica é

²⁸ Em quadro do programa de televisão "Viva o Gordo", um general gaúcho enfermo responde, irritado, à enfermeira que carregava sua linguagem de diminutivos: "Um general não toma sopinha, mas sopaço, um general não tem perninha nem bracinho, mas pernaço e braçaço." O sufixo *-aço*, além da função aumentativa, teria aqui a de caracterizar a fala sul-riograndense, com influência maior do espanhol platino, que também conhece o sufixo *-azo* (cf. *FPPBC*, p. 47). Aliás, o Prof. José Luiz Mercer, conforme testemunho oral que ouvi dele, vê, em *cordobazo*, um argentinismo criado há quase duas décadas, o predecessor das formações em *-aço* que designam manifestações ruidosas.

menos específica: o significado é 'terra, lugar, loja etc.': *Brinquedolândia*, *Eletrolândia*, *Chocolândia* (fábrica de chocolates), *Risotolândia*, nome de restaurante, *Grevelândia*, palavra principal de faixa que anunciava a entrada de universidade em greve (abril-maio de 1987).

Revivescimento maior do que *-lândia*, porém, experimentou o sufixo *-ódromo*, sucessor do elemento de composição grego *-dromo/dromo-* 'corrida, pista de corrida'. De umas poucas formações tradicionais (*hipódromo*, *autódromo*, *velódromo*, *cartódromo*), sob o impulso que possivelmente foi dado pela formação mais nova *Sambódromo*, passou-se a formar várias outras. Em *FFPBC* registrei (além de *Sambódromo*) *Camelódromo*, *mictódromo* e *gizódromo*. Formações mais recentes ainda são *bandódromo*, *gayódromo*, *Rockódromo*, *Forródro*mo e *fumódromo* (*Folha*, de 29.08.87, p. A-11); *atropelódromo*, *malhódromo*, *boatódromo* (*Folha*, de 21.07.88, p. A-30: 'Esplanada dos Ministérios, em Brasília'). Em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, de 21.01.84, p. 25, *Do Camelódromo ao Amoródromo*, Carlos DRUMMOND DE ANDRADE, num misto de ironia e jocosidade, "entra", por assim dizer, "na onda" e cria diversos outros termos com o elemento que, segundo ele, não é *-dromo*, porém *-ódromo*: *mendigódromo*, *assaltódromo*, *governódromo*, *comerciódromo*, *populódromo*, *Pliniódromo*, *Ricardódromo*, *Americódromo*, *cupidódromo*.²⁹ É claro que as formas engendradas pela fantasia de um autor não têm a mesma força comprobatória da fertilidade do sufixo demonstrada por formas de uso corrente e estabelecidas no léxico comum. São, no entanto, um testemunho a mais de quem está atento às mudanças que se estão operando na língua. Uma última observação, a saber, sobre a semântica de *-ódromo*. Por processo metonímico, já o sentido do elemento grego passou a significar, além de 'corrida' (*dromoterapia*), o 'lugar onde se corre' (*hipódromo*). Nas formações mais recentes, *-ódromo* significa 'lugar de desfile' (*Sambódromo*, *bandódromo*, *gayódromo*), 'lugar de "show"' (*Rockódromo*), 'lugar de dança' (*Forródro*mo), 'lugar de comércio' (*Camelódromo*), e em *mictódromo* temos finalmente o sentido de 'instalação sanitária' (no *Diccionario de Argot Español*, de V. LEÓN, 1980, encontrei a forma *cagódromo*). Elemento que ficou e é comum a todas essas formações é 'lugar, lugar onde se realiza X, lugar onde X acontece, passa, desfila etc.'

As renovações e inovações dentro da produtividade lexical do português atual, aqui apresentadas, devem ser entendidas apenas como uma

²⁹ Na visão diacrônica a forma é *-dromo/dromo-*, porém na visão sincrônica é *-ódromo*. Temos aqui, portanto, um exemplo de divergência das análises diacrônica e sincrônica. BACK & MATTOS 1972, p. 336ss., apresentam as formas *-ópolis*, *-ófilo* e *-ófogo*, donde se conclui que também usariam a forma *-ódromo*. Em *quadrinhólogo* (*O Estado do Paraná*, 21.02.89, Almanaque, p. 1) também se tem *-ólogo* e não *-logo*.

amostra do que esse tema poderia proporcionar, se pesquisado mais amplamente. Essa limitação é, no entanto, imposta pela própria amplitude e largueza da temática do trabalho ora em realização. Finalizo esta seção com afirmações oportunas de DOKULIL 1968, p. 206:

No que diz respeito ao enriquecimento do léxico, fica claro que a) todas as *formações novas irregulares* (...) devem encontrar lugar na descrição diacrônica da língua, pois elas significam uma alteração da norma em vigor.

E mais adiante:

O revivescimento real de um modelo improdutivo é naturalmente de novo assunto da diacronia.

3

RESTRIÇÕES À PRODUTIVIDADE LEXICAL

INTRODUÇÃO

É de sua própria natureza que regras tenham limitações, que elas tenham campos específicos de aplicação. Se falamos em regras de formação de palavras, estamos afirmando que a elas subjazem regularidades, que há casos em que elas se aplicam e casos em que elas não se aplicam. Quando uma regra de formação de palavras não pode ser aplicada, é porque há restrições à sua força de atuação, são-lhe impostas limitações de vigência. Os sufixos, p. ex., não se juntam a qualquer base para formar palavra nova. Essas restrições à base podem ser de ordem fonológica, morfológica ou semântica. Há restrições aos tipos de elementos que podem ser unidos para formar compostos. As restrições podem ser de ordem sintática ou sintagmática, isto é, a ordem dos elementos constituintes de palavra complexa não é aleatória. Há, finalmente, restrições impostas pela pragmática, isto é, por fatores extrínsecos ao código linguístico.³⁰ As limitações próprias das regras de formação de palavras, que funcionam, por assim dizer, como filtros que limitam ou disciplinam a formação de palavras, constituem o objeto do presente capítulo. A propósito da classificação aqui adotada, parece-me oportuna a seguinte observação de BAUER 1983, p. 84:

(...) the distinction may seem purely arbitrary and rather artificial, but I believe that it is a useful distinction for the discussion.

RESTRIÇÕES À PRODUTIVIDADE LEXICAL E ASPECTOS DE PRAGMÁTICA

BAUER 1983, p. 85ss., fala em duas restrições ou condições de ordem pragmática impostas à produtividade lexical: a primeira condição é a da existência do objeto a ser designado:

³⁰ Para as restrições lexicais, isto é, o impedimento da formação de uma palavra porque a vaga já está ocupada, está reservado o nome de "bloqueio" (v. Capítulo 4 "Bloqueio da produtividade lexical").

As a general rule, a word will not be formed to denote an item/action/quality which does not exist. (...) Of course, 'existence' has to be interpreted in a very wide sense, to allow for fictional and mythological 'existence' as well as observable existence in the world as the speaker knows it, but the general point is clear.

Posso imaginar que a designação familiar do português *fura-bolo* para o dedo indicador soaria como uma formação estranha e de certo modo impossível para quem a ouvisse sem saber a que referente se reporta e de que variante lingüística faz parte. *Mastigar* permite prefixação com *re-* (*remastigar*), não *ruminar* (**erruminar*), a não ser em seu sentido figurado.

A segunda condição de que fala BAUER é a da nomeabilidade:

Not only must a lexeme denote something which the speaker feels to be real, it must denote something which is nameable. Rose (1973: 516), for example, points out that we would not expect to find regularly derived denominal verbs in any language with the meaning 'grasp NOUN in the left hand and shake vigorously while standing on the right foot in a 2½ gallon galvanized pail of corn-meal-mush'. Rose sees this as being because the relationships which can be expressed derivationally are simple and general.

A ênfase que BAUER (ib.) dá ao fato de que as relações que podem ser expressas por meio da derivação devem ser simples e gerais parece-me ser um ângulo importante: de *parede* e *cano* se formaram os parassintéticos *emparedar* e *encanar*. Mas não há parassintéticos formados de sintagmas nominais como *parede de tijolos*, *parede branca* ou *cano galvanizado* e *cano de plástico*. Com o sufixo *-eiro/-eira* formam-se, a partir de nomes de frutas, nomes de árvores: *banana* → *bananeira*, *manga* → *mangueira*, *abacate* → *abacateiro*, *limão* → *limoeiro* (a escolha entre *-eiro* e *-eira* é determinada pelo gênero da base). O português não forma, porém, derivados de substantivos compostos que indicam variedades de frutas como *banana-maçã*, *banana-ouro*, *laranja-cravo*, *laranja-pêra*, *manga-rosa*, *abacate-do-mato*. Não se formam, igualmente, verbos a partir de adjetivos compostos: *americano-soviético* → **americano-sovietizar* (cf. *americano* → *americanizar* e *soviético* → *sovietizar*) nem adjetivos compostos determinativos em que a estrutura não seja binária ou em que as partes estruturadas tenham mais de um constituinte: **lusó-afro-germano-brasileiro*
DT DT DT DM

ou substantivos compostos do tipo "V+S" com mais de um objeto: **o guarda-comida-louça*, **o guarda-vestido-roupa*. A restrição à formação de compostos determinativos em que haja mais de um determinante (*o *guarda-vestido-roupa*)
DM DT DF também pode ser caracterizada como de natureza sintagmática (v. "Restrições Sintagmáticas", abaixo).

RESTRICÇÕES ÀS BASES DE DERIVAÇÕES

Restrições fonológicas

Conforme acentua BUSSMANN 1983, “cada língua dispõe de regras fonotáticas específicas, que descrevem a combinabilidade de fonemas nas diversas posições (no início, meio ou fim da sílaba).” Em português não há, p. ex., combinações como as de *snob*, *Ford* ou *Smith* (por isso mesmo a adaptação para *esnobe*, *Forde* e *ximite*, palavra popular para *revólver*, em que, por processo metonímico, a marca passou a indicar o produto). Conseqüentemente, não se formam palavras novas que contrariem as regras fonotáticas. Outro aspecto a considerar é a opção por um ou outro sufixo — quando há sufixos de função igual — em virtude dos segmentos fonológicos que compõem a base. ETTINGER 1974, p. 75s., ilustra o que se acabou de expor com exemplo clássico do alemão. Nessa língua dois sufixos de diminutivo sinônimos e produtivos estão em distribuição complementar parcial: *-chen* (*Männchen* ‘homenzinho’) e *-lein* (*Fräulein* ‘Senhorita’). Ora, se a base termina em *-l(e)*, apenas *-chen* é admitido (*Stuhl* → *Stühlchen*), e se a base termina em consoante dorsal, só *-lein* é admitido (*Tuch* → *Tüchlein*, *Ring* → *Ringlein* e *Zweig* → *Zweiglein*). Se a base terminar em outra consoante, a escolha entre as variantes é, em princípio, livre (*Bursche* → *Bürschlein*, *Bürschchen*; *Haus* → *Häuschen*, *Häuslein*), sendo que a distribuição pode ser condicionada por fatores espaciais de variação lingüística (cf. BUSSMANN 1983).

Exemplos de restrições fonológicas do português:

— Para a formação de nomes de ação a partir de verbos terminados em *-ecer*, *-mento* é selecionado em detrimento de *-ção*: *arrefecimento* (**arrefecção*), *enfraquecimento* (**enfraqueção*).

— Embora não tenham tanta força probatória, parece-me que formações como (*gerenciar* →) *gerenciamento*, (*endereçar* →) *endereçamento*, (*apreçar* →) *apreçamento* e (*apressar* →) *apressamento*, de preferência a *gerenciação*, *?enderecação*, *?aprecação* e *?apressação*, se devem a fatores fonológicos. A propósito de *gerenciamento* e *gerenciação* (esta última forma está registrada no *Aurélio*), há a observar que de *agenciar* e *aliciar*, p. ex., se formaram derivados, segundo o *Aurélio*, com *-ção* e *-mento*: *agenciamento* e *agenciação*, *aliciamento* e *aliciação*, porém não padece dúvida de que as formas em *-mento* são as preferidas pelos usuários. De *apreciar*, por outro lado, só se conhece *apreciação*. A repetição de sons iguais na mesma palavra contraria, de maneira geral, princípios estéticos de eufonia: *estressamento* (← *estressar*), p. ex., é preferido a *?estressação*. Por outro lado há formações consagradas na língua como *cassação*, *sucessão* e *cessação*. *Cessação* e *sucessão*, continuação das formas latinas *cessatione*

e *successione*, apesar de seu aspecto fonológico, continuam sendo preferidos aos concorrentes mais novos *cessamento* e *sucedimento*.

Razões fonológicas estão também na base da preferência de *-ez* a *-idade* em *fluido* → *fluides* (**fluididade*), *lúcido* → *lucidez* (**lucididade*) etc.

Restrições morfológicas

No item “Caminhos abertos à produtividade lexical” foi observado que verbos formados com o sufixo *-izar* selecionam, invariavelmente, o sufixo *-ção* para a formação de nomes de ação: *umlautização*, *flexibilização*, *estabilização*. Foi visto também que a rejeição do sufixo sinônimo *-mento* não se deve a fatores fonológicos, porque, se o fosse, não poderíamos ter (*liso* → *alisar* →) *alisamento*, (*raiz* → *enraizar* →) *enraizamento*, (*avisar* →) *avisamento*, (*deslizar* →) *deslizamento*, (*baliza* → *balizar* →) *balizamento*, em que há a seqüência /iza/ mas não o sufixo *-izar*. A restrição dos verbos derivados com o sufixo *-izar* ao sufixo *-mento* é, pois, de ordem morfológica.

— De *direção* e *posição*, correspondentes nominais idiomatizados de *dirigir* e *pôr*, formaram-se os verbos *direcionar* e *posicionar*, e desses, por sua vez, os nomes de ação *direcionamento* e *posicionamento* (com o sufixo *-mento*), formas preferidas às em *-ção*, porque com este sufixo os resultados seriam **direcionamento* e **posicionamento*. Embora para a rejeição dessas últimas formas se possa dizer que também influíram razões fonológicas, a causa verdadeira são antes restrições morfológicas, a saber, evita-se a repetição, na palavra, do mesmo morfema *-ção* (modificado, quando integrante da base, para *-cion*).

— Quando de *instrumento*, *argumento*, *movimento* e *regulamento* se derivaram os verbos *instrumentar*, *argumentar*, *movimentar* e *regular* e desses se formaram nomes de ação, *instrumentação*, *argumentação*, *movimentação* e *regulamentação* foram privilegiados em detrimento de **instrumentamento*, **regulamentamento*, **movimentamento* e **regulamentamento*. Quem disser que fatores eufônicos também devem ter pesado na escolha, terá certamente razões a seu favor. Mas que em **instrumentamento* etc., a restrição é primacialmente morfológica, isto é, evita-se a repetição do mesmo morfema (*-mento*) na palavra, mostram formações como as seguintes, em que há, a partir da vogal tônica, a mesma seqüência de fonemas que nos exemplos acima, porém sem a repetição do mesmo sufixo: *descontentamento* (← *descontentar*), *enfrentamento* (← *enfrentar*), *assentamento* (← *assentar*), *encantamento* (← *encantar*), *adiantamento* (← *adiantar*), *levantamento* (← *levantar*), *quebrantamento* (← *quebrantar*), *agigantamento* (← *agigantar*).

– Palavras de cunho popular rejeitam prefixos eruditos como *re-* e *hiper-*, p. ex.: *repor*, *reiniciar*, porém não **reponhar*, **rebotar*; *hipersensível*, *hipertenso*, mas não **hiperchato* e **hipersafado*.³¹

– É uma particularidade de muitos morfemas derivacionais o constituírem o ponto final do encadeamento de afixos numa palavra: em *desnacionalização* (*des.nacion.al.iza.ção*) e *ininteligibilidade* (*in.inteligi.bil.idade*), p. ex., chegou-se ao final da cadeia no sentido da prefixação e da sufixação. Como se viu em *ininteligibilidade* e se pode ver também em *irracionalidade*, *atualidade* e *morosidade*, *-idade*, sufixo formador de substantivos abstratos, é um desses pontos finais. É difícil imaginar um contexto em que coubesse **ininteligibilidadezinha* e **atualidadizar*. Como foi observado, porém, no item “Produtividade lexical e lexicalização ou idiomatização”, deste livro, por processo metonímico pode ocorrer a “concretização” de um substantivo abstrato em *-idade*, com o que a restrição morfológica que impede a continuidade da cadeia sufixal é anulada: *novidadezinha*, *novidadeiro*. Os prefixos *des-* e *in-*, negativos ambos mas não comutáveis entre si, podem vir um à frente do outro (*indesculpável*, *indesconfiável*, *desincompatibilizar*, *desinquiatar*, *desinfeliz*), porém ambos constituem, nessa circunstância, o final da série: **indesinquiatar*, **desindesculpável* (observe-se que em *desinquiatar* e *desinfeliz* os dois prefixos têm função de expressar redundância).

– Embora uma casa possa ser reconstruída, um livro relido e uma montanha reescalada *n* vezes, não se formam **erreconstruir*, **erreler*, **rererreler* ou **erreescalar*, **errerreescalar* etc. Pode-se, aliás, acrescentar que a restrição morfológica de não se repetirem os mesmos afixos pode ser generalizada.

– Em complementação ao item anterior, pode-se dizer que os sufixos de grau, tanto os aumentativos como os diminutivos, não permitem repetição de morfema de grau da mesma função: **livrinhozinho*, **carrãozão*. Só por lexicalização é levantada essa restrição (*facãozinho*), permitindo inclusive o sufixo de grau de função oposta (*facãozinho*, *calçãozinho*), fato que nos leva, aliás, para o terreno da semântica (v. item seguinte).³²

– Os sufixos formadores de superlativo *-érrimo* e *-imo* unem-se exclusivamente a adjetivos cujos antecedentes latinos já o permitiam:

³¹ Este assunto, abordado “en passant”, mereceria ser objeto de estudo mais aprofundado, com base em corpus da linguagem popular mais abrangente.

³² Uma mãe poderá usar para o filho pequeno as palavras *pequeninho* e *pequetinho*, formações em que há a repetição de sufixos de diminutivo diferentes (*pequeno* → *pequenino* → *pequeninho*, *pequeno* → *pequetito* → *pequetinho*), sendo que *-ino* é hoje improdutivo e *-ito*, pouco produtivo. No caso de formações com os sufixos *-ulo/-ula*, hoje inteiramente improdutivos, a série derivacional também poderia ter seqüência: *celulazinha*, *nodulozinho*.

celeberrimo, integerrimo, acerrimo, facilimo e difficilimo. Essa restrição, válida para a modalidade do português erudito, não é obedecida, no entanto, em modalidades ou normas menos rígidas e menos conservadoras: *bacanerrimo, cafonerrimo, simplerrimo* (mais sobre isso veja no item “Restrições à produtividade lexical e estilística”).

Em outras línguas, como o inglês e o alemão, em que o vocabulário pode ser dividido, basicamente, em elementos de origem germânica e elementos de origem latina, as restrições morfológicas devidas a esse fato são mais frequentes. BAUER 1983, p. 91, diz, por exemplo:

Thus, neither Czech nor German can normally mix native bases with foreign affixes or foreign bases with native affixes, so that a German word **Sterb.ation* parallel with English *starvation* would be quite impossible (...). In English it is necessary to mark formatives as (\pm latinate) to account for such phenomena as velar softening, which only occurs in latinate words: *critic* gives /*kritisai*z/, but if a form were created meaning ‘to turn into a barracks’ it would have to be /*berakaiz*/. Aronoff (1976: 51-2) points out that there are some suffixes which can only be added to bases which are (+latinate), and others which can only be added to bases which are (-latinate). As an example of the first group he quotes *-ity* (with the exception of *oddiy*), and as an example of the second group he quotes *-hood*.

Restrições semânticas

Se determinado sufixo, além de selecionar a base com que se vai unir pela categoria sintática a que a mesma pertence (o sufixo formador de adjetivos *-ento*, p. ex., une-se apenas a substantivos: *sarna* \longrightarrow *sarmento*, *falcatrua* \longrightarrow *falcatruento*), ainda é mais restritivo quanto a aspectos puramente semânticos – como a conotação, p. ex., – dessa mesma base, a restrição será de natureza semântica. Compare, para tanto, o resultado da junção de *-ento* a substantivos de carga negativa (*farrapo* \longrightarrow *farrapento*, *nojo* \longrightarrow *nojento*) com a combinação de *-ento* com bases substantivas neutras: *roupa* \longrightarrow **roupento*, *flor* \longrightarrow **floreto*. Os exemplos apresentados parecem permitir a afirmação de que *-ento* hoje apenas permite a união com bases de sentido de alguma forma negativo ou desagradável. Outros casos em que podemos constatar restrições semânticas à formação de palavras:

– Se a restrição à junção de mais de um sufixo diminutivo é de natureza morfológica (**livrinhozinho*) – do ponto de vista semântico se poderia admitir a expressão do ‘muito ou extremamente pequeno’ pela repetição do sufixo –, a restrição à combinação de sufixos de grau de função oposta será de ordem semântica: **livrãozinho*, **livrinhozão*.³³ Quando ocorre lexicalização, todavia, essa restrição pode ser tor-

³³ Em *esfregão* (*esfregãozinho*), *puxão* (*puxãozinho*) e *empurrão* (*empurrãozinho*) etc., substantivos deverbais, o primeiro, nome de instrumento, os outros dois, nomes de ação, *-ão* não é, em primeiro lugar, um sufixo aumentativo. Por isso, a compatibilidade com o sufixo de diminutivo.

nada sem efeito: *facçãozinho, calçãozinho, portãozinho, sacolão* (de texto de propaganda).

— O *Aurélio* registra adjetivos em *-udo* ('provido ou cheio de', segundo o mesmo dicionário) para praticamente todas as partes aparentes ou externas do corpo humano (*barrigudo, bundudo, espadaúdo*) — só não encontrei *dedudo, cotoveludo e tornozeludo*. A tradução para esse sufixo, 'provido ou cheio de', apresentada pelo *Aurélio*, parece-me não ser exata, ou é insuficiente. Melhor seria a fórmula 'que tem ou é provido de X grande' (X = base): *peito + -udo* → *peitudo, pé + -z- + -udo* → *pezudo*, isto é, 'que tem ou é provido de peito/pé grande'. Ressalte-se que muitos adjetivos em *-udo* são hoje lidos mais no sentido figurado, principalmente metonímico: *peitudo, bocudo, topetudo, cabeçudo* (processos metonímico e metafórico simultâneos deram-nos também, do mundo animal, *chifrudo e cornudo*). Além de partes do corpo grandes, possuídas por natureza ou inalienavelmente, os adjetivos em *-udo* podem referir-se também a qualidades morais ou a características permanentes da personalidade de uma pessoa ou grupo de pessoas: *raçudo, classudo, sortudo, posudo e dinheirudo*, todos registrados pelo *Aurélio*. Por isso não se há de aceitar **carrudo, *casudo, *empresudo* 'que tem carro/casa/empresa grande'. Esse impedimento ou limitação é de natureza semântica. Por outro lado, quando um objeto, em geral parte da indumentária, e por isso mesmo não constituindo parte física alienável do corpo, passa a caracterizar uma pessoa ou grupo de pessoas, isto é, manifesta-se como um traço permanente, a derivação em *-udo* torna-se possível: a Prof.^a Marta Morais da Costa testemunhou-me o uso corrente, em localidade do interior catarinense, do termo *chapeludo*, para caracterizar pessoas que não eram da cidade, isto é, o caipira, o roceiro (p. 91, deste livro).

— Com o sufixo *-ice*, variante e sucessor de *-ície* (*calvície, planície*), formaram-se, no passado, a partir de adjetivos neutros, substantivos também emocionalmente neutros: *meninice, velhice, carioquice* (v. *Aurélio*). Hoje há uma restrição de natureza semântica, impedindo que *-ice* se una a bases adjetivas que não tenham uma carga emocional negativa. Ao lado de formas estabelecidas como *criancice, veçuice, sem-vergonhice e chochice*, que constam no *Aurélio*, proponho a criação e reputo boas: *fajutice e pentelhice*, derivadas das palavras da gíria *fajuto* 'de má qualidade, ruim' e *pentelho* 'pessoa maçante'. Acho inaceitáveis, em contrapartida, porque violam restrições semânticas, **legalice* e **enxutice*, pois é difícil atribuir a bases como *legal* e *enxuto* (da gíria popular) uma conotação depreciativa (p. 88 deste livro).

— O prefixo de sentido negativo *in-*, objeto de exame do Teste E, deste livro, é limitado em sua produtividade atual por duas restrições de ordem semântica: não se une a bases de sentido negativo (**inviolento, *indoente, *inviciado, *indegenerado*) nem a bases de natureza dinâmica: **incontração, *impagamento, *inapropriar, *inapertar*.

Se houver necessidade de formar derivados prefixais com essas bases, lançar-se-á mão, hoje, de outros meios: *não-violento*, *não-doente*, *não-viciado*, *não-degenerado*, *não-pagamento*, *descontração*, *desapropriar*, *desapertar*. A impossibilidade de formar verbos – de sentido ativo – com o prefixo negativo *in-* (**inatacar*) e, por outro lado, a possibilidade de prefixar os adjetivos correspondentes em *-ável* – de sentido passivo (*inacacável*) – dão bem uma idéia do comportamento do prefixo em questão. Outros exemplos: **imprever* – *imprevisível*, **inconsolar* – *inconsolável*, **irrecuperar* – *irrecuperável*, **inevitar* – *inevitável*. O fato mostra também que os adjetivos acima não podem ter sido formados por sufixação, mas por prefixação (*consolável* → *inconsolável*) ou por derivação parassintética: *in-* + *consolar* + *-ável* → *inconsolável*, corroborando esta última hipótese o fato de *inconsolável* e outros adjetivos similares serem de uso mais freqüente que os pares não-prefixados correspondentes (*consolável*).

– Há também, no meu entender, restrições semânticas que limitam a formação de adjetivos e substantivos compostos copulativos, isto é, não se juntam quaisquer adjetivos ou substantivos para formar uma unidade lexical composta em que os constituintes estejam coordenados, isto é, associados parataticamente. Compostos copulativos substantivos, extraídos de FPPBC: *copeiro-faxineiro*, *bar-restaurante*, *reunião-almoço*, *rádio-relógio*, *mesa-console*, *preso-escritor*, *cozinha-bar*, *proletariemigranteuropeu*. Compostos copulativos adjetivos, extraídos igualmente de FPPBC: *técnico-burocrático*, *político-partidário*, *brasileiro-paraguaio*, *materno-infantil*, *socialista-comunista*. Da *Folha*, de 02.08.87, p. A-4, colhi: “(...) a implantação de uma ordem sócio-econômico-política”.³⁴ Observe-se, nos exemplos apresentados, que os elementos constituintes das unidades lexicais formadas por coordenação pertencem ao mesmo campo semântico ou apresentam outra relação que os associa. Com os exemplos apresentados comparem-se os substantivos *?bar-pedra*, *?reunião-praia*, *?rádio-mar* e os adjetivos **administrativo-azul*, *?materno-político*, *?político-silvestre*, formados “ad hoc”. Essa é naturalmente matéria que necessitaria de exame mais aprofundado e com base em *corpus* mais amplo. Talvez se possa acrescentar que fatores de natureza pragmática são responsáveis, ao lado de limitações semânticas, pela não-formação de muitos compostos copulativos. Assim,

³⁴ Muito expressivo, em contraposição, é o adjetivo composto copulativo *bocó-romântico*, registrado igualmente na *Folha*, de 19.09.87, p. A-40, em artigo de Paulo Francis: “Mas criou-se um mito bocó-romântico de que a Petrobrás representa nossa soberania em óleo.” Essa força comunicativa vem, aliás, do estranhamento causado pela coordenação, numa unidade lexical, de dois adjetivos que, normalmente, não se esperaria viessem justapostos. *Bocó-romântico* bem como a formação *aritmético-gozador* (*Folha*, de 22.01.88, p. A-5: “O primeiro raciocínio é de ordem aritmético-gozadora”) levam-nos para o campo da estilística, cujas regras não são as da gramática.

pode-se admitir um estabelecimento que seja bar e restaurante ao mesmo tempo (*bar-restaurante*), porém não um *bar-hotel*, ou uma pessoa que exerça, como empregado doméstico, as funções de copeiro e faxineiro (*copeiro-faxineiro*), mas dificilmente a de alguém que seja *?pequarista-faxineiro*. A propósito disso é esclarecedor o testemunho de BAUER 1983, p. 39: “(....) the restrictions do not all work independently but in unison when a potential formation is considered.”³⁵

— O ser um verbo intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou transitivo direto e indireto (também chamado bitransitivo) é um aspecto de natureza sintática. É, no entanto, de natureza semântica o impedimento de formar adjetivos em *-ável/-ível* a partir de verbos que não sejam transitivos diretos. Com verbos intransitivos como *brilhar* e *chegar* ou transitivos indiretos como *gostar* e *depende* obtêm-se formações agramaticais ou inaceitáveis: **brilhável*, **chegável*, **gostável* e **dependível*. O *Aurélio* não registra *roubável*, *interrompível*, *devorável*, *recarregável*, adjetivos que acabo de formar a partir, respectivamente, dos verbos transitivos diretos *roubar*, *interromper*, *devorar* e *recarregar* e que reputo inteiramente aceitáveis. Formas estabelecidas no léxico como *confiável* e *inconfiável*, derivadas, aquela do verbo transitivo indireto *confiar* e esta daquela por prefixação, ou *imputável* (→ *inimputável*), derivada de *imputar* por sufixação, verbo transitivo direto e indireto, precisariam ser estudadas à luz da variação diacrônica. No caso de *imputável* admitir-se-ia hoje que o objeto direto (a culpa, p. ex.) fosse imputada ao objeto indireto (ao acusado ou réu). Mas não é esse emprego que se discute. Em notícia do Jornal Nacional, da TV Globo, de 19.08.87, ouvi que determinado criminoso foi julgado semi-imputável. Formações como *inconvívível*, que ouvi em entrevista televisada do ex-Governador Moreira Franco, o qual afirmou que “uma inflação de mais de 20% ao mês é inconvívível”, podem ser consideradas deslizes do improvisado ou violações das normas gramaticais vigentes, justificáveis, no entanto, pela intenção de expressar ou transmitir mais eficientemente uma mensagem, objeto de estudo da estilística. Pode-se dizer, de um lado, que o ex-Governador Moreira Franco errou, mas há de reconhecer-se, por outro, que transmitiu muito vivamente o que quis dizer (p. 93 deste livro).

Restrições sintáticas

— É de natureza sintática o fato de muitos sufixos se unirem, exclusiva ou preferencialmente, a bases pertencentes a determinada cate-

³⁵ Em *FPBC* ocorreu a formação *nascer-sofrer* (*Jornal do Brasil*, de 02.07.84, p. 10, no contexto “Crianças que nunca pediram para *nascer-sofrer*”), verbo composto copulativo, formação, sem dúvida, marginal, porque não há na língua um modelo, segundo o qual se criem, sistemática e rotineiramente, verbos compostos.

goria gramatical ou classe de palavras e não a outras. -*Ante*, p. ex., une-se a verbos para formar adjetivos, aliás, adjetivos, que são, como os verbos, de natureza dinâmica: *estimulante*, *frustrante*, *broxante*, *degsatante*; -*oso* une-se a substantivos para formar adjetivos: *formoso*, *gostoso*, *clangoroso*. -*Eza*, -*ice* e -*idade* unem-se a adjetivos para formar substantivos: *beleza*, *moreneza*, *boboquice*, *caretice*, *competitividade*, *obviedade*. -*Ção* e -*mento* formam substantivos, nomes de ação, a partir de verbos: *capacitação*, *mexicanização*, *desfavelamento*, *emparedamento*. A violação dessas restrições tem como resultado formas inaceitáveis: **poesieza*, **cienciedade*, **lindoso*, **mesação*, **prediamento*.

— O sufixo -*íssimo* é usado tradicionalmente na função de indicar o grau superlativo de adjetivos: *belíssimo*, *inteligentíssimo*. Há, portanto, uma restrição sintática, a saber, a base precisa ser um adjetivo. Formações como *partidíssima*, *estrelíssima*, *cervejíssima* e *campeoníssimo*, criadas a partir de substantivos, constituem violações das normas, justificáveis por razões estilísticas, ou tendências de expandir o modelo. Fato semelhante constituem palavras como *gostosésima*, de propaganda de marca de cerveja, e *Chikésima*, nome de butique em Curitiba. Na busca de novos recursos expressivos, o sufixo -*ésimo*, dos numerais ordinais (*vigésimo*, *centésimo*, *milésimo* etc.), passa a ser usado como sufixo de superlativo (veja mais sobre isso no item “Restrições à produtividade lexical e aspectos de estilística”).

RESTRICÇÕES SINTAGMÁTICAS

Quando as limitações não dizem respeito à base com que um prefixo ou sufixo se vai unir ou ao conteúdo semântico dos elementos que vão formar um composto nem a fatores restritivos do universo biofísicosocial que o código lingüístico retrata, porém à ordem ou seqüência em que os elementos formadores da unidade lexical complexa podem apresentar-se, a restrição se diz sintagmática. No caso de compostos copulativos, quer de adjetivos (A+A) quer de substantivos (S+S), p. ex., a ordem é, do ponto de vista sintagmático, indiferente: um profissional pode ser *professor-médico* ou *médico-professor*, *cantor-compositor* ou *compositor-cantor*, um estabelecimento, *bar-restaurant* ou *restaurant-bar*, uma residência, *sala-dois quartos* ou *dois quartos-sala*. Posso referir-me às relações entre Brasil e Paraguai como relações *brasileiro-paraguaias* ou *paraguaio-brasileiras*. A escolha por uma ordem ou outra e a posterior fixação dessa ordem obedecerá a outros fatores (ênfase de um aspecto, ritmo da palavra, cortesia etc.) que não aos de natureza sintagmática. O mesmo não se dirá de compostos determinativos, substantivos ou adjetivos. A ordem dos constituintes de *trem-bala*, *questão-chave* e *funcionário-fantasma*, p. ex., não pode ser invertida sob pena de se obter um outro lexema. *Trem-bala* é um trem (veloz como uma bala),

questão-chave é uma questão (essencial ou muito importante) e *funcionário-fantasma* é um funcionário (que só consta na folha de pagamento). A ordem inversa nos daria *?bala-trem*, *?chave-questão* e *?fantasma-funcionário*, seres impossíveis ou difíceis de imaginar dentro da ordem vigente em nosso mundo. Fato igual constatam QUIRK et al. 1985, p. 1.531, a respeito do inglês: "Alternatively, linguistic constraint may be syntagmatik. A 'machine for transporting dodos' might be lexicalized as a *dodo-car* but not as a *car-dodo*." Resultados diferentes também são obtidos quando se inverte a ordem dos adjetivos compostos determinativos, indicadores, p. ex., de origem ou nacionalidade. A um brasileiro descendente de italianos ou japoneses vou chamar, respectivamente, de *italiano-brasileiro* (também *italo-brasileiro*) ou *japonês-brasileiro* (também *nipo-brasileiro*). *Brasileiro* é, em ambos os compostos, o determinado, enquanto *italiano* e *japonês* são os determinantes, isto é, enquanto a compreensão de *brasileiro* se enriquece com um especificador, sua extensão é restringida, especificada ou diminuída por *italiano* e *japonês*, respectivamente. A ordem inversa nos daria *brasileiro-italiano* e *brasileiro-japonês* (não **brasileiro-italo* nem **brasileiro-nipo*), isto é, 'italiano/japonês de origem brasileira'. Há, portanto, restrições de natureza sintagmática, que impõem a ordem DM-DT para substantivos compostos determinativos e a seqüência DT-DM para adjetivos compostos determinativos que indicam origem ou nacionalidade.

— Substantivos compostos do tipo *espaçonave*, *motosserra*, *motogincana*, *radiotáxi*, em que a estrutura acusa a seqüência DT-DM, devem ser explicados como produzidos sob influência do modelo de línguas estrangeiras modernas, mormente o inglês (veja *motocross*, *spaceship* etc.), sob influência do modelo neoclássico (*ecossistema*, *lipoaspiração*, *citricultura*) e inclusive da prefixação (*autofinanciamento*, *maxidesvalorização*, *microempresa*). Como conseqüência mesma da ordem DT-DM, a saber, primeiro o elemento especificador, subordinado, e por último o especificado, o subordinante, parece-me ser possível afirmar que a pauta acentual dos substantivos compostos determinativos que obedecem ao modelo DT-DM (*narcotráfico*, *kremlinologia*, *hortimercado*) é diferente da dos substantivos cuja seqüência é DM-DT. Nos substantivos DT-DM, o primeiro elemento é átono, isto é, não recebe nem acento secundário: *kremlinología*, *motogincána*, *espaçonáve*. Já nos substantivos compostos do tipo DM-DT, a pauta acentual é outra, a saber, o acento principal recai sobre a sílaba tônica do segundo constituinte (o DT) e há um acento secundário sobre a sílaba tônica do primeiro constituinte (o DM): *càrro-lançonéte*, *navio-sónda*, *garôta-propagânda*.

— Em sentenças é possível uma mesma palavra ser repetida, uma vez em função substantiva, outra vez em função adjetiva, especificando ou determinando esta àquela: *Ele é um homem homem*, *Ele é um gaúcho gaúcho*, isto é, ele é um homem/gaúcho de fato, autêntico.

Compostos substantivos determinativos com o mesmo constituinte ou autocompostos não são, no entanto, formados: **professor-professor*, **médico-médico*, **trem-trem*, **escola-escola*.³⁶

RESTRICÇÕES À PRODUTIVIDADE LEXICAL E ASPECTOS DE ESTILÍSTICA

MOTSCH 1977, p. 186, afirma que “quanto menos uma regra é utilizada, tanto mais forte é o efeito de seu desempenho lingüístico criativo”. Parece-me que esse princípio também vale para as violências que se praticam, naturalmente dentro de certos limites, contra as restrições à produtividade das regras de formação de palavras e nos casos em que, gradativamente, é ampliada a aplicabilidade dessas regras.³⁷ Creio que a afirmativa de MOTSCH se casa, juntamente com o alargamento de aplicação que lhe atribuímos, com o ponto de vista de quem entende ser objeto precípuo da estilística (cf. MATTOSO CÂMARA 1977, p. 10ss.) o estudo das funções expressiva e apelativa da linguagem, segundo BÜHLER 1934, p. 12ss. Entendo, exemplificando, que quem se refere a uma artista de teatro ou cinema, usando a formação *estrelíssima*, exterioriza muito bem o seu apreço pela artista (função expressiva) e alcança com muita eficiência transmitir esse sentimento ao interlocutor (função apelativa), e isso principalmente pela violação da restrição da regra de uso do sufixo *-íssimo*, a saber, esse sufixo forma superlativos de adjetivos (*agradabilíssimo*, *sofisticadíssimo*). Parece-me, aliás, nunca ser inoportuno ressaltar a força do conteúdo de unidades lexicais como as que seguem abaixo, que unem à função representativa as de exteriorização psíquica e apelo (BÜHLER, ib.): *policialesco*, *popularesco*, *bacanêrrimo*, *estrelíssima*, *partidíssima*, *topetudo*, *fajutice*. Paulo Francis, referindo-se à imagem do presidente Reagan em seus aparecimentos em público (*Folha*, de 24.10.87, p. A-38), diz que ele se apresenta sempre *penteadêrrimo*. Ficando com outros exemplos de formações com substantivo + *-íssimo*, cito, de *FPPBC*, *campeoníssimo* e *Orientíssimo*, esta última colhida de contexto de propaganda de tapete. De coluna social da *Gazeta*, de 29.05.87, p. 11, retirei *gatíssima*, gíria referente à mulher, e *ovvi professor universitário dirigir-se*, naturalmente em tom descontraído, a uma colega, chamando-a *Alziríssima*.

³⁶ Contrariando o que acaba de ser dito, há a registrar a formação *poeta-poeta*, que encontrei na *Folha*, de 28.08.87, p. B-2, forma que considero, até prova em contrário, marginal ou um caso de uso incorreto do hífen.

³⁷ MATTHEWS 1982, p. 220, faz uma colocação muito interessante a respeito da violação de regras gramaticais pela estilística: “Of course, there may be ‘rules’ for ‘rule breaking’.” (Veja Nota 34, p. 66).

Entendo poder-se afirmar que, no caso de formas derivadas em *-íssimo* a partir de substantivos, há violação apenas leve das restrições das regras de formação de palavras, porque adjetivo e substantivo, assim como adjetivo e advérbio, adjetivo e particípio passado trocam facilmente de função dentro da frase, a saber, facilmente adjetiva-se um substantivo como facilmente se substantiva um adjetivo etc. Outros exemplos de alcance de efeitos estilísticos com a violação de restrições aos modelos de formação de palavras ou com a expansão da aplicabilidade dos mesmos:

— O sufixo *-óide*, segundo o *Aurélio*, indica ou significa ‘aspecto ou forma de, semelhante a, relativo a’ etc.: *crystalóide*, *metalóide*, *alcalóide*. Desse sufixo diz também acertadamente MATTOSO CÂMARA 1977, p. 62:

(...) Assim, um sufixo *-óide*, usado em terminologia científica para indicar numa dada coisa forma aproximada de uma figura geométrica (*esferóide*, *helicóide*) ou de um protótipo (*antropóide*), associa-se com a idéia de *frustração* (o grifo é meu) e passa a ter uma tonalidade de comisseração zombeteira em *molóide* (homem sem aptidão para exercícios físicos), *zebróide*, em que não há a agressividade da metáfora *zebra*, *caprichóide* (desenhista esforçado mas desajeitado), *cretinóide* (rapaz tola mente exibicionista).

Em artigo de Décio Pignatari, “Tempos Pequenos”, publicada no *Folha*, de 08.05.87, p. 42, encontrei *ideologóide* e *sociologóide*. No *Aurélio* estão, entre outros, *debilóide* e *politicóide*. *Bestóide* me é familiar. Em MATTOSO CÂMARA 1964 temos outro termo com o sufixo *-óide*:

Quando uma forma nominal encerra a idéia temporal de transcurso, isto é, de transitoriedade, típica do verbo, constitui uma forma nominal do verbo, ou *verbo-nominal*, também dita *verbóide*, apresentando-se na língua portuguesa como *infinitivo* (v.), *participios* (v.) ou *gerúndio* (v.).

Vejam-se a propósito também os termos *contóide*, *vocóide* e *semi-vocóide* em BACK & MATTOS 1972, p. 64ss.

— *Moderno*, do *Aurélio*, adjetivo derivado de adjetivo, e por isso um produto marginal (*-oso* une-se normalmente a substantivos: *guloso*, *caprichoso*), destaca-se pela forte carga emocional depreciativa.

— *Sinistrose*, forma que o *Aurélio* não registra e que encontrei na *Folha*, de 08.09.87, p. A-2, no contexto “O clima de sinistrose recomenda prudência”, é outra forma de forte efeito expressivo, pois une-se nela o sufixo *-ose* ‘ação’, sufixo usado na formação de vocábulos científicos (médicos especialmente: *cirrose*, *escabiose*, *trombose*), a uma base que não tem como referente parte do corpo humano ou animal.

— O prefixo negativo *des-* indica, segundo o *Aurélio*, ‘separação, transformação, intensidade, ação contrária, negação, privação’ (*despe-*

daçar, desfazer, desleixar, desumano) e em *desinfeliz, des-* assume função reforçativa. No verbete da entrada do prefixo *des-*, o mencionado dicionário não registra, porém, o significado 'mau, ruim', que, adiante, é atribuído a esse prefixo em *desgoverno*, isto é, 'mau governo'. Parece-me ser esse também o significado principal de *des-* em *desprefeito*, da capa da revista *Afinal* n.º 145 (09.06.87) e de *desburocracia* (*Gazeta*, de 15.06.87, p. 27). Sinto nessas formações, em que o prefixo *des-* amplia sua semântica, uma força estilística extraordinária.

— Têm, da mesma forma, força estilística extraordinária derivações com o sufixo *-ite*, que, segundo BECHARA 1969, p. 218, e o *Aurélio*, se presta à formação de termos técnicos médicos e indica inflamação do órgão indicado pela base: *meningite, gastrite*. Extrapolando esse emprego técnico, têm-se criado e criam-se hoje termos de tonalidade emocional variada com *-ite*. Em *FPBPC* registrei *governite* 'excesso de governo, isto é, de leis e normas', e *tecnocrátite* 'excesso ou supervalorização da tecnocracia' (*tecnocratismo* seria uma formação igualmente carregada de pejoratividade, porém não tão irônica ou menos mordaz). *Paixonite* está no *Aurélio*, *preguicite* me é bem familiar e *patriotite* está registrada no BECHARA 1969, p. 407. De artigo de Joelmir Beting (*Folha*, de 08.09.87, p. A-10) colhi o seguinte trecho ilustrativo:

Nos últimos anos, a regulamentite aguda e a intervencionice prepotente deram de afugentar o investimento em pesquisa, produção e emprego.

O mesmo se diga de *sarneioma* (*Folha*, de 23.10.87, p. A-2: "O sarneioma continua em expansão."). O sufixo *-oma* 'tumor' não se une, nesse exemplo, a base que indica parte ou órgão do corpo, mas sim a um antropônimo. A violência praticada contra o modelo encontra, porém, justificativa e validade na intenção comunicativa.

— Muitos adjetivos/substantivos pátrios, além de referirem-se ao habitante, referem-se também à língua que o mesmo fala: *francês, português, piemontês e mirandês*. Formações mais novas, como *polítiquês* (de *FPBPC*), *economês* (do *Aurélio*, que o traduz como 'linguajar tecnicista, rebarbativo e estrangeiro de certos economistas'), *pedagogês, planejês* (formações que tenho ouvido entre técnicos de fundação educacional) e *direitês*, testemunhado por aluna que trabalha em repartição judiciária, não têm, porém, como referente o habitante ou o originário de topônimo. Indicam, tão-somente, em tom mais ou menos depreciativo, o linguajar excessivamente técnico de certos profissionais ou o uso desse linguajar fora do contexto que lhe é próprio.

— Foi mencionado, mais no início deste item, o uso de *-érrimo*. Pois fenômeno semelhante ao do sufixo *-érrimo* ocorre com o sufixo *-ésimo* dos numerais ordinais (*trigésimo, centésimo*). Propaganda de cerveja dizia que a bebida era *gostósésima*. Em Curitiba uma butique chama-se *Chikésima* (o *k*, como aliás o uso estranho de muitas outras

letras, fica por conta de modismos do nosso tempo: *Ká Entre Nós* (nome de bar), *Mirannnda* (loja de sapatos), *Vherde Jante* (restaurante vegetariano), *Disk Pizza*, *Ki Dogão* (carrinho de cachorro-quente), *Suavpell* (marca de papel higiênico) etc.). Testemunho de alunos garantiu-me ser corrente, a nível coloquial e entre falantes da faixa etária mais jovem do Rio de Janeiro, o emprego de *-ésimo* como sufixo de aumentativo de adjetivos.

– Parece-me, finalmente, que o valor estilístico do sufixo aumentativo *-aço* também deve ser ressaltado (v. “Produtividade lexical e renovação e inovação”). Esse valor está uma vez no fato de que esse sufixo era e é bem menos freqüente do que *-ão/-ona*. Em segundo lugar, nos aspectos novos de sua função e semântica. Vejam-se, a propósito, as duas últimas formações que pude anotar: *quartelaço* e *Renovaço*. Naquela, criada para designar as ‘manifestações de militares argentinos sublevados em quartéis, durante a Semana Santa de 1987, na Argentina’, não se tem simplesmente ‘X grande’ (X = base, a saber, *quartel*), porém ‘manifestação nos quartéis’. Em *Renovaço*, nome de firma de recuperação de móveis, também não se pode falar, a rigor, em ‘X grande’, isto é, ‘renovação grande’. O termo foi criado, ao sabor e na onda da moda, para formar um nome próprio, substantivo que tem a função primordial de nomear e não de significar.

4

BLOQUEIO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL

INTRODUÇÃO

Ressalte-se, de início, que o termo *bloqueio* foi criado por ARONOFF 1976, p. 43:

(...) there is a more direct connection between lexical listing and productivity. The key to this connection is a phenomenon which I call *blocking*. *Blocking* is the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another.

Se as restrições às regras de formação de palavras nos dão conta das limitações que são parte integrante dessas mesmas regras, se as restrições nos falam do que não pode ser formado por razões internas ou inerentes aos próprios modelos, os bloqueios nos dão conta das limitações que se impõem à produtividade lexical por razões ou causas externas, isto é, a formação de uma palavra é impedida por outra(s) já existente(s) no léxico da língua. A propósito disso diz BASÍLIO 1980, p. 15, com propriedade: "(...) um dos fatores que afetam a produtividade das regras de formação de palavras é a própria lista das entradas lexicais já existentes." Lá mesmo a autora diz que, apesar da existência de uma regra que permite a nominalização de verbos mediante o sufixo *-agem*, o falante de português não pode formar **caminhagem* e **estudagem*. *Caminhada* e *estudo* já ocupam o lugar. PRETTI 1983, p. 33, coloca a questão em termos de lexicalidade e aceitabilidade. Embora não faltem a uma palavra condições de lexicalidade, falece-lhe a aceitabilidade, porque o lugar já está ocupado. Cabe também aqui a colocação que fez, em discussão, o professor José Luiz Mercer a respeito do assunto em tela (as palavras não são textuais): Está-se frente a uma situação de conflito entre o sistema e o uso; o sistema permite mais de uma forma, o uso, porém, consagra ou privilegia uma. Por último, um exemplo ilustrativo e considerações oportunas de MATTHEWS 1982, p. 221:

If both *rigidity* and *rigidness* are generated, then why should it be the latter which is awkward? Why is it not *rigidity* instead ('because

it conflicts with *rigidness*'? The reason is precisely that *rigidity* is an established word, while *rigidness* is not. That is, their status in the lexicon cannot be the same.

Como se depreenderá da análise do teste aplicado sobre restrições e bloqueio de algumas regras de formação de palavras e apresentado no Capítulo 5 do presente livro, tanto no caso das restrições, que atuam à maneira de filtros das regras de formação de palavras, como no caso dos bloqueios, que impedem a eficácia dessas mesmas forças produtivas, há que admitir graus de rigor ou de aplicabilidade. Trata-se muitas vezes antes de uma probabilidade de não ser formada determinada palavra do que de uma proibição categórica. Há que admitir graus no rigor de atuação dos diferentes bloqueios. Exemplificando, pode-se dizer que **roubador* parece estar definitivamente bloqueado por *ladrão* e **inalto*, por *baixo*, mas *formigamento*, registrado no *Aurélio*, não bloqueou *formigação*, de *FPPBC*. Da mesma forma, *desfiguração* e *debilitação*, do *Aurélio*, não bloquearam, respectivamente, *desfiguramento* e *debilitamento*, ambas de *FPPBC*. BASÍLIO 1980, p. 9, diz que

não aceitamos **divulgamento* em português (...) porque o conhecimento de que a forma nominalizada de *divulgar* é *divulgação* faz parte da competência lexical dos falantes de português.

Dos 22 estudantes universitários consultados no teste, 8 aceitaram, no entanto, **divulgamento* ao lado de *divulgação*. Dos verbos formados "ad hoc" para o teste, **facar* foi rejeitado por 14 pessoas consultadas, enquanto *colherar*, por apenas 7. *Frevar*, por outro lado, foi aceito por 16 e *mambar*, por apenas 5.

Observe-se, também, que de muitos verbos se formaram diferentes nominalizações, registradas pelos dicionários, com sufixos de função paralela ou mediante derivação regressiva: (*achincalhar* →) *achincalhe*, *achincalhamento*, *achincalhação*, (*apanhar* →) *apanha*, *apanho*, *apanhação*, *apanhamento*, *apanhadura*. É, pois, mais uma vez oportuno confrontar as regras da sintaxe (a da concordância, p. ex.) com as da formação de palavras. Aquelas são, normalmente, de aplicação mais geral do que estas. Do universo de 22 estudantes de Letras consultados no teste a que se fez referência logo acima, muitos reagiram diversamente, e às vezes bem diversamente, frente a palavras novas que se lhes apresentaram. Sem margem de dúvida se pode afirmar, no entanto, que todos rejeitariam, dentro da norma culta, concordâncias como **Os meninos veio* ou **Os meninos estão alto*.

Com relação ao fato de existirem ou serem possíveis formas paralelas, nominalizações concorrentes, p. ex., do mesmo verbo, como vimos acima com referência ao teste aplicado, e de fatos como *achincalhe*, *achincalhamento* e *achincalhação*, creio merecer consideração, de modo geral, o grau de difusão ou a frequência do uso da forma que se supõe ou espera aja como bloqueio da formação de palavra nova. Pare-

ce-me ser esse o caso, p. ex., de *chateação*, que bloqueou **chateamento*, de *acasalamento* e **acasalação*, *ensalamento* e **ensalação*, exemplos do teste acima mencionado. *Formigamento*, por outro lado, que, como já foi visto acima, não bloqueou *formigação*, é possivelmente uma forma menos difundida ou de uso mais restrito. O mesmo se poderá dizer com relação a *desfiguramento* e *debilitamento*, também citados acima, que não foram bloqueados por *desfiguração* e *debilitação*, e de *clareação*, do *Aurélio*, que não bloqueou *clareamento* (de dentes), palavra que li no “Plano de Serviço Odontológico”, da Associação FUNDEPAR (25.09.87). Essa lista poderia ser, aliás, alongada “ad nauseam”.

Nos itens a seguir abordaremos alguns casos mais comuns de bloqueio: bloqueio por derivados com sufixos de função igual, como os de nominalizações de verbos, bloqueio de formas complexas por formas simples ou outras formas complexas, casos diversos de bloqueio, bloqueio e estilística e alguns casos de não-bloqueio da produtividade lexical na linguagem infantil.

BLOQUEIO POR DERIVADOS COM SUFIXOS DE FUNÇÃO IGUAL

Embora se deva contar com ou levar em conta numerosas exceções (veja, p. ex., as formações *internação* e *internamento*, *avacalhação* e *avacalhamento*, registradas pelo *Aurélio*), pode-se, de maneira geral, prever que uma derivação, como se observou acima, principalmente se ela for de uso freqüente ou muito difundida, bloqueie outra a ser formada com sufixo de igual função. Penso ser esse o caso de *trancamento* e **trancação*, *estranhamento* e **estranhação*, *posicionamento* e **posicionação*, *tombamento* e **tombação*, *musculação* e **musculamento*, *desmascaramento* e **desmascaração*, *infeccionamento* (da *Gazeta*, de 22.05.87, p. 6) e **infeccionação*, *avaliação* e **avaliamento*, *cegueira* e **cegueza(a)*, *surdez* e **surdeira*, *facilidade* e **facilidez*, *laqueadura* (de *FPPBC*) e **laqueagem* etc. Embora haja muitos pares formados por derivações regressivas e derivados em *-ção* e *-mento* ou outros sufixos formadores de nomes de ação (*refinação* e *refino*, *desarmamento* e *desarme*), pode-se prever também um bloqueio entre esses tipos de derivados: *envio*, **enviamento* e **enviação*; *engorda* e **engordamento*; *desossa* (de *FPPBC*) e **desossamento*, *embarque* e *embarcamento* (registrado pelo *Aurélio*, mas rejeitável, porque não está em uso).

Observe-se, por outro lado, que, quando a base é polissêmica, são possíveis formas diversas, de semântica naturalmente também diversa: *claro* → *claridade* e *clareza*, *amargo* → *amargor*, *amargura* e *amargueza*, *verde* → *verdor* e *verdura*, *estrela* → *estrelado* e *estreludo* (*estreludo* ocorreu em contexto de linguagem de propaganda: *cheque*

estreludo), *velho* → *velhice*, *velharia* e *velheira*, *simples* → *simplicidade*, *simpleza* e *simplicismo* (v. *simplicita*), *seguro* → *segurança* e *seguridade*.

A especialização de sentido de uma palavra – forma de lexicalização – pode levar à anulação do bloqueio de formas com outros sufixos de função igual: *salvar* → *salvação* e *salvamento*, *ressurgir* → *ressurreição* e *ressurgimento*, *rolar* → *rolamento* e *rolagem*, *medicar* → *medicamento* e *medicação*, *receber* → *recepção* e *recebimento*, *plantar* → *plantação* e *plantio*, *regular* → *regulamento* e *regulagem*.³⁸ O professor Geraldo Mattos participou-me que, em aula, opôs, certa ocasião, por razões eufêmicas, pela criação de *vagabundice* (não está no *Aurélio*), em lugar de *vagabundagem*, porque esta forma tem a conotação, muitas vezes, de ‘conduta sexual desregrada’.

Parece-me que se pode considerar também um caso de bloqueio o de pares homófonos heterógrafos como *caçar* e *cassar*. Veja-se a distribuição fixa (e definitiva?) das formas *caça* (derivação regressiva), *caçada* e *cassação*, por um lado, e de formas parônimas: *casar* → *casamento* e as anteriores, por outro. **Cassa*, **caçamento* e **cassamento* são formas que se podem considerar definitivamente bloqueadas (quanto a *casação*, veja-se a nota 38 deste livro). Ao tempo em que estava redigindo este parágrafo li, por outro lado, na *Folha*, de 25.09.87, p. A-2, a palavra *cassador*, homófona heterógrafa de *caçador*.

BLOQUEIO DE FORMAS COMPLEXAS POR FORMAS SIMPLES OU OUTRAS FORMAS COMPLEXAS

Exemplos de formas simples (vale sempre o enfoque sincrônico) que não permitem a formação de palavras complexas:

– *Ridículo*, adjetivo convertido em substantivo (*ridículo* → *o ridículo*), bloqueia **ridiculeza* ou **ridiculidade*.

– Como já foi mostrado acima, *ladrão* bloqueia **roubador* (cf., no entanto, *arrombador*, *corredor*, *desentupidor*, derivados de *arrombar*, *correr* e *desentupir*, respectivamente).

– Compare as seqüências derivacionais *silêncio* → *silencioso* → **silenciosidade* e *valia* → *valioso* → **valiosidade* com

³⁸ Tenho anotado, da linguagem informal, formações de palavras em *-ção*, muitas vezes paralelamente a outras, derivações regressivas ou sufixações em *-mento*, *-dura*, *-agem* etc., cuja semântica une, como ingredientes principais, as idéias de “iteração” e “desapreço”: *coçação* (de saco), *encheção* (de saco, de paciência), *fazeção* (de filhos), *esfregação*, *empurração*, *bateção* (de pernas), *pingação*, *molhação*, *varreção* etc. Uma mãe me disse que o filho, de 4 anos, “estava na idade da *perguntação*”. A uma outra pessoa ouvi dizer: “Todo dia essa *levantação* (cedo) e *trabalhação*.” (v. em FROTTA 1985, p. 33ss., o capítulo sobre as formações pejorativas com o sufixo *-ção*).

valor → *valeroso* → *valorosidade*. *Valorosidade* não foi bloqueado por *valor* por causa da deriva semântica, que já se deu, aliás, em *valeroso*.

– O *Aurélio* registra *foiçar*, *machadar* e *vassourar*, derivados de *foice*, *machado* e *vassoura*. No entanto, embora eu tenha nascido e vivido muito tempo em região agrícola, onde a foice e o machado eram ferramentas “de cada dia”, nunca ouvi os verbos *foiçar* e *machadar*, como também nunca ouvi o verbo *vassourar*. Mesmo admitindo que se possa estar frente a fatos de variação dialetal, creio que se pode afirmar que *roçar*, *cortar* e *varrer* bloqueiam, se não em toda parte, ao menos em certas regiões, *foiçar*, *machadar* e *vassourar*.

– Por conversão, o adjetivo *moreno* foi substantivado: o *moreno* pode ser o ‘homem moreno’ ou a ‘cor morena’. Em *FFPBC* foi registrada, entretanto, a forma *moreneza* (“a moreneza do socialismo de Brizola”, isto é, o ‘socialismo que não é nem europeu nem asiático’). Temos aqui mais um caso de deriva semântica a explicar um não-bloqueio.

– Numerosos são os adjetivos complexos formados com o prefixo negativo *in-*: *infeliz*, *inábil*, *inculto*. Não se formaram, porém, **ingrande*, **inlargo*, **inlongo* etc., porque já existem os simples *pequeno*, *estreito* e *curto*, antônimos de *grande*, *largo* e *longo*, respectivamente.

– De *soldar* formou-se *soldador*, de *pregar*, *pregador* e de *jogar*, *jogador*. De *ensinar* não se deriva, entretanto, **ensinador*, nem de *aprender*, **aprendedor*, porque o lugar já está ocupado por *professor* e *aluno* ou *aprendiz*, respectivamente.

Exemplos de formas complexas que bloqueiam outras formas complexas:

– É muito produtiva, como já vimos acima, a regra que forma nomes de agente em *-dor* a partir de verbos: *receptor*, *armador*, *trabalhador*. Não se formam, entretanto, **estudador* e **viajador*, porque *estudante* e *viajante* já ocupam os lugares.

– A regra que permite formar verbos em *-izar* a partir de adjetivos e cujo produto é ‘tornar X (X = base da derivação, isto é, o adjetivo: *agilizar* é ‘tornar ágil’) é igualmente muito produtiva: *concretizar*, *caotizar*, *amenizar*, *feminilizar*. Não se aceitará, porém, **profundizar*, formação que ouvi em fala de improviso, porque já existe *aprofundar*, derivação parassintética.

– *Desestabilizar* é forma estabelecida no léxico. Sua origem se explica pela prefixação de *estabilizar* e não pela sufixação de **desestável*, pois essa forma foi e continua sendo bloqueada por *instável*, resultado da evolução da forma latina *instabile*.

– O distanciamento fonológico entre *discutir* e *discussão* levou à formação de *discutição* por sufixação de *discutir*. *Discutição* é verbete do *Aurélio*, onde é caracterizado como forma popular, fato testemunhado por alunos meus do Curso de Letras. *Discutição* é exemplo do que MATTHEWS 1982, p. 54, chama de *hiper-regularidade*, sendo também

exemplo de caso em que o bloqueio por forma difundida na variedade mais culta da língua não foi eficiente em variedade menos culta.

BLOQUEIO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL E ASPECTOS DE ESTILÍSTICA

Em “Restrições à produtividade lexical e aspectos de estilística”, do presente livro, foi mostrado como a desobediência, dentro de certos limites, às restrições às regras de produtividade lexical pode atribuir a uma criação lexical especial força estilística, pois se presta ao desempenho das funções expressiva e apelativa da linguagem, no sentido de BÜHLER 1934, p. 12ss., e de MATTOSO CÂMARA 1977, p. 10ss. Pois queremos mostrar aqui que também o desrespeito a determinados bloqueios de regras de formação de palavras pode assumir caráter estilístico, isto é, contribuir para que a mensagem que se queira transmitir o seja com mais eficiência, isto é, chegue mais vivamente ao receptor ou destinatário.

Alguns exemplos:

– A larga difusão e uso dos adjetivos não-complexos *fácil* e *simples* deveria bloquear normalmente a formação de *descomplicado*, forma registrada pelo *Aurélio*, mas praticamente desconhecida ou desusada. Dizer de uma coisa ou pessoa que ela é *descomplicada* tem, pois, uma força comunicativa muito grande.

– De uma superfície ou objeto cobertos de estrelas se diz que são ou estão *estrelados*. Linguagem de propaganda criou, no entanto, o termo *estreludo*, para falar de cheque, em que o número de estrelas, numa referência clara ao sistema de indicar o grau de excelência de hotéis pelo número de estrelas, era indicativo de validade, credibilidade e liquidez do documento bancário. A criação do termo novo *estreludo*, ao lado do termo bem difundido *estrelado*, é o caso, parece-me, em que o bloqueio não foi eficiente, tendo-se, como resultado, uma nova unidade lexical muito expressiva.

– Chamo aqui também a atenção para a Nota 27 deste livro, em que se mencionou a formação de nomes de ação em *-ção*, ao lado, muitas vezes, de outros já existentes em *-agem*, *-dura* e *-mento*. Também eles têm uma força comunicativa que merece destaque: Todo dia essa *lavação* de roupa! A noite inteira essa *pingação*! Pare com essa *perguntação*! *Lavação*, *pingação* e *perguntação* não são simples nomes de ação, de emocionalidade neutra. A idéia de ‘ação’ acresçam-se as de ‘iteração’ e de ‘desapreço’.

CASOS DE NÃO-BLOQUEIO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL NA LINGUAGEM INFANTIL

No teste aplicado a 22 estudantes do 2º ano de Letras da Universidade Federal do Paraná e que será apresentado e comentado no Capítulo 5º deste livro,¹⁴ rejeitaram a palavra **facar*, 7 a acharam estranha e 1 a considerou forma nova aceitável. O teste não inquiriu o motivo da rejeição, mas podemos admitir que seja por causa de *esfaquear* ou *cortar* – possivelmente, tendo em vista aspectos semânticos, mais por esta forma do que por aquela. O verbo **facar* foi, no entanto, ouvido por mim da boca de criança de 4 anos. Fatos semelhantes me foram testemunhados, uma vez pela mãe de menino de 4 anos, o qual formou **planar* a partir de *plano* ‘projeto’ (*planejar* não bloqueou o verbo novo), **pinturar*, no sentido de *maquiar* (*pintar*, que o menino continuava usando no sentido de ‘aplicar tinta’, não bloqueou **pinturar*), e **tintar*, no sentido de ‘aplicar tinta’ (*pintar* também não bloqueou **tintar*), outra vez pelo pai de menino de 3 anos e meio, que criou **allicatar* e **chavar* (este a partir de *chave de fenda*), e ainda pela mãe de menina de 5 anos, que construiu a frase **Eu deslembrei tudo*. *Deslembrear* não foi bloqueado por *esquecer*, como devia ter sido. Não tenho feito observações sistemáticas sobre a linguagem infantil, mas creio que o estudo do bloqueio ou não-bloqueio de palavras novas seria um rico filão a ser explorado. Como explicar que **facar*, **planar*, **pinturar*, **allicatar*, **chavar* e **deslembrear* não foram bloqueados? Creio que a explicação é semelhante à que se dá para formações verbais como **fazi* ou **dizi*, em lugar de *fiz* e *disse*. Se, por um lado, a criança já internalizou os mecanismos lexicais que lhe permitem gerar **facar*, **pinturar*, **planar*, **allicatar*, **chavar* e **deslembrear* e o mecanismo gramatical da conjugação que produziu **fazi* e **dizi*, de outro lado ainda não estão solidificados inteiramente os conhecimentos de que, p. ex., a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito de *fazer* e *dizer* é irregular, isto é, *fiz* e *disse*, e que o antônimo de *lembrar* é *esquecer*, que *fazer planos* é *planejar*, e que *usar a faca* se expressa por *cortar com a faca* ou *esfaquear*. No caso de **fazi* e **dizi* pode-se dizer que a criança tem o domínio do mecanismo dito regular da conjugação verbal, mas não das formas irregulares. No caso de **facar* etc. pode-se afirmar que a criança está numa fase em que domina as regras gerais de formação de palavras mas não os bloqueios dessas regras. DRESSLER 1985, p. 6, diria: “Técnicas más diagramáticas son aprendidas antes en la adquisición del lenguaje em niños, que técnicas menos diagramáticas.”

5

TESTE DE COMPETÊNCIA LEXICAL

INTRODUÇÃO

Como se procurou enfatizar na introdução do presente estudo, a competência lexical do usuário de uma determinada língua apresenta dois aspectos: um, analítico, outro, sintético. Aquele, mais “passivo”, dá ao usuário condições de analisar a estrutura das palavras, isto é, formar juízos sobre se as unidades lexicais são simples, monomorfemáticas, ou complexas, polimorfemáticas. Para chegar a essa análise, valemo-nos tanto da forma, do significante, como do conteúdo, do significado, das palavras, o que nos permite formar uma rede de associações, cotejando cada forma com outra ou outras, estabelecendo que elementos são co-radicais, que formas contêm os mesmos afixos, que formas são primitivas, quais são derivadas, ou quais unidades lexicais contêm o mesmo elemento de composição e qual a relação sintático-semântica entre os elementos do composto. Tal competência faculta-nos, p. ex., afirmar que *aviar*, *desviar* e *enviar* são formados, por derivação parassintética, do substantivo erudito *via*, sendo que *avio*, *desvio* e *envio*, nomes de ação, são, por sua vez, formados daqueles verbos por derivação regressiva (de *aviar* também se formou, por processo aditivo de sufixação, o nome de ação *aviamento*). A mesma competência permite-nos também ver em *conceber*, *perceber* e *receber* a raiz presa *-ceb-*, a qual é *-cep-* em *acepção*, *concepção*, *decepção*, *percepção* e *recepção*, *-cip-* em *incipiente* e *recipiente* e *-cei-* em *receita* e *conceito*, paradigma que apresenta, como se pode ver facilmente, numerosas lacunas. Quando uma raiz ou base primitiva é de largo uso (*pôr* e seus derivados prefixados *compor*, *depor*, *repor* etc. e os derivados sufixados destes, *composição*, *deposição* e *reposição*, p. ex.), a tarefa de estabelecer a rede de associações é, naturalmente, mais simples que no caso de *via* e derivados ou de uma raiz presa como *-ceb-* (variantes *-cep-*, *-cip-* e *-cei-*).

O segundo aspecto da competência lexical é o sintético, o mais “ativo”, isto é, aquele que nos permite formar palavras novas, servindo-nos de morfemas ou palavras que já integram o léxico, o processo mais comum (*experiência* + *-al* → *experiential*, *bóia* + *fria* → (o) *bóia-*

fria), ou unindo fonemas da língua para formar lexemas inteiramente novos (*tiiti, fofoca*), processo extremamente raro, hoje.

No presente livro privilegia-se este último aspecto da competência lexical, a saber, o da produtividade lexical e das restrições e bloqueios que disciplinam e limitam a produção de unidades lexicais novas. Após a apresentação de diversos aspectos da produção de palavras novas, de aspectos das restrições que inerem às regras de formação de palavras e dos bloqueios que podem frustrar a força criativa dessas mesmas regras, servindo-me para isso de palavras coligidas do dicionário *Aurélio*, de *FPPBC*, de jornais e revistas, de textos de propaganda, de palavras, enfim, anotadas da conversação nas oportunidades mais diversas ou formadas “ad hoc”, parece-me oportuno um capítulo em que será apresentado e analisado teste de sondagem da competência lexical a respeito de algumas palavras novas, formadas para a ocasião, de acordo com regras vivas do português atual.

A afirmação de que a formação de palavras novas se faz de acordo com regras, dentro de modelos que se fixaram no uso e sistema de determinada língua, e que, além disso, formas existentes e difundidas na língua podem frustrar a produtividade de determinado modelo ou regra leva a supor e admitir que formações novas possam ser aceitas ou rejeitadas pela intuição de usuários de uma língua. Com base nessa hipótese, selecionei alguns processos de formação de palavras vivos do português de hoje para testar a intuição de que acima se fez menção. Cinco testes, quatro de sufixação e um de prefixação, visavam observar até que ponto aspectos restritivos levavam à rejeição de formações novas. Até que ponto formas novas eram consideradas inaceitáveis por razões de bloqueio por formas já incorporadas à língua era o objetivo de dois testes de sufixação. Como se mostrará, a propósito principalmente da análise do “Teste G” (formação de verbos em *-ar* a partir de substantivos), o critério para considerar uma palavra “nova” encerra sua problemática especial.

Exemplificando o acima exposto, tomemos a formação de adjetivos em *-ento*, a partir de substantivos. Como acabou de ser dito, existe em português uma regra ou modelo de formação de palavras que permite, mediante o acréscimo de *-ento* a uma base substantiva, formar adjetivos: S + *-ento* → A. Nessa formulação já está colocada, portanto, uma restrição importante: a base tem de ser um substantivo. Mas a observação da semântica dos produtos, isto é, dos adjetivos, levou à verificação de que há um traço comum à maioria deles, a saber, a carga emocional negativa: *visguento, gosmento, chulerento, xexelento*. O exame ulterior desses produtos levou à constatação de outra generalidade: a base da maioria desses adjetivos também evoca sensações ou impressões negativas (pode ser esse um aspecto subjetivo ou dependente de contexto): *visgo, gosma, chulé e xexé*. Com isso estabelece-se a possibilidade de uma segunda restrição: *-ento* une-se, hoje (no passado

criaram-se formas de conteúdo emocional neutro: *nevoento*, *cruento*, *pedrento*), basicamente apenas a bases substantivas de conteúdo negativo. A hipótese que se formula é, pois, de que, se *-ento* se une, hoje, apenas a substantivos de conteúdo depreciativo, formações novas que não respeitam essa dupla restrição serão rejeitadas (veja-se mais sobre formações com o sufixo *-ento* no item seguinte, “Teste A”).

Antes de partir para a apresentação e análise dos testes individualmente, julgo importantes mais alguns esclarecimentos e observações de caráter geral:

– As palavras são apresentadas, nos vários testes, invariavelmente em simples ordem alfabética. Formas novas e conhecidas, formas aceitáveis, inaceitáveis ou estranhas aparecem, portanto, misturadas. Formas novas são apresentadas juntamente com formas conhecidas para introduzir o testando num terreno sob certa forma familiar, mostrando-lhe que o modelo ou regra em questão foi produtivo no português e que, possivelmente, o continua sendo.

– Para chegar a uma forma possivelmente mais aperfeiçoada dos testes foram aplicados pré-testes, um a 19 professores universitários (na p. 23 do presente livro fez-se alusão ao mesmo) e um a estudantes do 1.º ano do Curso de Letras. No teste aplicado aos professores universitários havia um questionário sobre o sufixo formador de adjetivos *-esco* (v. p. 23). Essa parte foi excluída, porém, do teste definitivo, porque o resultado revelou que há, mesmo entre professores universitários – a maioria do Curso de Letras – muita divergência ou grande insegurança quanto à função desse sufixo. No teste aplicado a alunos havia, no questionário sobre o prefixo negativo *in-*, p. ex., itens como **inevitar*, **irrecuperar* e **inconsolar*, formações francamente inaceitáveis, porque infringem a restrição de unir, hoje, esse prefixo a verbos de natureza dinâmica. Muitos consideraram, no entanto, esses verbos conhecidos ou aceitáveis por causa da associação com os adjetivos estabelecidos no léxico *inevitável*, *irrecuperável* e *inconsolável* (uma testanda chegou a escrever esses adjetivos ao lado dos verbos). Ao teste definitivo foi, também, acrescentada a solicitação de que toda palavra nova considerada boa ou aceitável fosse apresentada dentro de um contexto ou lhe fosse atribuído um significado. Essa exigência tinha como vantagem, entre outras, a de obter informação sobre interpretações subjetivas ou a constatação de que uma formação, à primeira vista inaceitável, pode não sê-lo se a cercarmos de um contexto adequado. Exemplos de interpretação subjetiva tirados dos testes: “*Não me venha com essa adolescentice outra vez!*” e “*Só podia ser coisa de adulto – só podia ser adultice!*” Exemplos em que o contexto legitima uma formação à primeira vista rejeitável: “*Seu pente está muito cabelento*” e “*O chão do ‘box’ ficou cabelento depois do banho*”. *Orelhento* foi considerada inaceitável por 14 testandos, estranha por 7 e conhecida por 1. Um contexto como livro *orelhento*, isto é, livro com muitas orelhas-de-burro,

legitimária, no entanto, a formação *orelhento*. Na *Folha*, de 20.09.87, p. A-3, encontrei *filosofices*, no seguinte contexto: “(...) é prolixo e seus textos são só filosofices (não confundir com filosóficos).”

– Para o preenchimento do teste solicitou-se o seguimento dos seguintes passos: “1. Sublinhe as palavras conhecidas; 2. Dentre as palavras novas, assinale com um (*) as inaceitáveis e com um (?) as que Você acha estranhas; 3. As palavras sem marca nenhuma são novas, boas ou aceitáveis. Atribua-lhes um significado ou dê-lhes um contexto.” O assinalamento com (*) e (?), para especificar formas inaceitáveis e estranhas ou de gramaticalidade negativa ou duvidosa, respectivamente, segue praxe lingüística geralmente adotada. Luís Gonzaga Caleffe, professor do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, com larga experiência em levantamento de dados e pesquisas educacionais (fez doutoramento nessa área nos Estados Unidos e é há muitos anos técnico e atualmente chefe do Departamento de Pesquisa e Planejamento da Fundação Educacional do Estado do Paraná – FUNDEPAR), que respondeu ao pré-teste, disse-me que, a seu ver, teria cabido uma quinta alternativa, isto é, além de caracterizar os itens como a) conhecidos, b) novos inaceitáveis, c) novos estranhos e d) novos aceitáveis ou bons, deveria ter sido dada oportunidade para a resposta e) “Não sei (posso) dar opinião.” Seja como for, os resultados dos testes foram satisfatórios, eis que, como se verá adiante, as hipóteses formuladas sobre o funcionamento de regras de formação de palavras novas, restrições e bloqueio, e sobre o desempenho dos testandos se confirmaram.

– Como acabei de afirmar, o resultado do teste confirmou e solidificou as expectativas e hipóteses. Mesmo assim, deve-se ter, penso eu, um certo grau de desconfiança sobre sua validade. Talvez porque a situação de entrevista ou teste produza, por sua artificialidade, no entrevistando ou testando, certo bloqueio. O saber que o resultado da entrevista ou teste será analisado e avaliado impede ou tolhe a naturalidade ou espontaneidade das pessoas, tendo como consequência transtornos na intuição que orienta o julgamento sobre a maior ou menor legitimidade de uma formação nova. Dentre os vários exemplos de observações que fiz e que fundamentam essa relativa desconfiança cito um. No pré-teste aplicado a professores e estudantes constava, entre os adjetivos em *-ento*, *falcatruento*. Incluí essa formação nova (não está no *Aurélio*), porque ouvi um professor pronunciá-la em conversa ao telefone e porque a considereei um bom exemplo de palavra nova bem formada – *falcatrua*, a base, é substantivo e tem sentido negativo. Pois tive uma surpresa: a mesma pessoa que tinha usado, espontânea e corretamente essa palavra ao telefone em conversa informal, assinalou-a no teste com um ponto de interrogação, isto é, considerou-a estranha. A artificialidade da situação de teste afetou a intuição, a capacidade de julgar.

TESTE A – ADJETIVOS EM *-ento*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>azarento(A)*</i>	15	—	3	4
<i>berrugento(A)</i>	14	—	3	5
<i>borrachento(A)</i>	11	6	4	1
<i>cabelento</i>	1	15	3	3
<i>calorento(A)</i>	17	—	3	2
<i>caspento(A)</i>	15	—	2	4
<i>chaguento(A)</i>	5	4	7	6
<i>chuisquento</i>	5	4	6	7
<i>craquento</i>	19	—	2	1
<i>espinhento(A)</i>	16	—	2	4
<i>farrapento</i>	8	1	5	8
<i>feridento(A)</i>	7	6	4	5
<i>florento</i>	—	20	2	—
<i>lesmento</i>	5	4	7	6
<i>molambento(A)</i>	13	1	7	1
<i>orelhento</i>	1	14	7	—
<i>percevejento</i>	2	8	10	2
<i>piolhento(A)</i>	21	—	—	1
<i>roupento</i>	—	18	4	—
<i>sarnento(A)</i>	21	—	—	1

* O (A) indica que a palavra está registrada no *Aurélio*.

Tanto no caso da formação de adjetivos em *-ento* como no de substantivos em *-ice* (v. p. 88), estamos diante de sufixos que hoje se unem a bases de sentido negativo, sendo que o resultado do processo derivacional tem igualmente conotação pejorativa. Como em outros tempos não foi assim (veja o sentido neutro de *planície*, *calvície*, *velhice*, *meninice* e *nevoento*, *pedrento* – do latim recebemos, entre outros, *cruento*, *violento*), é oportuno relembrar o pensamento de MATTOSO CÂMARA 1977, p. 60s.:

Há para assinalar a mais que a expressividade, comum a um grupo de vocábulos da mesma configuração mórfica, *contamina* (o grifo é meu) o elemento mórfico formador. Tem-se assim uma tonalidade afetiva para os sufixos considerados em si mesmos, a qual não raro os distingue melhor do que as significações que a eles se prendem.

E mais abaixo:

Assim se destacam em nosso espírito certos sufixos como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase só nisso que se resume.

A respeito dos adjetivos em *-ento* já foram feitas algumas considerações no item anterior. Àquelas podem-se acrescentar algumas mais, específicas do Teste A, em análise:

Deve estar claro, depois do que já se disse, no item anterior e neste, sobre as formações adjetivas com o sufixo *-ento*, que a expectativa era de que a intuição lingüística dos testandos rejeitasse formações novas cuja base não fosse negativa, ou no mínimo as achasse estranhas, e, ao contrário, aceitasse as que fossem derivadas de bases substantivas de conotação depreciativa. De modo geral, a expectativa foi confirmada: *florento*, *roupento*, *cabelento* e *orelhento*, formados de bases positivas ou preponderantemente neutras, foram rejeitadas ou julgadas estranhas. O mesmo grau de concordância não houve, porém, quanto à aceitação de formações novas cujas bases são negativas ou podem ter carga depreciativa. A causa está, de certo, no fato de a negatividade poder ser dependente de fatores subjetivos ou depender de um contexto para poder ser sentida: estão nessa situação os exemplos do teste *borrachento* (*pão borrachento*), *farrapento* (*roupa farrapenta*) e *lesmento* (*mãos lesmentas* ou *gesto lesmento*). De *percevejento*, por sua vez, tendo em vista as formações estabelecidas, entre outras, *piolhento* e *pulguento*, se esperava que fosse aceito, mas não o foi. A explicação se há de buscar, possivelmente, em fatores culturais. O *percevejo* não faz parte, ou faz parte em grau mínimo, do universo cultural dos testandos.

Causaram espécie, por outro lado, os resultados de *chaguento* e *feridento*, pois essas formas, registradas no *Aurêlio*, deveriam ser do domínio lexical de estudantes de Letras e ser assinaladas, conseqüentemente, se não por todos, ao menos pela grande maioria, como formas conhecidas. Na assinalação de *chuvisqueento* houve equilíbrio, rejeitando-a muitos de certo porque não vêem em *chuvisco* uma coisa desagradável. Quanto a *craquento*, finalmente, considerada conhecida, embora não esteja no *Aurêlio*, por 19 dos 22 testandos, pode-se presumir que seja um regionalismo paranaense ou sulino. A respeito da aceitação de *cabelento* por 3 testandos, veja-se o que foi dito no item anterior deste livro.

Vejamos, inicialmente, o que diz sobre o sufixo *-ice* SAID ALI 1971, p. 234:

O sufixo *-ice*, se fizermos abstração do seu papel em *ledice*, *velhice*, *meiguice* e poucos exemplares mais, revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais, produzindo substantivos denotadores de atos que aberram do procedimento de pessoas sérias ou sensatas: *malandrice*, *sandice*, *tolice*, *parvolce*, *gatunice*, *bebedice*, *patetice*, *perrice*, *doudice*, *rabugice*, *fanfarrice*. Por analogia, adquirem sentido pejorativo também outros nomes em *-ice* formados de vocábulos que originariamente significam qualidades, condições ou ocupações sérias: *beatice*, *bacharellice*, *modernice*, *gramatiquice*, etc.

TESTE B – SUBSTANTIVOS EM *-ice*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>adolescentice</i>	—	11	6	5
<i>adultice</i>	—	12	7	3
<i>bacanice</i>	2	5	9	6
<i>burrice(A)</i>	22	—	—	—
<i>cafonice(A)</i>	22	—	—	—
<i>canalhice(A)</i>	18	—	2	2
<i>caretice(A)</i>	20	—	1	1
<i>chatice(A)</i>	22	—	—	—
<i>chochice(A)</i>	1	8	7	6
<i>cretinice(A)</i>	19	—	1	2
<i>criancice(A)</i>	22	—	—	—
<i>fajutice</i>	19	—	1	2
<i>fedelhice(A)</i>	4	1	10	7
<i>jovenice</i>	—	14	7	1
<i>legalice</i>	1	18	3	—
<i>molequice</i>	13	2	4	3
<i>pentelhice</i>	6	4	8	4
<i>ranzinzice(A)</i>	9	4	4	5
<i>sem-vergonhice(A)</i>	21	—	—	1
<i>vesguice</i>	12	1	5	4

— Talvez SAID ALI fosse mais feliz e exato se dissesse que *beatice* parte da base *beato* em seu significado de ‘pessoa excessiva ou fanaticamente devota’ e que nas outras formações se parte, semelhantemente, de bases em que se recriminam ou ironizam o excesso, o exagerado culto ou cultivo, a saber, do rigor gramatical, do espírito modernista ou das virtudes e prerrogativas do bacharel. Independentemente dessa ressalva às afirmações de SAID ALI, a suposição a respeito das restrições para a formação de substantivos em *-ice* está de acordo com o que esse autor diz: *-ice* “revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos” de conotação pejorativa. Esperava-se, conseqüentemente, que formações novas com bases negativas fossem aceitas pelos testandos e, contrariamente, formações com bases positivas ou neutras fossem rejeitadas. Focalizemos alguns resultados do teste:

— As formações a partir de bases positivas ou neutras (*jovenice*, *legalice*, *adolescentice* e *adultice*) foram reputadas inaceitáveis — pela maioria — ou estranhas, sendo que principalmente as primeiras duas foram consideradas não-boas. Os poucos que aceitaram *adolescentice*

e *adultice* atribuíram às bases sentido negativo: “*Deixe de adolescências!*” e “*Adultice é aceitável no sentido de ‘chatice de pessoa adulta’.*” A propósito dessas duas formações, José Borges Neto, que respondeu ao pré-teste aplicado a professores universitários e com quem discuti resultados do teste definitivo, afirmou que podem ser consideradas criações aceitáveis, partindo-se da aceitação de uma negatividade subjetiva. Essa subjetividade há de ser responsabilizada por resultados tão diversos no pré-teste de dois outros professores, p. ex.: Cecília Inez Erthal rejeitou 7 formações e achou estranhas 4 (a metade do total), ao passo que Geraldo Mattos aceitou todas as formações novas.

– *Bacanice* foi julgada inaceitável por 5 testandos, estranha por 9, conhecida por 2 e nova aceitável por 6. Quando incluí essa formação no teste, fi-lo pensando que não fosse aceita por maioria mais representativa. Aprendi, porém, depois, dos alunos, que *bacana*, principalmente quando empregado como substantivo (*o bacana, os bacanas*), pode ter carga emocional negativa. Vejamos um contexto e uma definição dados por testandos: “O cara chegou com toda a sua *bacanice* e foi logo botando banca” e “qualidade de quem se comporta como o bom em tudo, mas que acaba transparecendo (sic!) artificialidade”. *Bacana*, além do sentido de ‘bom, excelente, simpático etc.’, pode referir-se ‘àquele que pensa que é bom ou melhor do que os outros’.

– *Chochice*, registrado pelo *Aurélio*, foi, contra a expectativa, rejeitado ou julgado estranho por grande maioria. Apenas 1 testando afirmou conhecê-la, 6 a consideraram nova e aceitável. O fato de uma forma ter recebido acolhida no dicionário não significa, pois, sempre conhecimento da maioria dos usuários da língua. Os 6 testandos que consideraram *chochice* forma nova aceitável atribuíram-lhe significado negativo: “A festa foi uma *chochice*”, “João saiu do filme (sic!) aborrecido. Nunca vira tanta *chochice*” etc.

A vitalidade atual desse sufixo é testemunhada no seguinte excerto da *Folha* de 08.09.87, p. A-10, de autoria de Joelmir Beting:

Nos últimos anos, a regulamentite aguda e a intervencionice prepotente deram de afugentar o investimento em pesquisa, produção e emprego. (...) a burocraticese destruiu a economia

Ou nesse outro, do mesmo jornal (20.09.87, p. A-3), citado já no item anterior e que repito, por ser oportuno: “(...) é prolixo e seus textos são só filosóficos (não confundir com filosóficos).” Também FROTA 1985, p. 40, dá destaque à produtividade desse sufixo: “(...) existem, por um lado, centenas de formações em *-ice* com sentido pejorativo (...).” E logo adiante: “Ao montarmos o *corpus*, com mais de duzentas palavras além das inúmeras formas novas que a cada dia surgem, (...).”

Finalizando, gostaria de dar destaque a mais um fato. Nos pré-testes constavam as formas *carioquice*, *mineirice* e *gauchice*, essa e aquela, tiradas do *Aurélio*, o qual lhes atribui sentido neutro ou conotação valorativa (no caso de *carioquice*), esta, formada “ad hoc”. Como os resultados foram muito diversificados, não incluí nenhuma dessas palavras no teste definitivo. Talvez o devesse ter feito, não obstante a disparidade das respostas, pois esse fato mesmo vem comprovar o que diz das formações em *-ice* com bases que designam gentílicos FROTA 1985, p. 42:

Existe ainda outro caso de formações em *-ice* que podem ter sentido neutro ou pejorativo, dependendo do contexto: as formações derivadas a partir de gentílicos. Esta presença ou ausência de pejoratividade verifica-se também no uso das bases. Ao dizermos que alguém é ‘bem carioca’, por exemplo, podemos estar querendo dizer que a pessoa é ‘muito simpática ou gozadora’ ou que é ‘muito irresponsável ou malandra’, traços culturais atribuídos ao carioca. O contexto em que o gentílico aparece é que determina um ou outro sentido.

TESTE C – ADJETIVOS EM *-udo*

	conhecida		nova	
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>azarudo</i>	3	12	5	2
<i>cabeçudo(A)</i>	22	—	—	—
<i>calçudo</i>	5	11	4	2
<i>casacudo</i>	2	14	6	—
<i>chapeludo</i>	7	5	10	—
<i>classudo</i>	7	6	2	7
<i>dedudo</i>	3	11	6	2
<i>dinheirudo(A)</i>	7	5	6	4
<i>fezudo</i>	—	16	4	2
<i>forçudo(A)</i>	15	3	1	3
<i>lanudo(A)</i>	12	4	3	3
<i>mãozudo(A)</i>	8	4	4	6
<i>peludo(A)</i>	22	—	—	—
<i>pestanudo(A)</i>	3	5	9	5
<i>pezudo</i>	15	2	—	5
<i>posudo</i>	14	4	—	4
<i>raçudo</i>	10	5	5	2
<i>sapatudo</i>	1	11	5	5
<i>sortudo</i>	21	—	—	1
<i>topetudo</i>	11	2	3	6

Creio que, em se tratando de gentílicos e derivados, pode ser acrescentada a ponderação de que o contexto depende de um fato anterior, a saber, da existência ou não de preconceito ou de bairrismo na pessoa que se expressa, de fato subjetivo, portanto.

Qualquer falante do português verifica facilmente que, com o sufixo *-udo*, se formam, juntando-o a bases substantivas, muitos adjetivos que indicam o portador de determinada parte grande do corpo. O meu conhecimento também me dizia isso, mas fui buscar confirmação no *Aurélio*, onde encontrei adjetivos em *-udo* formados a partir de grande número de substantivos referentes a partes excessivamente grandes do corpo humano ou animal: *bundudo*, *chifrudo*, *mãozudo*, *pezudo*, *joelhudo*, *olhudo*, *pentelhudo*, *pestanudo*, *sobrancelhudo* etc. Não encontrei *dedudo*, *cotoveludo* e *tornozeludo*, p. ex., palavras, do ponto de vista dos mecanismos da língua portuguesa, perfeitamente possíveis, mas que não foram formadas ou são de curso pouquíssimo freqüente, por razões possivelmente da realidade da nossa anatomia, dos referentes, portanto: as partes do corpo indicadas pelas bases dificilmente se destacam pelo tamanho excessivo. A manipulação dos adjetivos em *-udo* mostra também logo a existência de muitas formas referentes a qualidades morais ou físicas ou da personalidade das pessoas: *classudo*, *forçudo*, *posudo*, *raçudo*, *sortudo*.

Outros muitos adjetivos podem ser empregados em sentido natural ou figurado: *cabeçudo*, *topetudo*, *peitudo*, *trombudo*, *chifrudo*, *cornudo*, *guampudo* e *galhudo*. Os quatro últimos termos são sinônimos, sendo que *galhudo* é, por sua vez, uma metáfora dos outros três.

Um fato importante logo salta aos olhos: os adjetivos em *-udo* referentes a partes do corpo humano têm, em geral, conotação depreciativa (*orelhudo*, *pesçoçudo*, *papudo*, *barrigudo*), o que não acontece, na mesma proporção, com os que se referem a características de personalidade (*raçudo*, *sortudo*). *Peitudo*, por outro lado, é depreciativo quando tomado em sentido natural, positivo, quando empregado em sentido metafórico.

Não foram, porém, esses aspectos que motivaram a escolha das palavras constantes do teste. O que se queria averiguar era se adjetivos em *-udo* formados "ad hoc" com bases não designativas de partes do corpo ou de traços morais de personalidade (**calçudo*, **casacudo*, *chapeludo* e **sapatudo*) seriam aceitos pela intuição gramatical dos testandos. A hipótese era de que não seriam aceitos, o que se confirmou, com grande maioria, nos casos de **calçudo*, **casacudo* e **sapatudo*, e, com menor índice, no caso de *chapeludo*. Eu não conhecia a palavra *chapeludo* e por isso supus que os testandos também não a conhecessem e possivelmente a rejeitassem, o que não se deu, pois 7 a consideraram conhecida. Aliás, em "Restrições semânticas" já foi feita referência a essa formação e outras: um elemento que não é parte natu-

ral do corpo humano, mas que é parte característica ou permanente da indumentária de uma pessoa, de um grupo regional ou de uma classe social — o chapéu, p. ex. — pode servir de base à formação de um adjetivo em *-udo*. A legitimidade da formação da palavra fica, pois, por assim dizer, na dependência de fatores culturais ou condicionada ao estabelecimento de um contexto: uma pessoa ou grupo de pessoas poderiam ser chamados, numa estória, p. ex., de *calçados*, se se distinguissem pelo uso de calças excessivamente longas ou largas (no último caso *calçado* poderia ser sinônimo de *calça-larga*, composto metonímico não dicionarizado mas que já ouvi).

Outros destaques interessantes do teste são:

— a rejeição de **azarudo*, possivelmente por duas razões: o bloqueio por *azarado* e *azarento* e o sentido negativo da base *azar* (note-se a observação feita acima de que, no caso de adjetivos designativos de qualidades morais ou traços de personalidade (*raçudo*, *peitudo*, *sor-tudo*), a conotação do derivado é preferencialmente positiva, o que não é o caso de **azarudo*);

— a não-aceitação ou o estranhamento de **dedudo*, certamente, conforme foi observado acima, por fatores que dizem respeito à realidade;

— a rejeição, por quase todos os testandos, do adjetivo **fezudo*, possivelmente porque a base *fê* se insere preponderantemente num contexto que trata do sobrenatural ou místico, o que não se dá com as bases das outras formações: *dinheirudo*, *carrancudo*, *pernudo*, *bochechudo*, *raçudo*, *classudo*, *conversudo* (esta última formação ouvi diversas vezes de pessoa residente na capital paulista).

Note-se, finalmente e novamente, que muitos vocábulos, embora registrados nos dicionários (*dinheirudo*, *pestanudo* e *raçudo* entre outros), não receberam a aceitação ou foram considerados estranhos por muitos dos testandos. Estar no dicionário não significa, pois, sempre ser de uso frequente e corrente ou do conhecimento da maioria dos usuários.

Parece-me que a formação de adjetivos com o sufixo *-ável/-ível* é bem um exemplo de como é preciso distinguir o que foi feito do que se faz ou pode fazer em termos de formação de palavras. É compreensível, por outro lado, que não se pode tratar este assunto, dentro do presente livro, com a extensão e profundidade que ele mereceria e como foi feito por FLURY 1964, p. ex., a respeito do sufixo correspondente do alemão *-bar*. Na obra *Estrutura e História do Significado do Sufixo Adjetivo -bar*, se diz, à p. 110:

Adjetivos deverbais em *-bar* possibilitam a transposição de uma expressão verbal para o nível nominal e sua reprodução sob a forma de adjetivo (...). As sufixações em *-bar* a partir de verbos vêm ao encontro da preferência atual por formas de expressão passivas e expressam claramente a relação sujeito-predicado.

TESTE D – ADJETIVOS EM *-ável/-ível*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>abrível</i>	5	—	5	12
<i>brilhável</i>	3	9	8	2
<i>chegável</i>	1	10	10	1
<i>confundível(A)</i>	20	—	1	1
<i>contornável(A)</i>	19	—	—	3
<i>costurável</i>	9	—	1	12
<i>dependível</i>	1	10	9	2
<i>fechável</i>	1	2	7	12
<i>ficável</i>	—	16	6	—
<i>ganhável(A)</i>	1	7	5	9
<i>jogável</i>	2	8	4	8
<i>lavável(A)</i>	22	—	—	—
<i>localizável(A)</i>	11	3	2	6
<i>perdoável(A)</i>	22	—	—	—
<i>permanecível</i>	4	8	9	1
<i>respondível</i>	12	1	4	5
<i>roubável</i>	3	1	9	9
<i>trafegável(A)</i>	19	1	—	2
<i>transitável(A)</i>	20	—	—	2
<i>vencível</i>	10	1	6	5

As causas responsáveis pela produtividade atual desse modelo de formação de palavras estão expressas mais clara e explicitamente, porém, em DARDANO 1978, p. 58:

À-bile ha avuto una grande fortuna nella lingua moderna per tre motivi: a) realizza un'economia di mezzi linguistici; b) costituisce una base per la trasformazione nominale *giustificabile* → *giustificabilità* (...); c) comporta una trasformazione negativa (*giustificabile* → *ingiustificabile*), la quale può fungere anch' essa da base per la trasformazione nominale (*ingiustificabile* → *ingiustificabilità*).

Quanto ao que se disse acima, isto é, de que é preciso distinguir o que se fez com esse sufixo do que se faz hoje com ele, falamos como os seguintes, os quais se constituíram em base para a elaboração e análise do *Teste D – Adjetivos em -ável/-ível*, ora em exame: hoje o sufixo *-ável/-ível* se une exclusivamente a verbos transitivos, passíveis de conversão para a voz passiva. THIELE 1981. p. 109, diz das formações

correspondentes em *-able/-ible* do francês: “Esse tipo é fortemente produtivo, sendo que nem todas as formas potenciais são registradas pelos dicionários.” FLEISCHER 1982, p. 251, referindo-se às formações correspondentes do alemão em *-bar*, expressa a restrição quanto à escolha da base verbal da seguinte forma:

A maioria dos casos têm um verbo transitivo capaz de ser passivizado como base (...), e a formação resultante indica então que a ação expressa pelo verbo pode realizar-se em relação a um objeto determinado: *frutas comíveis* – *as frutas podem ser comidas*, *doença curável* – *a doença pode ser curada*, (...).

Em *FPB* ocorreram 9 formações em *-ável/-ível*, derivadas todas de verbos transitivos diretos: *degradável*, *descartável*, *engrossável*, *gerenciável*, *instrumentalizável*, *laterizável*, *pressentível*, *solucionável* e *suprimível*, cuja semântica é, invariavelmente, “que pode ser X (X = verbo da base): *degradável* = *que pode ser degradado*, *descartável* = *que pode ser descartado* etc.” Formações como **sentável*, do contexto **Esta cadeira não é sentável*, frase pronunciada jocosamente pelo Prof. Geraldo Mattos, com o objetivo de questionar minha afirmativa de que o verbo-base tem de ser transitivo, isto é, capaz de ser passivizado, são agramaticais.

Com a regularidade e simplicidade semântica das formações novas compare-se a variedade semântica de formações mais antigas, fato que se deve à lexicalização e a modificações do modelo produtor: *notável* ‘digno de nota’; *memorável* ‘digo de ser lembrado’; *condenável* ‘que deve ser condenado’; *reprovável* ‘que deve ser reprovado’; *amável* ‘digno de ser amado’ (v. *Aurélio*), ‘atencioso’, ‘de trato ameno’ etc.; *formidável* ‘muito bom’; *estável* ‘fixo’, ‘permanente’; adjetivos com valor ativo: *agradável* ‘que agrada’; *durável* ‘que dura’; *mutável* ‘que muda’; *imutável* ‘que não muda’; *infalível* ‘que não erra’; *interminável* ‘que não termina’. Note-se, aliás, que o que THIELE 1981, p. 109, diz dos adjetivos franceses terminados em *-able/-ible* vale também para os do português em *-ável/-ível*, a saber, que a maioria admite (...) a negação com o prefixo *in-*: *inaliénable* (*inalienável*). THIELE (ib.) diz também que muitas formas negadas existem sem o positivo: *infatigable*/**fatigable*, *insatiável*/**satiável* etc. Para o português o *Aurélio* registra *fatigável* e *saciável* ao lado de *infatigável* e *insaciável*, mas pode-se afirmar que as formas prefixadas com *in-* são muito mais frequentes que aquelas. MARCHANT 1969, p. 230, diz dos adjetivos em *-able/-ible* do inglês: “Right from the beginning we have numerous coinages prefixed with *un-* which are very often much earlier than their positive counterparts.”

Comparando o que foi feito no português, em épocas mais ou menos distantes, ou já no latim, por meio desse sufixo, com o que se faz hoje, parece-me que a principal diferença a ser registrada é o sentido ativo de certos adjetivos (*agradável*, *durável*, *infalível*), mais antigos, e o

sentido obrigatoriamente passivo dos formados contemporaneamente: *descartável, gerenciável, solucionável* etc.

Como já foi colocado nas linhas introdutórias do presente item, a suposição a respeito da formação de adjetivos em *-ável/-ível* é a de que esse sufixo sofre hoje a restrição de poder unir-se apenas a verbos transitivos e, mais ainda, normalmente apenas a verbos transitivos diretos. Os adjetivos do teste, formados “ad hoc” a partir de verbos intransitivos, oferecem o seguinte quadro de assinalamentos: **brilhável*: julgado inaceitável por 9 testandos e estranho por 8; **chegável*: tido como inaceitável por 10 e igualmente por 10, estranho; **ficável*: rejeitado por 16 e considerado estranho por 6; **permanecível*: considerado inaceitável por 8 e estranho por 9. O resultado parece claro. Os três testandos que consideraram, p. ex., **brilhável* conhecido só podiam estar equivocados, e os dois que o consideraram um adjetivô novo aceitável propuseram contextos agramaticais: “**A prata é um metal brilhável*” e “**O vaso é brilhável apenas com uma flanela*”. O adjetivo derivado do verbo transitivo indireto **dependível* foi igualmente rejeitado (10) ou classificado como estranho (9). Um testando considerou-o conhecido. Dos 2 que lhe atribuíram a qualificação “novo aceitável”, um não o incluiu em contexto, o outro formou a frase “**Os pais normais não agüentam filhos dependíveis por mais de 18 anos*”, a meu ver francamente agramatical. *Respondível*, palavra não registrada pelo Aurélio, foi considerada conhecida por 12 testandos, estranha por 4, rejeitada por 1 e julgada nova boa por 5. Estes falaram de *questões respondíveis* (2), de *perguntas respondíveis* (2) e de *prova respondível* (1). Parece-me, em consequência, que a regência transitiva direta, isto é, *responder as questões, as perguntas, a prova*, em vez da transitiva indireta, isto é, *responder às questões, às perguntas, à prova*, está se firmando, além da linguagem popular, também no português padrão.

Dos adjetivos novos formados a partir de verbos transitivos diretos, *abrível* e *costurável* obtiveram classificação que correspondeu às expectativas: 12 consideraram *abrível* forma nova aceitável, 5, estranha e 5, conhecida; *costurável* foi considerada estranha por 1, conhecida por 9 e nova aceitável por 12. Já o antônimo de *abrível*, *fechável*, foi recebido com mais reserva, o que também pode ser dito de *roubável*. Quanto a este último adjetivo, julgado estranho por número expressivo (9), talvez se possa dizer que foi a tradução ‘pode ser roubado’, em sua interpretação de ‘é lícito, permitido ser roubado’ (com destaque à idéia de *licitude*), que levou 9 testandos a julgá-la uma formação estranha e 1 a rejeitá-la. Observe-se, em contraposição, que a outra interpretação, ‘é possível ser roubado’ (com destaque à idéia de *possibilidade*), é a que está contida nas frases dos que consideraram essa formação nova aceitável: “*Qualquer carro sem segurança é roubável*”, “*Esconda o ouro*,

pois é facilmente roubável” etc. Bastante inesperado é o resultado de *jogável*: 2 o conheciam, 9 acharam-no forma nova aceitável, 4, estranha, e 8 o rejeitaram. A expectativa era de maior aceitação.

Concluindo, é apropriado dizer-se que, se o resultado do julgamento dos adjetivos novos em *-ável/-ível* derivados de verbos intransitivos e transitivo indireto (refiro-me a *dependível*), formados “ad hoc”, correspondeu às expectativas, o mesmo não se pode dizer dos adjetivos formados com bases que são verbos transitivos diretos, pois esperava-se um maior índice de aceitação dos mesmos.

TESTE E – ADJETIVOS, SUBSTANTIVOS E VERBOS COM O PREFIXO NEGATIVO *in-*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>impagamento</i>	—	19	2	1
<i>impróprio(A)</i>	22	—	—	—
<i>inagressão</i>	1	14	6	1
<i>inagressivo</i>	2	11	5	4
<i>inarrancar</i>	—	19	3	—
<i>incompleto(A)</i>	22	—	—	—
<i>incompatível(A)</i>	22	—	—	—
<i>incontração</i>	—	17	5	—
<i>indegenerado</i>	—	17	5	—
<i>indelicado(A)</i>	22	—	—	—
<i>indevassável(A)</i>	14	—	6	2
<i>inescrupuloso(A)</i>	20	—	2	—
<i>inevitar</i>	5	14	3	—
<i>irruide</i>	—	17	5	—
<i>intransponível(A)</i>	21	1	—	—
<i>inuso</i>	—	17	5	—
<i>invendável(A)</i>	14	3	2	3
<i>inviciado</i>	—	19	3	—
<i>inviolação</i>	2	14	6	—
<i>inviolento</i>	—	18	4	—

Em *FPBC*, p. 27s., ocorreram onze formações novas com o prefixo negativo *in-*, seis substantivos (*indefinição, inelasticidade, inegociabilidade, inverdade, irrealismo, irrealista*) e cinco adjetivos: *iliquidável, inconcluso, indomobilizável, indiscriminatório, insuscetível*. Na ocasião fiz as seguintes constatações e ponderações:

Entre os onze vocábulos não há nenhum verbo; e mesmo entre os substantivos não há nenhum nome de ação ou nome de agente. Tam-

bém no *Aurélio* são raros os verbos com o prefixo negativo *in-* (*indeferir*, *indefinir*). A amplitude do tema não permite investigar a hipótese de que este prefixo se une apenas excepcionalmente a palavras que contêm em sua semântica aspectos dinâmicos.

Posteriormente li em ZIMMER 1964, p. 37, a respeito do prefixo negativo correspondente do inglês *un-*:

While most of the forms in our residual group (as indeed most *un-*derivatives in the total corpus examined) appear to be evaluatively neutral, the number of forms with 'positive' bases is certainly much greater than that of forms with 'negative' ones (....).

E logo adiante:

We can thus say that for the group of forms in question, and especially for the monomorphemic base component of it, our hypothesis that *un-*prefixation is not applied to 'negative' bases seems to be substantially correct, although some exceptions do occur.

Falando do prefixo negativo *in-* do francês, ZIMMER (p. 48) afirma semelhantemente:

Our corpus contains about 350 words in *in-*, etc., that can be classified as having a synchronic derivational relationship with other French adjectives also extant in the corpus. Of this number the following can be considered as exceptions to our hypothetical rule of "no negative prefixes with 'negative' bases": *impeccable*, *incorruptible*, *infaillible*, *irrépréhensible*, *irreprochable*.

As constatações feitas em *FPBC* e os testemunhos colhidos em ZIMMER levaram-me a formular a hipótese de que o prefixo negativo *in-* do português não se une normalmente a bases de conteúdo dinâmico ou negativo. No caso de bases de conteúdo dinâmico trata-se preferencialmente de verbos e substantivos; no caso de bases de conteúdo negativo temos de preferência adjetivos. E essas suposições receberam confirmação ampla nas respostas ao teste ora em exame. O verbo **inarrancar* foi rejeitado por 19 testandos e achado estranho por 3. No caso de **inevitar* a rejeição (14) não foi tão patente, possivelmente por influência do adjetivo co-radical *inevitável*. Os nomes de ação **inagressão*, **incontração*, **inviolação*, **impagamento* e **inuso* foram rejeitados por ampla maioria (ressalte-se, à margem, que ficariam bem formações com *não*: *não-agressão*, *não-contração*, *não-violação*, *não-pagamento* e *não-uso*). Os adjetivos **indegenerado*, **irruide*, **inviciado* e **inviolento*, formados a partir de bases negativas (na base de **inviolento* concorre o fator "conteúdo dinâmico"), foram igualmente rejeitados por expressiva maioria. Não tão expressiva foi a rejeição de **inagressivo*, em cuja base encontramos os conteúdos "dinâmico" e "negativo".

O fato de o sufixo negativo *in-* sofrer a restrição de não se poder unir a verbos faz supor que formações como *independe* (esse verbo não se encontra no *Aurélio*, mas já o ouvi) e *indeferir* sejam derivações regressivas, isto é, *independe* foi derivado de *independente* e *indeferir* foi formado a partir de *indeferido* (← *in-* + *deferido*), expressão própria de despachos em processos ou requerimentos. A semântica de *inutilizar* ‘tomar inútil’, por sua vez, nos diz que o verbo foi formado por sufixação (*inútil* + *-izar*) e não por prefixação (*in-* + *utilizar*); se a formação de *inutilizar* tivesse sido por prefixação, o significado seria ‘não utilizar’, o que não corresponde aos fatos.

Se se compararem, finalmente, os assinalamentos deste teste com os dos seguintes (“Substantivos com os sufixos *-ção* e *-mento*” e “Verbos com o sufixo *-ar*”) chama a atenção o seguinte fato: no teste que envolve formações com o sufixo negativo *in-*, houve muitos asteriscos, isto é, a maioria das formas novas não consideradas aceitáveis foi rejeitada de pronto e categoricamente, ao passo que nos testes que envolviam formações com os sufixos *-ção* e *-mento* e *-ar*, houve muitos pon-

TESTE F – SUBSTANTIVOS COM OS SUFIXOS *-ção* E *-mento*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>acasalação(A)</i>	6	8	7	1
<i>acasalamento(A)</i>	22	—	—	—
<i>afinação(A)</i>	17	1	2	2
<i>afinamento(A)</i>	11	4	2	5
<i>balização</i>	1	7	14	—
<i>balizamento(A)</i>	14	2	5	1
<i>chateação(A)</i>	22	—	—	—
<i>chateamento</i>	4	9	9	—
<i>debilitação(A)</i>	19	1	2	—
<i>debilitamento</i>	5	7	9	1
<i>divulgação(A)</i>	22	—	—	—
<i>divulgamento</i>	7	7	7	1
<i>ensalação</i>	6	6	9	1
<i>ensalamento</i>	21	—	—	1
<i>inchação(A)</i>	19	—	2	1
<i>inchamento(A)</i>	11	2	8	1
<i>internação(A)</i>	16	1	3	2
<i>internamento(A)</i>	19	2	1	—
<i>pichação(A)</i>	21	—	—	1
<i>pichamento(A)</i>	9	2	9	2

tos de interrogação, isto é, muitas formas novas não consideradas aceitáveis foram classificadas como estranhas e não como inaceitáveis. Como naquele teste, a saber, o relativo ao prefixo *in-*, as formas foram consideradas agramaticais porque desrespeitavam restrições, e nestes, a saber, os relativos aos sufixos *-ção* e *-mento* e *-ar*, o problema era mais de bloqueio por forma já em curso na língua, pode-se concluir que as restrições constituem um impedimento mais forte, em geral, do que o bloqueio para a formação de palavras novas.

O Teste F — “Substantivos com os sufixos *-ção* e *-mento*” teve sua motivação ou primeira inspiração na observação de BASÍLIO 1980, p. 9, de que “não aceitamos **divulgamento* em português (...) porque o conhecimento de que a forma nominalizada de *divulgar* é *divulgação* faz parte da competência lexical dos falantes de portugueses.” Contrariamente aos testes anteriores, neste as formas que são consideradas inaceitáveis ou estranhas são-no, não porque tenham sido desrespeitadas determinadas restrições à formação de palavras novas, mas porque uma forma já existente na língua bloqueia a formação de outra, ou porque, em outros termos, determinado lugar já está ocupado. Há que observar, no entanto, que a afirmativa anterior de que uma forma bloqueia outra em determinadas circunstâncias é, muitas vezes, uma afirmação muito forte, pois, se no caso de *divulgação* e **divulgamento* o teste veio confirmar, de maneira geral, a afirmativa de BASÍLIO — 7 testandos rejeitaram **divulgamento* e sete a julgaram estranha —, o mesmo não se pode afirmar de *acasalamento* e *acasalação*, *afinação* e *afinamento*, *inchação* e *inchamento*, *internação* e *internamento*, *pichação* e *pichamento*, todos pares registrados pelo *Aurélio*. Há que observar, por outro lado, que, embora o *Aurélio* tenha acolhido *acasalação* ao lado de *acasalamento*, *inchamento* ao lado de *inchação*, *pichamento* ao lado de *pichação*, os primeiros membros dos pares, isto é, *acasalação*, *inchamento* e *pichamento*, foram considerados inaceitáveis ou estranhos por expressivo número, o que vem confirmar a tese do bloqueio.

**Balização*, **chateamento* e **debilitamento*, possíveis concorrentes de *balizamento*, *chateação* e *debilitação*, respectivamente, não registrados pelo *Aurélio*, foram rejeitados ou assinalados como estranhos por maioria expressiva, especialmente **balização*. *Ensalamento*, que bloqueou *ensalação* de modo geral, constitui provavelmente um paranaensismo ou curitibanismo, pois não se encontra no *Aurélio* e causou espécie, quando de recente reunião de lingüistas brasileiros em Curitiba, a colegas de Brasília e Porto Alegre, que a leram em editais e avisos nos corredores do prédio do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Parece-me não ser inoportuno chamar a atenção, a esta altura — como o fizemos em “Produtividade lexical e lexicalização ou idiomatização” e “Introdução” do capítulo 4 “Bloqueio da produtividade lexical” —, para o fato de a deriva semântica poder ser responsabilizada

pelo levantamento do bloqueio de uma determinada formação nova. Quando *regulamento*, p. ex., passou a significar principalmente 'conjunto de regras' e secundariamente apenas 'ato de regular', isto é, passou a significar mais o efeito, o resultado, do que a causa, ou, em outras palavras, passou do conteúdo dinâmico a conteúdo mais estático,³⁹ criaram-se *regulação* e *regulagem* para o 'ato de regular'. Observe-se, no entanto, que este não parece ser o caso de *internação* e *internamento*. Já em *afinação* e *afinamento*, *inchação* e *inchamento*, pelo testemunho do *Aurélio*, isso se verifica: os substantivos em *-ção* podem indicar o 'ato de X' (X = base verbal), mas indicam preferencialmente o resultado da ação.

TESTE G -- VERBOS COM O SUFIXO *-ar*

	conhecida	nova		
		inaceitável	estranha	aceitável
<i>bolerar</i>	1	1	12	8
<i>frevar</i>	9	—	6	7
<i>mambar</i>	—	2	15	5
<i>rumbar</i>	3	1	9	9
<i>sambar(A)</i>	22	—	—	—
<i>tangar</i>	1	1	12	8
<i>valsar(A)</i>	22	—	—	—
<i>carroçar</i>	—	13	9	—
<i>colherar</i>	4	7	9	2
<i>espetar(A)</i>	22	—	—	—
<i>facar</i>	—	14	7	1
<i>faconar</i>	—	12	10	—
<i>foiçar(A)</i>	14	1	3	4
<i>garfar(A)</i>	13	3	5	1
<i>machadar(A)</i>	6	1	10	5
<i>martelar(A)</i>	22	—	—	—
<i>palitar(A)</i>	21	—	—	1
<i>peneirar(A)</i>	22	—	—	—
<i>pincelar(A)</i>	20	—	1	1
<i>vassourar(A)</i>	7	4	7	4

Este teste pode ser dividido em duas partes, a saber, 1) os verbos de 1 a 7 (*bolerar* a *valsar*), formados a partir de nomes de danças, e 2) os verbos de 8 a 20 (*carroçar* a *vassourar*), formados de substantivos que designam veículos, ferramentas, utensílios etc. Dos verbos do pri-

³⁹ Geraldo Mattos participou-me em discussão desse assunto que prefere os termos *perfeito* e *imperfeito* a *estático* e *dinâmico*, respectivamente.

meiro grupo, *sambar* e *valsar* são conhecidos de todos. *Tangar* é registrado pelo Aurélio, o que não contribuiu em nada para que fosse considerado forma plenamente aceitável. *Frevar* ouvi em transmissão pela televisão de desfile de carnaval de Olinda, e foi, dos verbos não registrados pelo Aurélio, o que mais foi considerado conhecido (9). Como já foi observado no item anterior, os verbos formados “ad hoc” *bolerar*, *mambar* e *rumbar* foram por muitos considerados estranhos, tendo sido rejeitados, porém, por apenas pouquíssimos testandos. É que não é ferida nenhuma restrição à formação desses verbos. Não foram, por outro lado, julgados aceitáveis pela maioria, porque é corrente o uso do sintagma verbal “dançar X” (*dançar valsa*, *samba*, *bolero*, *rumba* etc.) e de certo porque determinados tipos de ritmos de dança não fazem parte da vivência cultural dos testandos, jovens brasileiros em sua totalidade. Observe-se que, não obstante esses fatos, um terço, em média, dos testandos aceitou essas formações com ritmos pouco familiares.

O segundo grupo de formações em *-ar* do teste em exame é constituído de verbos formados a partir de bases que designam “coisas” ou “objetos” que servem de meio ou instrumento para se praticar determinada ação (*pincel* → *pincelar*, *martelo* → *martelar* etc.). Dos treze verbos propostos para análise, nove encontram-se no Aurélio, recebendo, mesmo assim, aceitação restrita *foiçar*, *garfar* e, principalmente, *machadar* e *vassourar*. Pessoalmente nunca tinha tido contacto com essas formações, surpreendendo-me, pois, o fato de quatorze considerarem *foiçar* conhecido, treze, *garfar*, seis, *machadar* e sete, *vassourar*. Conhecia, sim, *roçar* ou *cortar com a foice*, *pegar* ou *espetar com o garfo* (conheço, por outro lado, *garfear* (gíria), no sentido de ‘roubar, furtar’), *cortar com o machado* e *varrer*, e esperava, pois, que essas formas fossem rejeitadas por número maior de testandos. Não sei, além disso, a que fatores atribuir a diversidade de familiaridade com essas formas, constatada entre minha competência lexical e a de expressivo número de testandos. A expectativa se confirmou, sim, no tocante a **carroçar*, **colherar*, **facar* e **faconar*, rejeitadas ou julgadas estranhas por todos ou quase todos, porque bloqueadas, **carroçar*, por *andar de carroça*, *carregar* ou *transportar de carroça*, **facar* e **faconar*, por *cortar com a faca* ou *com o facão* e **colherar*, por *tomar* ou *pegar com a colher*.

Do ponto de vista semântico, observe-se que o sufixo *-ar* é, por sua natureza abstrata e inespecífica, o mais indicado para a formação de verbos do tipo *freno* + *-ar* → *frevar* ‘dançar frevo’ e *vassoura* + *-ar* → *vassourar* ‘varrer, limpar com a vassoura’. Não se prestariam a essa função os igualmente hoje produtivos *-ecer* e *-izar*. Segundo BECHARA 1969, p. 221, *-izar* é um sufixo causativo: *caotizar* ‘tornar caótico’, *humanizar* ‘tornar humano’, e *-ecer*, um sufixo incoativo: *alvorecer*. O Aurélio atribui a *-izar* a semântica de “ação factitiva” e dá como exem-

plos *realizar* e *fertilizar*, a *-ecer* atribui os sentidos de “ação incoativa” (*amanhecer*), “transformação (*amarecelar*) e “mudança de estado” (*envelhecer*); enquanto de *-ar* fala apenas que é desinência verbal de infinitivo. Do sufixo verbal *-ar*, tomado de maneira geral, pode-se, na verdade, dizer apenas que ele tem alguma coisa a ver com a base a que se prende e que ele muda essa base em verbo: *palito* + *-ar* → *palitar* ‘remover resíduos de comida (dos dentes) com palito’; *espeto* + *-ar* → *espetar* ‘furar ou fixar com espeto’; *peneira* + *-ar* → *peneirar* ‘fazer passar na peneira’ ou ‘limpar com a peneira’, *anfritrão* + *-ar* → *anfritrionar* (*Folha*, de 20.01.88, p. A-2) etc.

Concluindo, chamo novamente a atenção para o fato de o bloqueio da formação de determinadas palavras novas não ser limitação do sistema de uma língua, pois assim como de *martelo* e *prego* se formaram, respectivamente, *martelar* e *pregar*, nada impede, da parte do sistema da língua portuguesa, que se formem **facar* e **faconar*. O bloqueio de **facar* e **faconar* é de responsabilidade do uso, que consagrou *cortar* com *a faca* ou *com o facão*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários aspectos aqui abordados, envolvendo a competência lexical e as restrições e bloqueios da produtividade lexical, permitem diversas conclusões. A primeira delas é a de que a competência lexical difere substancialmente da competência sintática ou gramatical. Testemunho da diferença entre essas duas competências seria, p. ex., o fato de alguns testandos terem aceito as formações “ad-hoc” do Teste B **adolescentice* e **adultice*, rejeitadas ou assinaladas como estranhas, no entanto, pela maioria. É que *-ice*, sufixo, hoje de carga emocional depreciativa, une-se apenas a bases negativas, ficando a aceitabilidade de uma formação nova condicionada a esse caráter negativo da base. Ora, *adulto* e *adolescente* não têm normalmente essa conotação de desaprovação, o que o teste veio, aliás, confirmar. Mas fatores subjetivos podem atribuir a essas palavras carga negativa, sendo que, conseqüentemente, os derivados (**adultice* e **adolescentice*) adquirem a legitimidade que normalmente lhes é negada. Dito de outra forma, um contexto adequado pode tornar aceitável uma forma lexical normalmente rejeitada. Ora, esse não é o caso das regras da sintaxe ou da competência sintática. Entre um grupo de estudantes de segundo ano de Letras, caso dos que responderam ao teste, dificilmente alguém aceitaria, em contexto formal, uma sentença agramatical como a seguinte: **Esses são os adultos que os adolescentes não gostam*; ou esta outra, de agramaticalidade mais meridiana: **Os adolescentes não gosta dos adultos*. Um breve exame

dos outros testes integrantes do Capítulo 5 deste livro ampliaria em muito o leque de exemplos em que formas novas rejeitadas por uns tiveram a aceitação de outros, porque se os cercou de um contexto adequado.

De modo geral se pode dizer, me parece, que a agramaticalidade na formação de unidades lexicais não é tão uniforme ou universalmente sentida ou reconhecida como na formação de unidades sintáticas. Vistas as coisas sob outro ângulo, caberia dizer que a formação de palavras novas, confrontada com a formação de sentenças, constitui antes uma “possibilidade” ao lado da “certeza” que se tem de poder formar uma sentença de acordo com suas regras de estruturação. No que diz respeito ao aspecto da formação de palavras, parece-me ser esse também o conteúdo da seguinte afirmação de ARONOFF 1976, p. 35: “(...) though many things are possible in morphology, some are more possible than others.” A propósito da temática em discussão é oportuno também o seguinte pensamento de PRETTI 1983, p. 33:

E, neste aspecto, como o estoque lexical é muito variado nos falantes de uma mesma comunidade (ao contrário da competência gramatical) é muito difícil a um ouvinte vulgar inaceitável um vocábulo, apenas pelo fato de não conhecê-lo.

E mais adiante (p. 34):

Mesmo porque, pode-se tratar de um neologismo necessário ou de uma criação estilística como ocorre na literatura.

As sentenças que o usuário da língua produz, porque de ordinário novas, não despertam a sensação de “novidade”. Diversa é a realidade das unidades lexicais, de ordinário não-novas, isto é, memorizadas ou estocadas e repetidas no ato da fala: normalmente produzem a impressão de novas se tiverem sido criadas no momento do ato comunicativo.⁴⁰ Mesmo assim, há diferenças a registrar: há modelos produtivos no léxico, como a formação de substantivos em *-ção* e *-mento* a partir de verbos (*islamizar* → *islamização*, *sacramentar* → *sacramentação* (Folha, de 17.11.87, p. A-8), *vivenciar* → *vivenciamento*) ou de substantivos em *-idade* a partir de adjetivos em *-ivo*, *-ico* ou *-ável*, *competitivo* → *competitividade*, *científico* → *cientificidade* (cartaz de conferência da Universidade Federal do Paraná), *inegociável* → *inegociabilidade*), em que a forma mais complexa (*islamização*, *sacramentação*, *vivenciamento*, *competitividade*, *cientificidade*, *inegociabilidade*), uma vez conhecida a base (*islamizar*, *sacramentar*, *viven-*

⁴⁰ Quanto à expressão “palavra nova”, há que ressaltar seu aspecto individual. Uma palavra é *nova para alguém* e não necessariamente para toda a comunidade linguística. Há o ato individual de criação da palavra; há o ato individual de adoção da palavra nova e há o fenômeno coletivo de difusão e institucionalização da palavra nova.

ciar, competitivo, científico, inegociável) soa familiar, ou melhor, há um relacionamento como que automático entre base e derivado. Ilustra muito bem o que se está dizendo uma formação nova como *incontívelmente* (Folha de 17.11.87, p. A-5). O *Aurélio* oferece-nos apenas *conter*, não *contível*, nem *incontível* nem *incontivelmente*, derivações sucessivas formadas, aliás, por processos muito produtivos: verbo transitivo direto + *-ável/-ível* (*contível*), negação de adjetivos em *-ável/-ível* com o prefixo *in-* (*incontível*) e formação de advérbios em *-mente* a partir de adjetivos (*incontivelmente*). Em nenhuma etapa, propriamente, dessa derivação em cadeia temos a sensação de formação nova. O mesmo não se dirá, no entanto, de derivados sufixados como *vertebrar* (Folha, de 09.11.87, p. A-2: “Temos que vertebrar o nosso processo de transição”), *penteadérrimo* (Folha, de 24.10.87, p. A-38) e *sarneioma* (Folha, de 23.10.87, p. A-2) ou de cruzamentos vocabulares como *caipiracicabano* (Folha, de 09.11.87, p. A-3) e *Jaiça* (Veja nº 997, de 14.10.87, p. 29: “(...) aquele país que crescia o dobro do Japão com a inflação da Suíça.”) ou ainda de um adjetivo composto copulativo como *bocó-romântico*, registrado no artigo “Pau Neles”, de Paulo Francis (Folha, de 19.09.87, p. A-40): “Mas criou-se um mito bocó-romântico de que a Petrobrás representa nossa soberania em óleo.”

O Capítulo 2, principalmente, mostrou que muitos fatores são estimuladores da produtividade lexical. A *lexicalização*, p. ex., vista na p. 29, é um fator que neutraliza restrições ou afasta bloqueios da produtividade lexical: *centrão*, p. ex., não teria razão de ser como aumentativo de ‘ponto central de um círculo’; esta palavra foi criada, no entanto (Folha, de 09.11.87, p. A-6), e se justifica no sentido de ‘frente ampla de constituintes liberais-conservadores’. Fatores, entre outros, que também abrem caminho para a formação de palavras novas são a metáfora (*orelha-de-burro, lajes-cogumelo protendidas*) e a metonímia (*onze-horas* ‘flor’), bem como a estilística, isto é, a ênfase às funções expressiva e apelativa ou conotativa da linguagem: a semântica de *-oma* ‘tumor’ e *-ite* ‘inflamação’ requer como base palavra que designa parte do corpo humano ou animal: *fibroma, rinite. Sarneioma* (Folha, de 23.10.87, p. A-2) e *regulamentite* (Folha, de 08.09.87, p. A-10), cujas bases não designam partes do corpo humano, desrespeitam, portanto, uma restrição imposta às formações com *-oma* e *-ite*. O estranhamento que essas unidades lexicais produzem contribui, no entanto, para a eficiência do ato comunicativo, o que justifica sua formação. Fato semelhante temos em *sermoneador*, não bloqueado por *pregador* ou *orador sacro*, usado em sentido depreciativo por Emir Caluf, no artigo “A AIDS ideológica ou o vírus socialista” (Gazeta, de 22.05.87, p. 6). O que JUBRAN 1985, p. 27, diz da metáfora na linguagem da propaganda aplica-se, “mutatis mutandis”, às formações que acabei de apresentar:

Assim, o processo metafórico capta com mais eficácia a atenção do leitor, preenchendo o objetivo básico da propaganda: o de provocar, através da elaboração da mensagem, o estranhamento do leitor e, a partir daí, fazer com que ele se interesse pelo texto e, conseqüentemente, pelo que é propagado.

Em “Produtividade lexical e lexicografia” a lição que se colheu foi que os dicionários dão lugar a muitas entradas e verbetes desnecessários. Ou, visto o assunto por outro prisma, há muitas incoerências. Normalmente não são registrados, p. ex., os aumentativos em *-ão* e os diminutivos em *-inho*, sufixos passíveis de serem unidos praticamente a todos os substantivos concretos, no que os lexicógrafos agem corretamente. Da mesma forma não são dicionarizados substantivos com o prefixo *ex-* ‘aquele que era’ (*ex-padre*, *ex-prefeito*), medida igualmente acertada. Em contrapartida são registrados, sem necessidade, muitos termos prefixados com *re-* (*reavaliar*, *revisitar*), *anti-* (*antidemocrático*), *super-* (*superestimar*) etc., ou sufixações com *-idade* (*sagacidade*), *-izar* (*amenizar*) etc. — os exemplos são do *Aurélio*.

Constatação a meu ver importante e que se pôde fazer com base nos testes E “Adjetivos, substantivos e verbos com o prefixo negativo *in-*” e F “Substantivos com os sufixos *-ção* e *-mento*” é a de que as restrições constituem normalmente impedimentos mais fortes à produtividade lexical do que os bloqueios. A estatística dos testes mostrou que é mais forte a tendência a rejeitar, p. ex., **inviado*, em que foi desrespeitada a restrição de unir esse prefixo a base de sentido negativo, do que de não aceitar **divulgamento* por causa da forma consagrada sinônima *divulgação*. A própria existência de numerosas duplas sinônimas como *internação* e *internamento*, *afinação* e *afinamento* confirma esse fato.

O item “Casos de Não-Bloqueio da Produtividade Lexical na Linguagem Infantil” por sua vez, mostrou que a linguagem infantil não obedece sempre às mesmas regras que a linguagem adulta ou a das faixas etárias subseqüentes, no que diz respeito ao bloqueio da produtividade lexical. Em virtude mesmo do estágio de aprendizagem ou de internalização da gramática subjacente à língua não há ainda tantos lugares ocupados por unidades lexicais, não são tantas as palavras ou expressões que se estabeleceram pelo uso, de modo que os verbos **aliciar* e **chavar* foram possíveis de ser formados por um menino de menos de quatro anos, isto é, não foram bloqueados pelas expressões consagradas pelo uso ‘apertar ou prender com alicate/ chave de fenda’.

O resultado do Teste G “Verbos com o sufixo *-ar*” faz-nos repetir a pergunta de BAUER 1983, p. 293: “To what extent is it true to say that the processes of word-formation are rule-governed?” Se não, vejamos: se com substantivos que designam ritmos de dança (*valsa*, *samba*) se formaram verbos mediante o acréscimo do sufixo *-ar* (*valsar*, *sambar*), por que a competência lexical fica indecisa ou rejeita formações como

mambar, rumber, tangar, bolear e frevar, formadas exatamente conforme o modelo das anteriores? O mesmo se diga dos verbos formados com os substantivos que designam instrumentos, ferramentas, utensílios etc. Por que não são aceitos ou são julgados estranhos **colherar, *carroçar, *facar e *faconar*, se foram formados segundo o mesmo modelo que deu origem a *pincelar, martelar e peneirar*, verbos consagrados da língua? Mais imprevisível ainda, no entanto, parece ser a formação de derivados com o sufixo *-esco* (veja teste à p. 26 deste livro), o que nos faz novamente concordar, ao menos no que diz respeito a determinados processos de formação de palavras, com BAUER (ib., p. 294): “(....) it must be asked whether the processes of word-formation are in fact rule-governed, whether they are in principle irregular.”

Estes e outros fatos, finalmente, nos levam a reproduzir aqui a ponderação de MOTSCH 1977, p. 202, de que “apesar de progressos consideráveis, ainda hoje é válida a observação de Wilhelm vom Humboldt de que a formação de palavras constitui ‘a parte mais profunda e misteriosa da língua’” e concordar com BAUER (ib., p. 293) em que, “apesar do grande volume de pesquisas sobre formação de palavras desde que os antigos gramáticos descreveram o sânscrito, o estudo da formação de palavras ainda está em sua infância, (....).”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA TORRES, A. de. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1962.
- 2 ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass. : MIT Press, 1976.
- 3 BACK, E. & MATTOS, G. *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*. São Paulo : F.T.D., 1972.
- 4 BASÍLIO, M. A Função Semântica na Substantivação de Adjetivos. In: *D.E.L.T.A.*, 1986. v.2, n.1, p.37-55.
- 5 _____. *Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa*. Petrópolis : Vozes, 1980.
- 6 _____. *Teoria Lexical*. São Paulo : Ática, 1987.
- 7 BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge : University Press, 1983.
- 8 BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo : Nacional, 1969.
- 9 BÜHLER, K. *Sprachtheorie*. Jena, 1934.
- 10 BURGSCHMIDT, E. Strukturierung, Norm und Produktivität in der Wortbildung. In: Brekle & Kastovsky (eds.). *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn : Bouvier, 1977. p.39-47.
- 11 BUSSMANN, H. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart : Alfred Kröner, 1983.
- 12 CARVALHO, C. de. *Lógica e Psicológica dos Diminutivos*. Dissertação de Mestrado. Niterói, 1976.
- 13 CAVALCANTI PROENÇA, M. Alguns Aspectos de "Grande Sertão: Veredas". *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n.5, p.37-54, 1957.
- 14 CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte : Bernardo Álvares, 1976.
- 15 DARDANO, M. *La formazione delle parole nell'italiano di oggi*. Roma : Bulzoni, 1978.
- 16 DOKULIL, M. Zur Theorie der Wortbildung. *Wissenschaftliche Zeitung der Karl-Marx-Universität Leipzig*, 17. Jahrgang *Gesellschafts- und Sprachwissenschaftliche Reihe*, Heft 2/3, p.203-211. 1968.

- 17 DOWNING, P., 1977. On the Creation and Use of English Compound Nouns. *Language*, n.53, p.810-842. 1977.
- 18 DRESSLER, W. Introducción a la morfología natural. *Nucleo*, p.2-19. 1985.
- 19 ETTINGER, S. *Diminutiv – und Augmentativbildung : Regeln und Restriktionen*. Tübingen : Tübinger Beiträge zur Linguistik 54, 1974.
- 20 FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987.
- 21 FLEISCHER, W. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen : Max Niemeyer, 1982.
- 22 FLURY, R. *Struktur und Bedeutungsgeschichte des Adjektivsuffixes -bar*. Winterthur, 1964.
- 23 FROTA, M. P. *A Expressão do Pejorativo em Construções Morfológicas*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- 24 GÜNTHER, H. N+N: Untersuchungen zum Problem der Produktivität eines Deutschen Wortbildungstyps. In: Lipka, L. & Günther, H. (eds.). *Wortbildung*. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. p.258-280.
- 25 JACOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo : Cultrix, 1971.
- 26 JUBRAN, C. C. A.S. A Metáfora e a Metonímia na Linguagem da Propaganda. *Grupo de Estudos Lingüísticos*, v.10, n.1, p.27-31, 1985.
- 27 LEÓN, V. *Diccionario de Argot Español*. Alianza Editorial, 1980.
- 28 MANSUR GUÉRIOS, R. F. *Português Ginásial*. São Paulo : Saraiva, 1964.
- 29 MARCHAND, H. *The categories and types of present-day English word-formation*. München : Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1969.
- 30 MATTHEWS, P. H. *Morphology – and introduction to the theory of word-structure*. Cambridge University Press, 1982.
- 31 MATTOSO CÂMARA JR., J. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis : Vozes, 1971.
- 32 _____. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1977.
- 33 _____. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro/São Paulo : J. Ozon, 1964.
- 34 MOTSCH, W. Ein Plädoyer für die Beschreibung von Wortbildungen auf der Grundlage des Lexikons. In: Brekle, H. E. & Kastovsky, D. (eds.). *Perspektiven der Wortbildungsforschung*. Bonn : Bouvier, 1977. p.180-202.

- 35 OLSEN, S. *Wortbildung im Deutschen: Eine Einführung in die Theorie der Wortstruktur.* L.A.U.T. Trier : Klage 9, 1985.
- 36 PRETTI, D. Norma e Variedades Lexicais e Urbanas. *Abralin, Boletim n.5*, p.30-39, 1983.
- 37 QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G. & SVARTVIK, J. *A Comprehensive Grammar of the English Language.* London : Longman, 1985.
- 38 ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro : José Olympio, 1972.
- 39 RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro : Livraria Acadêmica, 1970.
- 40 SAID ALÍ, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro : Melhoramentos, 1971.
- 41 SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo.* Bonn : Romanistischer Verlag, 1986.
- 42 THIELE, J. *Wortbildung der französischen Gegenwartssprache.* Leipzig : VEB Verlag Enzyklopädie, 1981.
- 43 ZIMMER, K. E. *Affixal Negation in English and Other Languages.* Suplemento de *Word* 20, 1964.



Este livro foi disponibilizado no site da Editora UFPR
em novembro de 2020.

A obra *Competência Lexical* que a Editora da UFPR coloca à disposição dos leitores, visa examinar a capacidade que o falante nativo do português tem de formar e entender palavras novas. No centro da análise se encontra, portanto, a competência do usuário da língua portuguesa em evitar formações não previstas pelo sistema e em criar novas possibilidades, tornando-se igualmente capaz de avaliar aquelas que lhe são apresentadas.

ISBN 978-65-87448-25-1